

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA - UNIVERSO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSOS DE MESTRADO

RUTH LUCIMAR GOMES

**MULHERES NO ACRE: UMA LEITURA DO COTIDIANO ATRAVÉS DA
IMPRENSA. 1907 – 1917**

Niterói
2010

RUTH LUCIMAR GOMES

**MULHERES NO ACRE: UMA LEITURA DO COTIDIANO ATRAVÉS DA
IMPRENSA 1907 – 1917**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Salgado de Oliveira,
como parte do requisito para obtenção
do título de Mestre em História

Orientadora: Prof^a Dr^a Mary Del Priore

Niterói
2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

G633m Gomes, Ruth Lucimar .

Mulheres no Acre: uma leitura do cotidiano
através da imprensa 1907-1917 / Ruth Lucimar
Gomes.- Niterói, 2010.

119p. il.

Bibliografia: p. 120-124.

Dissertação apresentada para obtenção do
Grau de Mestre em História do Brasil - Universidade
Salgado de Oliveira, 2010.

Orientador: Dsc. Mary Del Priore

1. Mulheres - Acre - Condições sociais. 2.
Mulheres - Acre - História. 3. Jornalismo - Acre -
História - Séc. XVIII. I. Título.

CDD 305.4098112

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

RUTH LUCIMAR GOMEES

**MULHERES NO ACRE: UMA LEITURA DO COTIDIANO ATRAVES DA
IMPrensa. 1907 - 1917**

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 14/04/2010 pela banca examinadora, composta pelos professores:

Prof^a.dr^a. Mary Del Priori (Orientadora)

Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em História da Universo

Prof^a.dr^a. Márcia Amantino

Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em História da Universo

Prof^a.dr^a. Miridan Bugyja Britto Falci

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Que este sol a brilhar soberano
Sobre as matas que o vêem com amor
Encha o peito de cada acreano
De nobreza, constância e valor...
Invencíveis e grandes na guerra,
Imitemos o exemplo sem par
Do amplo rio que briga com a terra
Vence-a e entra brigando com o mar

Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto no sangue de heróis
Adoremos na estrela altaneira
O mais belo e o melhor dos faróis
(Refrão)

Triunfantes da luta voltando
Temos n'alma os encantos do céu
E na fronte serena, radiante,
Imortal e sagrado troféu
O Brasil a exultar acompanha
Nossos passos portanto é subir
Que da glória a divina montanha
Tem no cimo o arrebol do porvir

Possuímos um bem conquistado
Nobremente com armas na mão
Se o afrontarem, de cada soldado
Surgirá de repente um leão
Liberdade é o querido tesouro
Que depois do lutar nos seduz
Tal o rio que rola, o sol de ouro
Lança um manto sublime de luz

Vamos ter como prêmio da guerra
Um consolo que as penas desfaz
Vendo as flores do amor sobre a terra
E no céu o arco-íris da paz

**As esposas e mães carinhosas
A esperarem nos lares fiéis
Atapetam a porta de rosas
E cantando entretecem lauréis
(grifo meu)**

Mas se audaz estrangeiro algum dia
Nossos brios de novo ofender
Lutaremos com a mesma energia
Sem recuar, sem cair, sem temer
E ergueremos, então, destas zonas
Um tal canto vibrante e viril
Que será como a voz do Amazonas
Ecoando por todo o Brasil.

Hino Acreano – Letra: Francisco Mangabeira

Resumo

Este estudo fez uma leitura do cotidiano das mulheres no Acre entre 1907 a 1917 por meio dos periódicos da época. A metodologia utilizada foi a de análise dos textos desses periódicos de acordo com o contexto em que foram produzidos. Buscou-se compreender quais as representações foram feitas acerca das mulheres na imprensa acreana. Assim, a análise das notícias procurou refletir sobre as possíveis intenções e ocultações dos discursos implícitos nos textos, produzidos em sua maioria por homens. O trabalho foi dividido em três partes: descrição do contexto histórico-social da época, citações das matérias e respectivas análises que sinalizavam indícios do cotidiano e os conflitos e tensões, vividos por elas em suas relações conjugais, familiares e sociais.

Mesmo que não se esperasse muito das mulheres daquele período, elas não se intimidaram e ocuparam seus espaços mostrando-se presentes na constituição e desenvolvimento da sociedade acreana. O tempo transcorrido da pesquisa foi no período em que o Acre era território e almejava se tornar estado. Com um movimento político muito forte que usava os jornais como instrumento de divulgação de suas idéias, vê-se nos periódicos que os esforços se concentravam em mostrar que ali viviam pessoas civilizadas, capazes e prontas para se integrar ao restante do país e as mulheres tiveram participação importante nesse intento.

Palavras chaves: Acre – Mulheres – Cotidiano – Imprensa

Abstract

This study is a reading of the daily life of women in Acre between 1907 to 1917 through the journals of the time. The methodology used was the analysis of texts and periodicals according to the context in which they were produced. We tried to understand what the representations were made about women in the acrean press. Thus, the analysis sought to reflect the news of the possible concealment of intentions and discourses implicit in the texts, produced mostly by men. The work was divided into three parts: description of the socio-historical context of the time, materials and quotes from their analysis that signaled signs of everyday life and the conflicts and tensions experienced by them in their marital relationships, family and social.

Even if not much was expected of women of that period, they were not intimidated and took their spaces showing up in the constitution and development of society Acre. The elapsed time of the survey was the period in which the Acre territory was and he wanted to become state. With a strong political movement that used newspapers as a vehicle to share their ideas, it is seen in the journals that efforts were concentrated on showing that civilized people lived there, able and ready to integrate with the rest of the country and the whomen had participation in this important purpose.

Key words: Acre - Women - Daily Life - Press

SUMÁRIO

Introdução	7
-------------------	---

Capítulo 1 O Acre

1.1	Acre do pertencente à Bolívia	13
1.2	A questão territorial	16
1.3	Formação da sociedade acreana	19
1.3.1	O trabalho do seringueiro	19
1.3.2	A solidão	21
1.3.3	A presença da mulher	22
1.3.4	Trabalho feminino	31
1.4	A Imprensa	34

Capítulo 2 O Cotidiano

2.1	O ideário	39
2.2	Educação	45
2.3	Trabalho	47
2.4	A mulher e as letras	55
2.5	A mulher sendo notícia	60
2.6	A vida urbana	69
2.6.1	A sociedade	70
2.6.2	Lazer	76
2.6.3	Anúncios	80
2.6.4	Questões diversas	89
2.7	Tiradas	99

Capítulo 3 Tensões e Violência

3.1	Homem/mulher	101
3.2	Homem/mulher e agregados	109
3.3	Amigos e vizinhos	113
3.5	Família	114

Considerações finais	116
-----------------------------	-----

Fontes consultadas	120
---------------------------	-----

Anexos

Introdução

No presente trabalho, foi proposto analisar o cotidiano das mulheres no Acre entre 1907 a 1917, pela via da história cultural, para isso foram utilizados alguns periódicos que circulavam nesse período, seguindo a orientação de Georges Duby e Michelle Perrot (DUBY e PERROT, 1991, p. 7), os quais afirmam que

As mulheres foram durante muito tempo, deixadas à sombra da história, é preciso recusar a idéia de que as mulheres seriam em si mesmas um objeto de história. É o seu lugar, a sua condição, os seus papéis e os seus poderes, as suas formas de ação, o seu silêncio e a sua palavra que pretendemos perscrutar, a diversidade de suas representações.

Portanto, não é a mulher nosso objeto de estudo, mas sim, o seu dia-a-dia, o trabalho, o lazer, a maternidade, a saúde, a loucura, a morte, os hábitos de consumo, as dificuldades de sobrevivência, as relações com o sexo oposto, os conflitos, a violência sofrida e praticada; a vida em todas as suas dimensões. Como diz Agnes Heller (1985), a vida cotidiana é a vida do ser humano em todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade.

As mulheres que fizeram parte da formação social do Acre contribuíram em vários aspectos para o seu desenvolvimento. Tanto as que ocuparam os seringais, na companhia do homem, no cuidado com a casa e com os filhos e até no trabalho pesado na floresta; quanto as que participaram do nascimento das primeiras cidades e lá, além de cuidar da casa e da família, foram professoras, costureiras, lavadeiras, vendedoras. Todas, de forma bastante peculiar, fazem parte da história do Acre, como registra o historiador Carlos Alberto de Souza (2008, p. 37):

Em todos os momentos de suas vidas, essas mulheres demonstraram as condições históricas que as designam como parte do que chamamos de povos da floresta, porque são momentos todos singulares em que elas tecem suas resistências e formam um viver.

Foi percorrida a via da história cultural, seguindo a orientação de Roger Chartier, que entende que a história cultural não deve tratar apenas as produções intelectuais ou artísticas de uma elite, mas deve ser concebida “(...)

como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais (...)” . (1998, p. 66-67). Para tornar claro, Chartier apud C. Geertz (1998, p. 67):

o conceito de cultura ao qual adiro (...) denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.

Chartier (1998), afirma que a história cultural tem por objetivo “(...) *identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.*”. O primeiro caminho para identificar esta realidade social se refere “às *classificações, divisões e delimitações*” que promovem a organização e apreensão do social e que vão possibilitar a percepção do real. As classes sociais ou os meios intelectuais vão produzir valores diferenciados de acordo com cada grupo. Essa produção vai criar figuras que poderão dar sentido ao presente, tornar o outro inteligível e o espaço revelado. A formação social do Acre foi feita, a princípio, basicamente por homens, mas as mulheres não estavam ausentes. Nos periódicos pesquisados é clara a presença das mulheres. Eram descritas em verso e prosa, estavam presentes nas colunas sociais, policiais, trabalhando, comprando, vendendo. Porém, a maioria que escrevia os periódicos, era homem; daí se faz necessário compreender como os valores dos que escreviam, interferiram na percepção do real, a fim de que se seja revelada a mulher e seu cotidiano.

A imprensa periódica que teve origem no Brasil há quase duzentos anos ainda não foi devidamente usada como fonte documental de acordo com a sua importância no período. (MOREL, 2003). Portanto, a metodologia utilizada foi a de análise dos textos dos periódicos vistos como objeto de comunicação, analisados de acordo com o contexto histórico-social em que foram produzidos. Com relação ao recorte temporal a pesquisa seguiu a série dos periódicos disponíveis de 1907 a 1917. A circulação de jornais no Acre teve início em 1907, época em que não se dispunha de nenhum outro meio de comunicação, além dos recados que eram enviados através dos barcos que trafegavam pelos

rios do estado. Assim, o recorte estabelecido foi subordinado às fontes existentes. Foram coletados dados dos periódicos das cidades acreanas de todas as regiões do estado: “O Cruzeiro do Sul” do município de Cruzeiro do Sul; “Acreano” de Empresa, “Porto Acre” de Porto Acre; “O Estado do Acre” e “Brazil Acreano” de Sena Madureira; “A Alvorada” e “O Departamento” de Vila Seabra e “Commercio do Acre”, “Alto Acre” e “O Acre” de Xapury. Partindo do pressuposto que *“a linguagem enquanto discurso é interação”*, seguimos o conceito de Helena Nagamine Brandão (1997, p. 12), que entende a linguagem como um *“modo de produção social”*; que não é imparcial, não é inócua, pois de certa forma é intencional, e também não é natural. É *“(...) o lugar privilegiado de manifestação da ideologia”*. Sendo a linguagem um espaço de conflito e de confronto ideológico, ela não pode ser estudada à parte da sociedade, mas por meio da análise do discurso. Procurou-se compreender como a visão de mundo dos autores das notícias e matérias acerca das mulheres, interferiram em suas escolhas e textos.

Para Chartier (1998), as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que a maquinam. Para cada caso, se faz necessário relacionar os discursos pronunciados com a posição de quem os usa. Daí, surgiu nossa problematização: Quais representações se fizeram sobre as mulheres na imprensa acreana? Chartier afirma que a subjetividade das representações está ligada a uma história, voltada a percepções equivocadas que levam a um discurso afastado do real. Para ele, a representação é um instrumento para um conhecimento indireto, que contempla um objeto ausente por meio da sua troca por uma “imagem” capaz de recompor em memória e de estabelecer tal como ele é. Ao mesmo tempo as representações do mundo social, sem a anuência dos atores sociais, manifestam suas disposições e interesses objetivamente cotejados, que descrevem a sociedade tal como pensam que é ou como gostariam que fosse. Assim, na análise das notícias buscou refletir sobre as possíveis intenções, ponderações e oclusões dos discursos, no intuito de compreender as práticas, complexas, múltiplas e diferenciadas, que constroem o mundo como representação.

É importante destacar que este trabalho é descritivo e não interpretativo, pelas poucas bibliografias sobre o Estado e pela dificuldade de acesso à fonte. Os periódicos consultados estão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro num acervo digitalizado e alguns num estado avançado de decomposição, o que fez com que ficassem ilegíveis. Outro problema encontrado foi a irregularidade das edições. Nenhum periódico conta com a série completa de seus números, embora fossem semanais, às vezes faltam tantos números, que não se tem certeza de terem realmente esta periodicidade. Pela distância geográfica e temporal devem ter sido extraviados ou perdidos, o que levou a uma perda no conteúdo das discussões e uma impossibilidade de aprofundamento do estudo. Por tratar-se de uma região específica sem conexão com outras realidades do Brasil e pela bibliografia escassa, como já foi colocado, o trabalho não pôde ser comparativo, sendo necessário fazer um diálogo intenso com os autores que escreveram sobre o nordeste, o que levou a uma perda das especificidades acreanas.

Na produção deste estudo me inspirei no trabalho de Maria Beatriz Nizza da Silva em *“A primeira Gazeta da Bahia: Idade d’ouro do Brasil”* sobre a gazeta que circulou na Bahia entre 1811 a 1823 e que foi um exemplo notável do periodismo da época. A autora percorreu os episódios encontrados nos periódicos dando conta de todas as especificidades da sociedade baiana, preferindo concentrar-se no próprio periódico a fim de realçar ao máximo os textos desconhecidos pela maioria. (SILVA, 1978). E também *“A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): Cultura e sociedade”* onde faz uma reconstrução da vida social e política do Rio de Janeiro entre 1808 e a Independência (SILVA, 2007). Assim, também optei por transcrever os textos dos periódicos acreanos por serem praticamente desconhecidos, mantendo a ortografia e pontuação da época.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro procurou-se mostrar o contexto social da época que precedeu a formação do Acre como estado, quando a região ainda pertencia à Bolívia e foi ocupada por brasileiros. Posteriormente se descreve a formação da sociedade acreana a princípio formada nos seringais por donos de seringais, seringueiros (os que extraíam o látex), as mulheres e seus filhos. Discorre-se sobre a vida na sociedade dos

seringais, dando ênfase às situações que envolvia as mulheres e por fim a importância da imprensa no ordenamento do pensamento local.

No capítulo dois foi feita a leitura do cotidiano das mulheres por meio dos periódicos de junho de 1907 a dezembro de 1917. A população feminina primeiramente ocupou os seringais, com o surgimento das primeiras cidades, parte da população se transferiu para lá e outras chegaram de diversos locais. Era a transformação do rural para o urbano, o que levava a novos padrões de comportamento. De acordo com as notícias e matérias encontradas, vê-se mulheres atuando como professoras, administradoras de seringais, diretoras de escola, escritoras. As mulheres são notícias por motivo de embriaguez e prisão, loucura, aniversário, maternidade, morte. Vê-se anúncios de venda de roupas, jóias, fazendas, miudezas e produtos importados. E ainda farmácia, ateliê de costura, quitanda, restaurante, cafés, fábrica de cerveja, hospedaria, papelaria, teatro, bilhar, barbearia, pensão, mercearia, padaria. Serviços médicos, de dentista, protético, de transporte, relojoeiro e até cronometrista.

No capítulo três foi feita a análise das notícias em consequência das tensões e conflitos surgidos nas relações entre casais, familiares, amigos, companheiros de trabalho, autoridades. Foram vistas as formas de resistências das quais as mulheres lançavam mão no enfrentamento de seus medos, desgostos, insatisfações, desesperos. As complexas e diversas relações vivenciadas pelas mulheres em seus lugares, na floresta, onde as vicissitudes geralmente eram inexoráveis, ou na cidade, onde providas da convivência de um número maior de pessoas com maior consciência e visão de mundo, fizeram com que sofressem pressões e injustiças.

Todas essas notícias mostram que as mulheres não passaram despercebidas pela imprensa da época. Porém, não fui atrás dessas mulheres, mas fui onde elas estavam presentes, isto é, quem ditou o percurso que tomei foi a natureza das fontes o que me fez costurar as informações encontradas. Tudo isso foi feito num esforço e no intuito de incluir um Estado que ainda não foi contemplado a contento com estudos femininos

Cabe destacar não só o que se constituía notícia nos periódicos, mas também o que foi ocultado e um exemplo é a ausência da referência aos índios e índias. É como se não existissem na região. Embora haja apenas poucos anos que essa população tenha tido sua história registrada nos livros históricos

e educativos, sabia-se das “correrias” organizadas pelos seringalistas que reuniam até 50 homens para atacarem aos índios, fazê-los prisioneiros ou matá-los. (SOUZA, 2008). O que teria levado a essa omissão? Outra questão que não é revelada nos jornais é a religiosa. Quando os nordestinos ocuparam o Acre, havia dentre eles, católicos e protestantes (Ibid). Embora a Igreja Católica tenha se consolidado de forma mais organizada e instalado sua primeira prelazia apenas em 1920, esteve mais presente do que qualquer outra religião, mas não se vê notícias nos jornais, a não ser uma prestação de contas de uma festa da Igreja de São Sebastião em Xapuri.

Mesmo com a falta de arrojo interpretativo exigido nos trabalhos acadêmicos, o que se deu por me ver despossuída dos instrumentos para o aprofundamento do conteúdo e com o tempo exíguo, acredito ser este trabalho, ao mesmo tempo modesto e pioneiro, por tratar-se de um tema rico e ainda tão pouco estudado. Um aprofundamento neste campo, certamente poderá ser feito futuramente pelo envolvimento orgânico que tenho com o movimento social e em especial com o de mulheres, através da Rede Acreana de Mulheres e Homens, entidade feminista que desde 1988, trabalha pela equidade de gênero no Estado.

Assim, o estudo do cotidiano das mulheres no Acre é extremamente relevante para a sociedade pelo intuito de desnudar o passado e contar um pouco da história das mulheres, que significa também contar a história de todos que as cercaram e ainda, a história do Estado. Como diz Maria Odila Dias (1995, p. 13) sobre as mulheres de São Paulo *“A memória social de suas vidas vai se perdendo antes por um esquecimento ideológico do que por efetiva ausência dos documentos.”* Portanto, como parte integrante do Movimento de Mulheres do Acre, que tem uma notável tradição nas lutas sociais, ousou afirmar que, se nos faltarem fontes, procuraremos por elas, pois não nos falta ideologia.

Capítulo 1 – O Acre

**A que novos desastres determinas
de levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
debaixo de algum nome preeminente?**

Que promessas de reinos e de minas
d'ouro que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

Luís de Camões
Os Lusíadas, canto IV

1.1 Acre pertencente à Bolívia

“Território incontestavelmente boliviano”. Assim se manifestou o Ministro das Relações Exteriores do Brasil sobre as terras ao sul da linha oblíqua imaginária que, desde o Tratado de Ayacucho (1867), delimitava a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. A expressão foi usada num documento escrito em resposta ao memorando enviado pelo governo boliviano demonstrando o propósito de fundar postos fiscais nas proximidades da fronteira entre os dois países.

A partir de 1880, um grande número de imigrantes nordestinos ocupou aquela região repleta de seringais¹ e com a exigência do mercado internacional para uma maior produção de borracha², a questão das fronteiras se tornou numa séria contenda entre as duas nações. Segundo Leandro Tocantins (1979a), mesmo existindo em outros países, o látex da Amazônia era o mais procurado, pois detinha melhor qualidade. Os seringalistas³ acreanos comercializavam sua borracha com as casas aviadoras de Manaus e Belém e através destas, com os centros consumidores da Europa e EUA.

No ano de 1899, o governo boliviano tentou ocupar militarmente o Rio Acre, ao mesmo tempo em que negociava um contrato de arrendamento com europeus e norte-americanos visando a exploração da borracha da região. Alguns brasileiros liderados por Gentil Tristão Norberto, revoltados com as rigorosas medidas alfandegárias dos bolivianos, decidiram se opor à administração estrangeira daquele território povoado por brasileiros. Assim, em maio de 1899, ocorria a Primeira Insurreição Acreana, quando os bolivianos

¹ Local que contém grande concentração de seringueiras, árvores de corte de seringa, de onde se extrai o látex.

² Substância elástica feita do látex coagulado, extraída da seringueira (*Hevea brasiliensis*).

³ Proprietários dos seringais, que exploravam e organizavam a produção de borracha.

foram pela primeira vez expulsos de Puerto Alonso, o povoado que eles haviam estabelecido às margens do Rio Acre.



Figura 1: O corte da seringa⁴

Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

Enquanto isso, o espanhol Luiz Galvez partia para o Acre levando o apoio, mesmo que dissimulado, do governador do Amazonas, contrariando o governo brasileiro que ordenara o fim dos embates na região e a restituição do território aos bolivianos. Galvez e os brasileiros que ali viviam criaram o “Estado Independente do Acre” fundado no dia 14 de julho de 1899. Foram oito meses de governo do Presidente Galvez num Estado Independente que teve como maior objetivo se libertar da dominação boliviana para ser incorporado ao Brasil. Todavia, em março de 1900 o presidente Campos Sales enviou três navios da marinha brasileira para prender Galvez e devolver a região à Bolívia.

⁴ Quadro de Hélio Melo (1926-2001). Artista plástico, músico e escritor. Foi seringueiro dos 12 aos 41 anos. É considerado pintor primitivista, que possui uma técnica simples e rara de contar histórias através de suas telas. Sua produção artística encontra-se fincada nos seringais, nas questões ambientais e no extrativismo silvestre. É tido como um dos mais representativos artistas do Acre. (MELO, 1996).

Todos os ministros brasileiros na pasta do Exterior assentiam silenciosamente sobre o título de “*flibusteros*”, usado pelos ministros bolivianos, com relação aos moradores daquela região. Eram considerados flibusteiros, como os piratas dos mares da América nos séculos XVII e XVIII. Aventuroiros, trapaceiros, ladrões. De acordo com Tocantins (1979^a, p. 36), somente o Ministro Barão do Rio Branco usava a expressão “brasileiros do Acre”, “(...) *esta expressão foi sempre usada por Rio Branco em todos os seus despachos (...)*”.

No início do ano de 1902, a notícia da formação do Bolivian Syndicate⁵ chegou à opinião pública nacional. Uma companhia de capital internacional estava arrendando o Acre pelo prazo de vinte anos com poderes territoriais, militares e alfandegários. O contrato com a Bolívia implicava na livre navegação pelos rios amazônicos, o que feria a soberania brasileira sobre a Amazônia. O governo federal acordou de sua inércia graças às vozes de pessoas espalhadas por todo o país. Os brasileiros do Acre reativaram a resistência armada contra os bolivianos. A notícia do Bolivian Syndicate impeliu com violência os acontecimentos, caracterizados como uma verdadeira guerra.⁶ De um lado o exército regular da Bolívia espalhado em alguns pontos estratégicos do Rio Acre. De outro um exército de seringalistas e seringueiros⁷ liderados pelo ex-militar Plácido de Castro.

Os brasileiros do Acre haviam expulsado os bolivianos e proclamado o Estado Independente do Acre como forma de obrigar o governo federal a aceitar a região como litigiosa. O Itamarati não reconhecia a questão do Acre, porque tinha o entendimento que a região pertencia à Bolívia. As vozes dissonantes que se faziam ouvir vinham do Governo do Amazonas e Pará, que tinham interesses nos tributos oriundos dos seringais locais. Para Tocantins (1979b, p. 232), apenas o Barão do Rio Branco possuía compreensão diferente e “(...) *teve sensibilidade e fibra de estadista para ver no conflito outras causas e conseqüências. Impunha-se ao Brasil compreender a manifestação histórico-social acreana e encará-la com espírito pragmático*”. A forte pressão nacional pesou e levou o presidente Rodrigues Alves, a retroceder quanto à posição

⁵ Companhia comercial de capital anglo-americano.

⁶ O conflito começou na cidade de Xapuri em 06 de agosto de 1902, com dez mil indivíduos envolvidos e só teve fim seis meses depois com um resultado de quinhentos mortos.

⁷ Aqueles que manipulavam a extração do látex para o fabrico da borracha.

oficial brasileira. Novas negociações foram estabelecidas o que levou à assinatura do Tratado de Petrópolis⁸ e a anexação do Acre ao Brasil.



Figura 2: Quadro de Hélio Melo

Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

1.2 A questão territorial

Os acreanos esperavam que o Acre se tornasse um estado da federação brasileira e sua população pudesse gozar os direitos de cidadão brasileiro. Em 7 de abril de 1904, o Acre se tornou o primeiro Território Federal da história brasileira, era um sistema Político-administrativo não previsto na Constituição, segundo Tocantins (1979b, p.317-8):

Os Departamentos seriam administrados por Prefeitos de livre escolha e nomeação do Presidente da República, demissíveis *ad nutum*. Suas atribuições eram amplas, desde aquelas da rotina administrativa às de organizar a força pública, distribuí-la, mobilizá-la e dela dispor, conforme as exigências da manutenção da ordem, segurança e integridade do Departamento, cabendo também a eles exercer as funções de chefe de Polícia de Segurança e de Milícia. A Justiça cível e criminal ficava atribuída aos juízes de Paz, juízes de Direito, juiz de Comarca e ao júri.

Caberia ao governo federal arrecadar impostos e cumprir as cláusulas do Tratado de Petrópolis: indenização de dois milhões de libras esterlinas e a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Por isso, toda a arrecadação de impostos sobre a borracha acreana teria que ser dirigida para os cofres da

⁸ No Tratado de Petrópolis a Bolívia vendeu o Acre para o Brasil. A assinatura foi feita na cidade de Petrópolis/RJ no dia 17 de novembro de 1903.

União. O Território dependeria então, dos repasses orçamentários do governo federal, que eram inferiores às muitas necessidades da região. O governo brasileiro tinha interesse em governar o Acre sem intermediário para ressarcir a quantia de 34.446.270\$200⁹ Réis (Trinta e quatro milhões, quatrocentos e quarenta e seis mil, duzentos e setenta réis e duzentos centavos) pago a Bolívia (SOUZA, 2008), mas segundo Craveiro Costa (1973, p.160) “[...] o Território do Acre, de 1903 a 1911, rendera para o Tesouro (Brasil) o montante de Rs 89.892.285\$385, quantia que cobriu sobejamente a despesa de aquisição[...]”

Assim, o Presidente da República nomeava militares, magistrados ou políticos para governar o Território Federal do Acre. Começou uma nova etapa de lutas da sociedade acreana. Agora, contra o governo de seu próprio país, pois das astronômicas somas arrecadadas sobre a exportação da borracha, o governo federal enviava tão somente uma pequena parte para a administração do Território. Como registrava a imprensa na cidade de Xapuri:

Falla grosso, é pernilongo,
Usa a lei da convenção;
Discute impostos ... Não sabe
Para onde os impostos vão.
Irevoc
("O Acre", Xapury, Coluna: Esboços, 14/07/1907)

Não havia escolas, hospitais ou outras estruturas públicas e os governantes nomeados para o Acre não tinham compromisso com a sociedade, se valiam das verbas públicas em benefício próprio e impediam os acreanos de exercerem cargos políticos ou administrativos. De acordo com Marcos Vinícius Neves (2004, p. 6), *“A situação era agravada ainda pela distância e isolamento das cidades acreanas e pela ineficiência do poder judiciário.”*

A autonomia política do Acre tornou-se então a nova bandeira de luta do povo acreano. Desejava-se a alteração do Território Federal do Acre em Estado da federação brasileira e na luta para esta mudança foram fundados vários clubes políticos e organizações em cidades como Cruzeiro do Sul, Rio Branco e Xapuri. Porém, em pouco tempo a condição social e econômica do

⁹ A indenização a Bolívia foi de 32.080.000\$000 e ao Bolivian Syndicate de 2.366.270\$200 (SOUZA, 2008).

Território se tornaria bastante grave. Isso aconteceu porque a Inglaterra começou a cultivar borracha em seus seringais na Malásia¹⁰ e vender a um preço muito mais baixo, deixando a borracha amazônica sem condições de competir no mercado internacional. A sociedade acreana viveu um período difícil da sua história, marcado pela falência dos seringais e a decadência econômica. Neves (2004, p.7), afirma: *“Toda a imensa riqueza acumulada durante os anos áureos da borracha amazônica havia sido drenada para os cofres federais relegando o Acre ao completo abandono oficial.”*

Em 1904, depois de anexada ao Brasil, a região do Acre teve suas primeiras sedes administrativas fundadas a partir de pequenos povoados às margens dos principais rios ou seus afluentes. Segundo Craveiro Costa (1973), foram criados três Departamentos: Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá, que eram administrados por prefeitos (intendentes) nomeados pelo Presidente da República. Em 1912 criou-se o Departamento do Alto Tarauacá e os municípios de Cruzeiro do Sul; Vila Seabra (Tarauacá), Sena Madureira, Rio Branco e Xapuri. Em 1920 o Território do Acre passou a ser administrado por um Governador Geral também nomeado pelo Presidente da República. Os departamentos foram extintos e Rio Branco ficou sendo a capital, de onde o governador governaria toda a região. O primeiro recenseamento oficial, feito em 1920, constou uma população de 92.739 habitantes. (IBGE, 1970).

1.3 Formação da sociedade acreana

Fugindo da grande seca de 1877 no Nordeste, grupos de nordestinos emigraram para a Amazônia, segundo Tocantins (1979a p. 28), a esses homens *“(...) competiu realizar esta epopéia anônima: a criação de bases sociais e econômicas para erigir uma nova unidade territorial brasileira, que se constitui em nossa última arrancada bandeirante”*. De acordo com Cristina Scheibe Wolff (1999), em seu trabalho “Mulheres da Floresta – Uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)” estima-se que só em 1878 cerca de cinquenta

¹⁰ Esses seringais foram formados a partir de mudas amazônicas levadas para a Inglaterra por Henry Wichham em 1876, onde foram preparadas para em seguida serem plantadas na Malásia. A Inglaterra deu início ao cultivo da seringueira usando técnicas modernas, enquanto que na Amazônia manteve-se o uso de técnicas rudimentares o que levou à quebra do monopólio da borracha da Amazônia e do Acre. (SOUZA, 2008).

mil homens, mulheres e crianças emigraram para a Amazônia. A exploração do látex da seringueira no Acre teve um período áureo, de 1890 a 1914, nesta época, as cotações da borracha eram bastante altas nos mercados internacionais. A produção de látex no Estado era enviada para Manaus e Belém, por meio de navegação fluvial. Os governos do Amazonas e Pará se empenharam na criação de serviços como luz e força, transporte e comunicação para atender a demanda advinda da recepção da enorme produção gomífera. De acordo com Margarete Lopes (2006), o Acre contribuiu de forma relevante para o progresso econômico e social da região.

1.3.1 O trabalho do seringueiro

Não foi a qualidade da terra que atraiu esses homens, mas sim, o leite vegetal. Portanto, não se fazia outra coisa senão extrair o leite da seringueira. Achavam desperdício de tempo derrubar a mata, preparar o terreno, semear, cultivar e colher. Por meio dos rios se transportavam: pessoas, mercadorias, alimento, notícias e esperanças. E levavam a borracha colhida nos seringais.

Tocantins (1979a, p. 161) registrou poeticamente: *“Da terra só se esperava a solidez para a acomodação humana, para suportar o peso da floresta com a seiva das seringueiras feridas”*. E se houvesse alguém querendo colocar roça, a maioria dos patrões¹¹ não permitia. O que precisasse deveria ser comprado no barracão¹². Há muitos registros de casos de seringueiro que insistia em plantar, porém o patrão, quando ficava sabendo, mandava seu homem de confiança ir derrubar tudo e colocar fogo. Todo o trabalho feito era destruído. Havia alguns raros casos de patrões que não eram tão rigorosos e permitiam que se plantasse mandioca, milho e outros produtos.

O patrão fornecia ao seringueiro os víveres e as mercadorias que lhe chegavam das Casas Aviadoras de Belém e Manaus. Wolff (1999) registra que recebiam como suprimento, assim que chegavam: sal, farinha, jabá (charque), querosene para a iluminação, sabão, espingarda, munição e os objetos para serem usados no corte da seringa. No barracão, as vendas eram feitas a

¹¹ Denominação que se dava aos proprietários dos seringais.

¹² Local onde se comprava produtos de primeira necessidade, era a sede do seringal.

crédito. Havia comida, bebidas, produtos importados, tudo para atender às necessidades mínimas. Seringueiro com saldo podia comprar à vontade e o patrão tinha muito gosto em atender suas demandas. Já ao seringueiro devedor, as compras eram restritas. Só adquiria o estritamente essencial. O barracão era peça chave na estrutura montada pelos seringalistas, ele “aprisionava” os seringueiros, na medida em que esses eram obrigados a comprar somente lá, aumentando suas dívidas com o patrão e deixando-os cada vez mais presos ao seringal.



Figura 3: O corte e os utensílios usados pelo seringueiro¹³
 Fonte: www.universes-in-universe.org

1.3.2 A solidão

Para entender a Amazônia é preciso compreender duas categorias básicas, interpretadas no plano social: tempo e espaço. Segundo Heloisa Lara da Costa (2005, p. 41) é preciso compreender o tempo, não das horas, dos minutos; mas o tempo das chuvas e da seca, o tempo do plantio e da colheita. Para ela, o tempo “*Relaciona-se diretamente com a dimensão da distância que une ou separa as pessoas.*” Aqueles que viviam na região no início do século XX conheciam o peso do isolamento. Os percursos a serem percorridos levavam dias e dias de barco, pois não havia estradas. Notícias de familiares ou pessoas queridas chegavam muito esporadicamente. Vivia-se a angústia de

¹³ Quadro de Hélios Melo.

se estar só. Por isso, seringueiro trabalhava na esperança de um dia voltar à sua terra, mas com dinheiro. Porém, quanto mais trabalhava mais se tornava atrelado ao patrão, pois era obrigado a entregar a produção para abater as dívidas sempre maiores contraídas no barracão. Na interpretação de Tocantins (1979a, p.166), o seringueiro era a personificação da solidão:

Um homem só. Ele e a floresta. Ele e a árvore da seringa. Ele e a borracha. Ninguém. Mulher, naqueles tempos, não havia, no Acre todo. Era privilégio de pouquíssimos. Do patrão, constituído em família, do gerente, do guarda-livros.

Já Abguar Bastos (1927, p. 58) em seu romance “Certos Caminhos do Mundo” é mais poético quando se refere a solidão:

No Acre, a solidão existe em sentido diferente.
 Não há silêncio, nem isolamento, nem egoísmo.
 No rebôjo das cachoeiras, no intestino das selvas, no ventre festivo dos vilarejos, de fôz a fôz, existe o rumôr alviçareiro da luta pela vida e um resfolegar coletivo de rebanho humano, em marcha.
 Ninguém se isola. A cooperação resiste ao individualismo. A solidariedade é instintiva, não que exista praticamente, e sim porque só ha perigos comuns.

Tocantins (1979a, p.166), ainda falando sobre a solidão do seringueiro, revela que um dos fatores que contribuíam para este estado era a raridade da presença feminina nos seringais:

Seringueiro era máquina de fabricar borracha. Nem mulher se aventurava a acompanhá-lo ao “centro” desolador. E mesmo perigoso para a estabilidade social. Mulher, objeto-raro em qualquer “colocação”,¹⁴ despertaria a cobiça de outro seringueiro vizinho e acabava em crime, um tanto passional, mas, sobretudo, de instintos sexuais reprimidos longamente.

Esta citação de um dos mais respeitados historiadores do Acre e da Amazônia revela o pensamento comum de muitos estudiosos sobre a região, onde destacam a ausência da mulher na formação social do Estado. É bem verdade que o número de mulheres era bem reduzido, mas não se pode ignorar a sua presença.

¹⁴ Trecho do seringal onde havia uma barraca, que era a residência do seringueiro e algumas estradas de seringa.



Figura 4: Preparo da borracha¹⁵

Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

Wolff (1999, p. 41), nos dá alguns dados: num primeiro recenseamento realizado em 1904 no Departamento do Juruá “em 112 seringais foram contadas 6.974 pessoas sendo 5.087 homens e 1.887 mulheres”. Em 1906, a população do Alto Juruá, incluindo Cruzeiro do Sul e o Rio Tarauacá e seus afluentes, se resumia em 14.208 pessoas, sendo, 10.581 homens e 3.627 mulheres.

1.3.3 A presença da mulher

A mulher sempre foi relegada pela História – escrita por homens e para os homens, como cita Michelle Perrot (1988, p. 185), em “Os excluídos da História” sobre o ofício do historiador:

Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quando a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da *História*!

Arthur Ferreira Reis (1953, p. 121), também afirma esta ausência: “(...) no período do grande assalto à floresta, da montagem dos seringais nos altos

¹⁵ Quadro de Hélio Melo.

rios. Façanha realizada, em grande parte, pelo imigrante nordestino, não teve a assisti-la, e dela participar, a mulher.”

Segundo Wolff (1998), os autores quando descrevem o período inicial da abertura dos seringais, destacam a ausência das mulheres e esporadicamente relatam alguns casos de “mulheres-mercadoria; mulheres-privilegio; mulheres-objeto-de-disputa”, segundo eles, são casos que excedem a regra. José Potyguara (2007, p. 15), em seu romance “Terra caída” nos fala desta mulher-objeto e da raridade de sua presença:

Naquele tempo, mulher era fruta rara e cobiçada nos seringais. A grande distância, a incômoda viagem em morosos gaiolas, as dificuldades de comunicação sem correio nem telégrafo, o espantinho das doenças, tudo isso agravado pelas histórias de animais ferozes e de índios antropófagos, fazia da região amazônica um mundo misterioso, um degredo sob o domínio da morte, uma espécie de vestibulo do inferno, que só os homens – e nem todos – ousavam conhecer.

Um desses casos esporádicos, é também uma história singular, que se passou durante uma emboscada sofrida pela tropa comandada por Plácido de Castro, que após a derrota, bateu em retirada com seu grupo. Um cearense permaneceu em sua barraca, que foi invadida pelos bolivianos que comemoravam a vitória. Ao ser indagado porque não tinha ido com seus companheiros, surge uma discussão que é finalizada com um disparo a queima-roupa, que mata o seringueiro. Depois desse acontecimento surge de dentro da barraca a mulher do seringueiro, de rifle à mão, que atira no coronel boliviano ferindo-o levemente. Esta mulher é Angelina Gonçalves de Souza, que ao ser dominada pelos soldados, é defendida pelo próprio coronel, no registro de Tocantins (1979b, p.123):

(...) Rosendo Rojas ordena que todos se retirem e deixem em paz a defensora do homem que jaz, inerte, no terreiro da barraca. O patético daquela tragédia anônima talvez ferisse o coração do oficial boliviano, cuja alma de militar bem formado não podia deixar de ser sensível ao rasgo de coragem e desespero da companheira do cearense.

Carlos Alberto Souza (2008) relata que na formação da sociedade dos seringais muitas mulheres índias foram estupradas, capturadas e mortas nas

“correrias”¹⁶. O autor afirma que especialmente no Vale do Juruá era comum os seringalistas reunirem cerca de 50 seringueiros armados para o ataque noturno às aldeias. Quando não eram todos mortos, as mulheres (adultas ou crianças) eram levadas como prêmios pelos seringueiros. As “correrias” foram intensas entre 1900 a 1910.

As histórias que retratam a raridade da presença feminina no início da formação social do Acre, remetem-nos às histórias de disputa pelas poucas mulheres que havia. O pequeno número de mulheres redobrava a preocupação dos seringueiros com sua defesa. Wolff (1998) nos conta sobre um roubo de mulher: Dois homens chegaram a um seringal e avisaram ao marido que iam levar a sua mulher. Diante de um rifle carregado, o marido não teve outra alternativa senão deixar a mulher ir. Uma mulher em um seringal era considerada um objeto de luxo, que podia ser adquirida por quinhentos quilos de borracha e para mantê-la, era preciso trabalhar mais, pois do contrário, o patrão entregava pra outro. Porém, nem sempre era fácil adquirir uma mulher por meio de compra. Mesmo existindo muitos relatos, havia a resistência por parte da mulher que muitas vezes sabia agir com astúcia para escapar da situação. Wolff (1998, p. 73), vai além e afirma:

Assim, apesar dos contornos violentos que essas relações assumiam, as mulheres não se portavam simplesmente como vítimas da situação. Talvez se possa até mesmo afirmar que elas sabiam tirar algum proveito dela, já que com a “escassez” de mulheres, acabavam podendo “escolher” seus companheiros.

A mesma autora encontrou vários processos judiciais onde as mulheres tinham deixado seus maridos ou companheiros em consequência dos maus-tratos sofridos para em seguida juntar-se com outro companheiro.

Essa raridade da presença da mulher e de sua valorização acabava por levar a acontecimentos terríveis, como o que conta Alfredo Lustosa Cabral (1984, p. 71-3), em seu livro “Dez Anos no Amazonas”. O fato aconteceu no seringal São Raimundo, no Amazonas. Havia um seringueiro de estatura regular e bem apessoado. Chegou ao seringal com família composta da mulher, D. Júlia, e duas crianças. Trabalhou ali por três anos “*sem poder*

¹⁶ Expedições feitas pelos seringalistas para exterminarem a população das aldeias a fim de se apossarem das terras.

libertar-se da conta que, dia a dia, avultava, contraída com seu patrão.” Adoeceu. Sem poder trabalhar, acabou por viver da caridade de alguns que por ali passavam, pois o *“patrão não lhe fiava o sustento”*. Nesse mesmo lugar morava um seringueiro, Paulino, trabalhador, econômico, que tinha conseguido acumular crédito com o patrão. O seringalista, *“considerando a dívida do marido de D. Júlia”* (que apesar da pobreza, era uma mulher bonita), disse ao seringueiro com crédito: *“- Se quiser pagar a conta daquele sujeito eu vou arranjar a mulher (dele) para você.”* O seringueiro riu, como que consentindo, mas exclamou: *“- Esse negócio de ficar com a mulher alheia não pode sortir coisa boa!”* Porém, o patrão disse que se ele pagasse a conta, tudo daria certo. O patrão procurou o seringueiro doente e fez a proposta: *“- O Paulino é um rapaz muito bom, trabalhador e dispõe de um grande saldo em meu poder. Disse que paga a conta de vocês, arranja mais dinheiro para a viagem à Paraíba, nas condições de ficar com D. Júlia.”* Nesse momento, um silêncio imperou no ar, até que o seringueiro falou: *“- Se Júlia aceitar eu também aceito.”* Esta por sua vez *“aquiesceu”*. Assim, foi feito o pacto. Na noite em que iria ser realizado o casamento, chegaram o marido que iria viajar pra cuidar da saúde e a mulher pra se apresentar ao patrão. Na festa, D. Júlia dançou bastante, pois só existia ela e mais outra mulher, sendo parabenizada por todos. *“À meia-noite, Paulino desceu com D. Júlia a escada do barracão e foi visitar a fogueira que estava prestes a terminar. Ali palestravam sobre a nova vida que iriam encetar dessa noite em diante.”* Enquanto conversavam receberam um *“tiro de bacamarte pelas costas, que os deitou por terra. Caíram abraçados na beira da fogueira.”* Paulino recebeu mais de trinta tiros e Júlia três. *“É que o legítimo marido, ao deparar os noivos ao clarão da fogueira confabulando, irou-se, arranjou um bacamarte velho, carregou-o e mandou-lhes o tiro de misericórdia na certeza de exterminá-los de uma vez.”* No dia seguinte, o patrão, talvez tendo consciência do seu erro, mandou levar o criminoso para embarcar para sua terra, não entregou-o à polícia. *“Os noivos escaparam, mas tiveram de passar mais de três meses acamados sem poder dar água um ao outro”*.

Cabral ressalta que Júlia era *“um tipo atraente, simpática, bonitona mesmo”*. A beleza da mulher em algumas situações acabava por levar a situações de conflito, principalmente em comunidades pobres e onde havia um

número reduzido de mulheres. Miridan Knox Falci (1997, p. 263), em seu trabalho pioneiro sobre as “*Mulheres do Sertão Nordestino*” falando sobre “o casamento da mulher pobre” ressalta que “*A mulher muito bonita despertava desconfiança: poderia despertar traição ou desejo de outros homens*”. Num Nordeste (sertão) de poucas mulheres, era comum que isso acontecesse, era uma situação que seria melhor que fosse evitada, como aconselha a quadrinha do folclore do Piauí:

Bezerro de vaca preta
Onça pintada não come...
Quem casa com mulher feia
Não tem medo de outro home.

E mais:

Meu fio, muié bonita
De duas faia uma tem:
Ou qué bem a toda gente
Ou não gosta de ninguém.

Porém, a mulher, apesar de ser considerada como mercadoria, desempenhava seu papel na sociedade que se formava, mesmo que muitos negassem sua participação e importância. É o que afirma Souza (2008, p. 37):

Primeiro disseram que as mulheres não serviam para o trabalho da seringa. Então elas foram capazes de enfrentar a floresta e demonstrar que o mundo do seringal também era coisa de mulher [...]. Eram comuns as afirmativas de que os homens foram os grandes responsáveis pela abertura e implantação dos seringais na região acreana, a partir da segunda metade do século XIX (a data que é geralmente utilizada é a de 1877) deixando de tratar do papel cumprido pelas mulheres nestas tarefas [...]. As mulheres, a cada ano, cada vez mais vinham para o Acre. Acompanhavam seus pais, maridos, seus irmãos, seus noivos. Muitas ficaram no nordeste, com saudade dos parentes que partiam em direção às terras acreanas, muitas vezes sem jamais tornar a vê-los.

A ida de mulheres para o Acre era uma tentativa de resolver o problema de muitas nordestinas que desejavam uma vida melhor da que levavam no sertão. Falci (1997, p. 245), falando sobre a aparência da mulher do sertão nordestino, relata que na seca de 1877, *mulheres famintas, esqueléticas* chegavam, *em agonia de morte*, em Oeiras, então capital do Piauí, oferecendo cortar o cabelo em troca de água. Embora a mudança para o Acre fosse impelida pelas privações passadas em seus estados de origem, de certa forma,

a transferência para o Acre acontecia com a convivência delas, como nos relata Souza (2008, p. 38):

É importante dizer que mesmo vindo como mercadorias, essas mulheres “aceitavam” esta situação como saída para que pudessem sonhar com uma nova vida, com um possível casamento e com uma família. Não eram realmente “coisas”. Tinham consciência de que estavam tentando sair de uma situação de miséria em que se encontravam no Nordeste ou para escapar da condição de prostitutas nas cidades de Belém e Manaus. Eram convencidas a tentar viver dias melhores ao lado de um homem nas matas acreanas. Muitas famílias ricas do Acre, oriundas da produção de Borracha, tiveram suas primeiras mulheres com esta origem.

Wolff (1998, p. 46) afirma que embora alguns patrões financiassem a vinda de mulheres para seus seringais, outros, faziam o contrário, evitavam, “(...) *tentando com isso aguçar no seringueiro a vontade de voltar para o Nordeste, e portanto, a necessidade de produzir cada vez mais borracha*”. O objetivo era de incentivar uma maior produção, o patrão lucrava e o seringueiro vivia a ilusão de juntar saldo para pagar sua viagem de volta.

A presença feminina era tão rara e valorizada por alguns que levava a acontecimentos bastante curiosos. Glímedes Barros (1986, p. 183) conta a história da morte de um homem, que por acidente, foi esmagado pelo tronco de uma árvore; a notícia se espalhou e logo chegaram os seringueiros que viviam pelas redondezas. Um dos que chegou por último, cumprimentou os presentes e pôs-se a admirar o “*inerte e deformado corpo da viúva em prantos*”. Após alguns minutos, ele se anima e pergunta-lhe: “- *D. Isabel, a senhora quer se casar comigo? Entre soluços, ela responde: Não posso, já estou comprometida com o seu Serapião*”.

Como afirma Cleuza Rancy (1986, p. 131), a presença da mulher foi um elemento estabilizador na formação da sociedade dos seringais, pois fez com que a família daquele que ali nasceu, viveu e se desenvolveu “*contasse com a participação ativa e permanente do trabalho feminino, não limitado às tarefas domésticas, mas decisivo nas atividades de lavoura para subsistência*”. Existiram muitas formas de convívio doméstico, diferenciados de famílias nucleares e extensas, como relações de compadrio e estima; avós que criavam netos, homens que tinham várias mulheres, e mulheres que conviviam na casa de vários homens (o que nem sempre implicava em relacionamento sexual,

mas troca de serviços), mulheres sozinhas chefiando famílias (filhos(as) adotivo(as) e crianças índias pegas nas “correrias”) e vários homens sem mulheres, dentre várias outras formas. Wolff (1998), conta um caso colhido de um processo criminal do Fórum Municipal de Cruzeiro do Sul, de 25/08/1916: uma mulher, viúva, morava com seus cinco filhos na casa de um compadre. Na mesma casa morava um seringueiro alagoano que, querendo casar-se com a viúva e não conseguindo seu objetivo, acaba por assassiná-la, cometendo suicídio depois. Esse era um grupo doméstico diferente da família nuclear padrão: dois homens, uma mulher e cinco crianças. Certamente a mulher e as crianças faziam os serviços da casa, pescavam e auxiliavam no roçado, enquanto os homens cortavam seringa, caçavam e faziam a derrubada e preparo da terra.

Numa região onde as distâncias eram muito grandes entre os seringais, entre a colocação de cada seringueiro e o barracão e entre o seringal e a cidade, havia carência de tudo, inclusive de assistência espiritual ou de no caso em questão, um religioso para conceder a benção às inusitadas uniões. Tocantins (1979a, p. 220), conta a história do “*Padre Leite*” de Lábrea no Amazonas, que visitava anualmente o rio Acre para ministrar os sacramentos, ficou famoso na região como o inventor do “*casamento pelo rumo*”, que acontecia quando o seringueiro o procurava para combinar o casamento, mas a noiva não chegava com o cidadão. O sacerdote tornava mais simples o sacramento perguntando qual era o rumo certo da barraca da “*eleita*”. Uma vez indicado, apontava em direção da mesma, proferindo a benção. “*Dizem que ele, com esse método singular, tinha em mira diminuir os casos de mancebia*”.



Figura 5: Quadro de Hélio Melo
Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

Ainda havia aquelas que exerciam a “carreira” de prostituta. De acordo com Reis (1953, p. 123), muitas eram trazidas pelos patrões para aplacar a solidão do seringueiro, tudo a custa do próprio seringueiro, que posteriormente à chegada da mulher, teria que trabalhar dobrado para pagar as despesas.

Os seringueiros, no seu infortúnio, encomendavam aos “patrões” e estes às “casas aviadoras”, mulheres, como encomendavam gêneros alimentícios, utensílios, roupas, etc. Verdadeiras mercadorias, entravam nas contas, escrituradas pelos guarda-livros como quaisquer outros objetos de uso diário.

Muitas dessas mulheres se transformavam em “*boas senhoras*”, “*boas esposas*”, “*mãe de família dedicada*”. Toda essa dedicação não era de modo algum motivo de arrependimento, para os seringueiros que “*pagavam satisfeitos*” as despesas feitas pelas mulheres que “*viajava [sic] que nem uma princesa*”, segundo depoimentos colhidos por Wolff. (1998, p. 86). A falta de mulheres era um problema tão grave, que em 1905 as próprias autoridades de Cruzeiro do Sul tentaram levar para lá uma determinada quantidade de mulheres de Manaus, numa tentativa de equilibrar a situação. Como nos relata Alfredo Lustosa Cabral (1984, p. 74):

Foi por isso, atendendo a tamanha irregularidade de vida, que, certa ocasião, a polícia de Manaus, de ordem do Governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinquenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Houve, dessarte, um dia de festa – a de maior pompa, que

se tinha visto. Amigaram-se todas, não faltou pretendente. Contudo, umas não se deram com o clima, adoeceram e morreram. Outras, conseguiram voltar a Manaus e, muitas, por fim, foram mais felizes... É que mais tarde, apareceu um sacerdote e as casou.

Outra situação que envolvia as mulheres, comum no sertão nordestino e no Acre, era o rapto de mulheres. Segundo Falci (1997, p. 267), era muito comum no nordeste o “rapto consentido”, quando o namoro não era aprovado pelos pais, a mulher consentia ser raptada *“com a promessa de casamento pelo raptor”*. O noivo levava a moça e deixava na casa de uma figura importante da cidade, quase sempre um juiz. A jovem mandava avisar a família que só sairia de lá casada. Os pais não tinham outra opção, pois do contrário a *“honra da moça e da família estariam prejudicadas”*. A autora relata o desfecho:

O rapto ou a “sedução”, como os parentes julgavam na época, trazia contrariedades para a família e cabia ao poder masculino, patriarcal, caso não houvesse o casamento, resolver o problema: interpelar o sedutor e obrigá-lo a casar. Moça raptada que não casou, virava “mulher perdida”. E o rapaz que raptasse alguém e não se casasse estaria sujeito às sanções da sociedade: seria considerado indigno, “roubador de honra”, deveria sair da região ou estaria sujeito às punições que a sociedade lhe impunha, tais como morrer ou ser “capado”. A vingança era mandada fazer pelo pai ou irmão para limpar a honra da família, numa sociedade em que a vindita era muito usual e os matadores profissionais nunca faltavam.

Na sociedade dos seringais, a mulher não era só um objeto raro, mas uma mercadoria a ser comercializada, que podia ser *“encomendada”*, *“vendida”*, *“pega na mata”* ou *“roubada”* do pai ou do marido. Glímedes Rego Barros (1986, p.109), em seu livro “Nos confins do extremo oeste” conta que o Coronel Francisco Freire de Carvalho, seringalista pioneiro na extração do látex nas bacias do Juruá – Tarauacá, tinha uma filha, chamada Loló, que era exuberante, bonita e muito cobiçada. A moça era mantida sob rígido controle do pai. *“A sua virgindade era motivo de preciosidade”* ante o assédio dos homens, tanto novos, como mais velhos. A jovem acabou se apaixonando por um seringueiro e numa madrugada foi raptada por ele. Na manhã seguinte, quando deu por falta dos dois, o pai furioso mandou preparar uma canoa com armas, munição e alimentos. Sairia no rastro dos dois. Os amigos e empregados demoveram-no da idéia e ele desistiu. *“Evidentemente, naquela altura, ‘consumatum est’ ... Restava agora aguardar a presença de um padre para regularizar a situação”*. O fato era tão habitual que um homem se sentiu

seguro o suficiente para praticar o ato, acreditando que contaria com a compreensão das autoridades judiciais. Wolff (1998, p. 82), encontrou nos processos de habilitação de casamento no Fórum da cidade de Cruzeiro do Sul, um caso *“em que o noivo pedia ao juiz a dispensa de editais de proclamas pois havia raptado a noiva”*.



Figura 6: Quadro de Hélio Melo

Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

1.3.4 Trabalho feminino

Era comum que as mulheres exercessem os trabalhos domésticos, como cozinhar, criar galinhas e patos, pescar, limpar a caça e o peixe, cuidar da casa, do quintal e do roçado, quando havia, entre outros. Gilberto Freyre (1977, p. 96) fala sobre algumas sociedades ameríndias como a encontrada no Brasil, onde as atividades da mulher não estavam reduzidas às domésticas, mas contrariamente, era voltada às atividades sociais consideradas masculinas. Nessas sociedades nota-se uma semelhança na aparência e na

força física, entre homens e mulheres. Citando um estudioso dos *Botocudos* diz que “[...] *entre eles não se encontravam homens e mulheres, porém homens-mulheres e mulheres-homens.*” Significando que tinham a mesma força física e faziam os mesmos serviços. Citando os indígenas do Brasil Freyre afirma que em várias comunidades a mulher e o homem quase se igualavam em qualidades físicas, pois o trabalho agrícola era de responsabilidade da mulher, que era diferente da mulher patriarcal, anêmica e caseira.

No Acre, um trabalho comum às mulheres, juntamente com os filhos, era a coleta de cocos ou corte de cavacos de certas madeiras para a defumação.¹⁷ Havia alguns casos que as próprias mulheres faziam o trabalho de defumação. Apenas a coleta do látex não era comum ser feita pelas mulheres, ficando o trabalho do corte de preferência para o homem ou para algum filho crescido. Porém, mesmo não sendo comum, algumas mulheres, faziam este trabalho. Wolff (1998, p.78) relata a história de uma mulher acusada de cumplicidade no assassinato do marido, que declara como profissão “seringueira” e que na hora que o marido foi morto, estava com seus filhos cortando seringa. *“Embora não fizessem parte visivelmente do esquema produtivo dos seringais, as mulheres neles exerciam diversas tarefas, que possibilitavam sua sobrevivência em um sistema do qual era excluídas idealmente”*.

A classificação de “trabalho doméstico” tem ocultado, no decorrer da história, variadas modalidades de trabalho. É designado como trabalho, principalmente, atividades que são voltadas para o mercado. O que se faz além disso, não é considerado atividade laboral, como: cultivo de hortas e alimentos, cuidados com doentes e idosos, criação e ordenha de animais, produção de objetos necessários ao dia-a-dia como, óleo, banha, doces, sabão, velas, cestos, cerâmica, esteiras, redes, artesanato, costura de roupas, entre outros. São serviços ou produtos feitos para a família ou para outras pessoas, consumidos ou vendidos. Assim, o trabalho doméstico acaba por contribuir e muito para subsistência familiar. Wolff (1998, p. 79) nos fala que as mulheres e suas atividades domésticas *“(...) foram grandemente responsáveis pela sustentabilidade dos seringueiros na floresta, no período de crise do preço da borracha, quando as mercadorias se tornaram escassas”*. Todo esse trabalho

¹⁷ Processo de preparar a borracha, coagulando o leite da seringueira por meio de fumaça, transformando-o em uma sólida bola escura, chamada “pêla”.

colaborava também para que o seringueiro fizesse menos compras e isso era fundamental para o equilíbrio financeiro e prosperidade da família.

De acordo com Wolff (1998, p. 87) as estatísticas das populações dos seringais da região acreana do Alto Juruá afirmam que o número de mulheres era muito inferior ao dos homens, cerca de *“um quarto da população”*, mas é importante ressaltar que é bem provável que não estavam “distribuídas” igualmente por toda a região. Porém, ao surgir as primeiras cidades, cresceu também o número de mulheres, pelos menos concentradas em um mesmo local. *“Assim, uma das atrações das cidades passava a ser justamente as mulheres, especialmente as ‘de vida fácil’.*” Abguar Bastos (1927, p. 66-7) descreve o que acontecia na cidade de Rio Branco nos áureos tempos da borracha:

Empresa é o lado do comércio. Antigo seringal elevado ao poderio de parte oriental da cidade. Pedaco de terra livre, não se apegava a preconceitos. Uma excitante vida noturna. Aos domingos funciona o cinema. Vêm-se marafonas enchapeladas nos camarotes e senhoras honestas, afrontadas timidamente, nas cadeiras de fila.

(...) O beco de entrada, nailharga do Hotel Madrid, é um bazar extravagante, confuso. Nas casinhas abertas as mulheres entremostam as cabeças curiosas. (...). Saem e entram, repetidas vezes. Só param de entrar quando voltam acompanhadas.

Wolff (1998) esclarece que o dia-a-dia na cidade era muito diferente da vida nos seringais. Na cidade, a população se dividia entre comerciantes, costureiras, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, biscateiros, alfaiates, professoras, cozinheiras, lavadeiras, prostitutas e aqueles que viviam próximos à cidade trabalhando como agricultores, caçadores, entre outros. Com a crise nos seringais, com o preço da borracha cada vez mais baixo, esta população só fez aumentar e foram essas pessoas que iniciaram a formação das cidades acreanas.

1.4 A Imprensa

No final do século XIX o desenvolvimento do país foi assinalado e impulsionado pela vida urbana, a classe média e a burguesia permitiram o

aumento das atividades culturais relacionadas à imprensa. De acordo com Nelson Werneck (1999), o livro e o jornal surgem como exemplos desse progresso. A chegada do século XX, marca no Brasil a passagem da pequena para a grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples dão lugar às empresas jornalísticas, com estrutura munida de equipamento gráfico indispensável ao cumprimento da sua função. O jornal como empreendimento individual, desaparece nas grandes cidades e irá sobreviver apenas no interior. No Acre não ocorreu mudança, os jornais possuíam estrutura que beirava a precariedade e se manteve assim por muitos anos.

Devido à urgência da conquista, o Acre não teve um deslocamento gradual em sua ocupação, que produzisse um crescimento paulatino da população. Segundo Laélia Silva (1998, p. 75), as ações voltadas para seu desenvolvimento assumiram características de pioneirismo.

A carência na organização econômico-administrativa e sócio-cultural era superada com a improvisação. Desse modo, os prestadores de serviços na administração dos Departamentos passaram a ser também os jornalistas, poetas e agentes das ações culturais e educativas.

Na região não havia meios favoráveis que garantissem uma produção literária regular. Em tais condições, a imprensa avocou o papel de ordenar a reprodução do pensamento local e de seu meio. Os periódicos das primeiras cidades registraram através de poemas, crônicas e depoimentos, informações que nos permitem compreender a cultura local. O jornal era na visão de Abguar Bastos (1927, p. 59), algo singular:

Um jornal é uma novidade. Uma carta um acontecimento. A saudade faz com que aumentem as vantagens do lado oposto, onde as cidades são filhas diletas da civilização, com suas fabricas fumegantes, os seus portos cosmopolitas, as suas novidades dinamicas e o seu transito alegre.
Tão longe o Acre...

A maioria dos jornais do Acre era feita por meio de iniciativas de grupos políticos, principalmente a favor da emancipação do território. Segundo Laélia (1998, p. 78), os jornais desse período, eram em geral, “*financiados pelo poder econômico dos seringalistas*”. Como não poderia deixar de ser a dependência financeira, significava quase sempre, dependência ideológica. Nos primeiros

quarenta anos, os jornais servem principalmente à causa política. Somente no município de Xapuri, que em 1907 condensava o maior núcleo popular e o mais desenvolvido da região, circularam 13 jornais diferentes entre 1907 a 1921. Embora seus donos tivessem nome e interesses específicos, os jornais apregoavam independência, como mostra o editorial da primeira edição do jornal “O Acre”:¹⁸

“O Acre” é completamente imparcial; aceita independente de pagamento, quaisquer artigos tendente aos interesses do território do Acre, assumindo a sua redação o compromisso de publicar, na íntegra, a realidade dos fatos, dentro dos limites da moral. No dia 14 de maio, sob a presidência do Sr. Coronel José Plácido de Castro, reuniu-se o “Club Político 24 de Janeiro” e decidiu-se criar um jornal para defesa do estado. (“O Acre”, Xapury, 24/06/ 1907)

Werneck (1999), falando sobre a grande imprensa após a Proclamação da República, registra o surgimento de grande número de pequenos jornais, que tinham “*vida efêmera*”. No acre acontecia da mesma forma, muitos jornais eram abertos e posteriormente fechados, devido a diversos tipos de dificuldades, como exemplifica a nota abaixo:

Reaparecendo

Iniciada a sua publicação a 24/06/1907, foi a 01/10 seguinte, com pouco mais de três meses, que circulou pela ultima vez “O Acre” em sua primeira fase nesta cidade. (“O Acre”, Xapury, 16/03/1913).

“A nossa edição de hoje será talvez a ultima que daremos, este ano, suspenderam novamente a publicação por motivo de haverem os proprietários da typografia entrado em negociação para a venda de estabelecimento, em cuja oficina tem sido impresso O Acre. Como não há outra oficina na cidade, aguardarão “em silencio” a chegada da typografia que encomendamos.” (“O Acre”, Xapury, 01/06/1913).

Os jornais eram dirigidos por homens, que geralmente eram profissionais liberais (médicos e advogados em sua maioria), que vindo de outros estados da Federação, se aventuraram a viver no Acre-Território e foram os grandes responsáveis pelas atividades intelectuais daquele período. Um deles foi Areal Souto¹⁹ (1896-1961), cearense, estabelecido na cidade de Sena Madureira, que atuou como advogado, jornalista, professor, político, governador e poeta (SILVA, 1998); como se vê pelos versos abaixo:

¹⁸ “O Acre” era uma publicação quinzenal, que tinha como redatores: Francisco Conde e Justo Gonçalves da Justa.

¹⁹ Antonio Pinto do Areal Souto foi redator do Jornal Brazil Acreano.

Soneto

Areal Souto

De nosso amor toda a risonha história
 Esqueceste-a. São páginas já lidas!
 É justo. O amor é u'a crença ilusoria
 E as mulheres são todas esquecidas.
 Depois quem sabe, as folhas já caídas
 O vento que as levou! É transitória
 A lembrança das coisas já perdidas
 Emurchece nos vales da memória
 A ti, que importa, que em meu peito viva
 Nos misterios da vida, erma e cativa.
 Essa historia de amor que não fenece!
 És mais feliz, porque a esqueceste: e eu triste
 Vivo a sofrer um mal que não existe;
 Covarde, o coração que não esquece.

("Brazil Acreano", Sena Madureira, 07/05/1910)

Junto com a produção de autores locais, eram publicados também textos e poemas de consagrados autores da literatura brasileira, como o poema abaixo:

Patriotismo

Arthur Azevedo

Como é bella, meu Deus, a brasileira!
 Que doçura! que mel! que singeleza!
 E a franceza? Jesus! ai! a franceza!
 Não pode haver mulher mais feiticeira.

E a italiana então? essa é a primeira:
 A hespanhola, porem, tem mais nobreza!
 E a gravidade da mulher ingleza?
 E a allemã discreta e sobranceira?
 E a circassiana que derrota,
 Com fama universal a mais bonita,
 E que ao mais sabio faz ficar idiota?

E a hungara? a saxonia? a moscovita...
 Está dito: sou muito patriota,
 Mas tenho o coração cosmopolita!

("Commercio do Acre", Xapury, 27/06/1915)

Virgens Mortas

Olavo Bilac

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,
Nova, No velho engaste azul do firmamento.
E a alma da que morreu, de momento em momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silencio e no recolhimento.
Do campo, conversaes a sós quando anoitece,
Cuidado! o que dizes, como um rumor de prece,
Vai sussurrar no céu, levado pelo vento...
Namorados, que andaes com a bocca transbordando
De beijos, perturbando o campo socegado
E o casto coração das flôres inflamando,
- Piedade! ellas vêm tudo entre as noites escuras...
Piedade! esse impudor offende o olhar gelado
Das que viveram sós, das que morreram puras!

("Commercio do Acre", Xapury, 13/02/1916)

Segundo Laélia Silva (1998, p. 30), provavelmente os editores locais fossem leitores desses autores de renome nacional, mas a publicação desses poemas sugere “[...] *que esses autores têm a intenção de demonstrar que estão integrados ao contexto nacional e convivem no mesmo ambiente de produção,*” era o desejo de integração ao restante do país.

Isolados na floresta lutando pela sobrevivência ou já nos povoados que formaram os primeiros núcleos urbanos, a comunicação no Acre era deficiente, mas extremamente necessária. O surgimento da imprensa se deu no período áureo do extrativismo da borracha e por mais que não tenha alcançado grande repercussão no conjunto da sociedade, pela carência de grupos letrados, foi de importância fundamental para a circulação de informações e formação de leitores.

Apesar do objetivo de cunho político, via-se nos jornais uma grande quantidade de notícias de caráter geral: administrativas, policiais, sociais, educativas e de interesse público, como será visto posteriormente. Havia diversas colunas onde se podia ver mais claramente como era o dia-a-dia daquela sociedade em formação e em especial como as mulheres eram e viviam. Umas se embebedavam e provocavam atentado ao pudor; outras engravidavam, amamentavam; outras escreviam poesias e outras inspiravam aos poetas; outras morriam ao dar a luz; outras eram aniversariantes e

recebiam homenagens; outras trabalhavam como professoras, comerciantes, administradoras dos negócios da família; outras espancavam o companheiro; eram loucas, cantoras, atrizes, costureiras, médicas, professoras de piano. Todas essas mulheres eram o que podiam ser, talvez o que queriam ser e não apenas o que outros idealizavam. Todas viveram o seu tempo e mesmo por meio de jornais de interesse político, se pode ter uma idéia de como era o viver cotidiano.

Capítulo 2 – O COTIDIANO

**“Senhores – (...) essa cidade que todos nós já
vislumbramos com os olhos da imaginação,
que pode ser uma realidade dentro de alguns meses,
essa cidade da saúde e do bem estar,
será visitada por todos os povos.
Para ali chamaremos todas as famílias honestas
que a pobreza e a falta de trabalho
tenham varrido das regiões superpovoadas.
(...) Teríamos lá enormes colégios onde a juventude,
educada segundo princípios adequados,
próprios a desenvolver e a equilibrar
as faculdades morais, físicas e intelectuais,
preparar-nos-iam gerações fortes para o futuro!**

**Júlio Verne
Os quinhentos milhões da Begun**

2.1 Ideário

No Brasil, a partir de meados do século XIX, os discursos masculinos e dos poderes públicos vão designar o lugar da mulher na sociedade e vai haver um esforço para se propagar um modelo imaginário de família e nesse imaginário o espaço designado à mulher é o doméstico.

[...] para ela o espaço privilegiado para a realização de seus talentos será a esfera privada do lar. Tudo que ela tem a fazer é compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família. (RAGO, 1985, p. 75).

Na Amazônia, nas duas primeiras décadas do século XX, as mulheres encontravam-se fortemente cercadas por uma educação tradicional e patriarcalista. Na pesquisa feita por Miranda Álvares (1995), em periódicos do Pará, do final do século XIX até os anos 30 do século XX, a pesquisadora encontrou um grande volume de artigos de registro masculino, considerando também o espaço doméstico exclusivo das mulheres, enquanto o espaço público reservado aos homens. No Acre havia o mesmo pensamento, transcreviam até pesquisas de outros países, na tentativa de reafirmarem que o melhor espaço a ser ocupado por ela, era o lar e o que melhor poderia produzir era um bom prato. Afinal, sua melhor qualidade era ter paladar:

A mulher ideal

Um jornal inglês abriu há tempos, uma secção curiosa de perguntas e respostas. A primeira publicada era a seguinte:

- Qual é a qualidade que o leitor prefere na mulher...

A redacção recebeu 17.360 respostas.

umas pronunciavam-se pela beleza; outras pelo silêncio.

- A mulher ideal é a que cozinha melhor.

Bem se vê que o inglês é comilão. À beleza, à discrição, ao silêncio, prefere a que seja mais hábil na ciência da cozinha. A que com mais arte temperar um bife, fazer uma sopa, condimentar um assado, bater uma omelete é a que reúne todas as perfeições.

De modo que em matéria de amor, o inglês prefere o estomago ao coração. O seu ideal é uma sopeira. A graça, a subtilidade, a formosura, a mocidade, o espirito, todos os encantos que se reúnem na mulher para encher de côr, de som, de perfume a vida domestica desaparecem deante de um tacho...

A mulher perfeita é a que tiver a noção do paladar. Prefiro o que carrega mais na mostarda e na pimenta.

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 06/11/1909)

No nordeste brasileiro, ainda no século XIX, se percebia uma grande necessidade de que os laços do matrimônio fossem mantidos e a mulher era quem deveria se empenhar para que isso acontecesse, como mostra Falci

(1987 p. 262) nos versos de Antônio Francisco dos Santos, que tinha por alcunha Cão Dentro, do Piauí, nascido em 1887. Ele aconselha:

Trate ele amorozinho
quando das parte chegá
se for na hora do armoço
dê a ele de armoçá.
se for na hora da janta
chame ele pra jantá
e se fartá o café
traga uma xicra de chá
e um trabessero cheiroso
quando ele for se deitá
(Seja firme a seu marido
naquilo que precisá)
dê um beijo no pescoço
dê um beliscão na pá
dê um abraço arrochado
que faça as junta istralá
quando o dia amanhecê
tem tudo o que precisá
tudo o que pedi a ele
ele não diz que não dá

O pensamento que dominava era que a mulher deveria esforçar-se para agradar ao homem, isto é, sempre concordar com ele:

A mulher e a música

A mulher deve concordar com o homem, para haver harmonia.

Da falta de concordancia, resulta a Desafinação.

Quando qualquer mulher fala em casamento, está em Tom Natural; quando é desprezada e chora, está em Tom de Dó; mas, se de outro lado, lhe fazem a côrte Muda pr'a Lá.

(...)

Enquanto nova, é uma Valsa; quando velha, uma Marcha Funebre.

(...)

Quando a mulher casa, Sobe um Tom; quando enviuva, Desce um Tom e um Semi Tom: isto é, fica Meio Tom Abaixo do que era antes de casar, mas, si contrae segundas nupcias, Volta ao seu Tom Natural.

(...)

A mulher divide-se em Três Partes, como o Compasso Ternario: duas no chão, que são os pés. E uma no ar, que é a cabeça.

(...).

("Commercio do Acre", Xapury, 12/12/1915)

A idéia que prevalecia era de que a mulher poderia ter muitas qualidades, ser até sublime, mas o homem seria sempre superior.

O homem e a mulher

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher o mais sublime dos ideais.
 Deus fez para o homem um throno; para a mulher um altar. O throno exalta, o altar santifica.
 O homem é o cérebro, a mulher é o coração. O cérebro fabrica luz, o coração produz o amor. A luz fecunda, o amor ressuscita.
 O homem é genio. A mulher é anjo. O genio é immensuravel, o anjo indefinivel. Contempla-se o infinito, admira-se o inefavel.
 A aspiração do homem é a suprema gloria. A aspiração da mulher é a virtude. A gloria faz o domínio.
 O homem tem a supremacia. A mulher a preferencia. A supremacia significa força, a preferencia representa o direito.
 O homem é forte pela razão. A mulher invencivel pelas lagrimas. A razão convence, as lagrimas commovem.
 O homem é capaz de todos os heroísmos. A mulher de todos os martyrios. O heroísmo enobrece o martyrio sublimisa.
 O homem é um codigo. A mulher um evangelho. O codigo corrige. O evangelho aperfeiçoa.
 O homem é o templo. A mulher é o sacrario. Ante o templo descobrimo-nos, ante o sacrario ajoelhamo-nos.
 O homem pensa. A mulher sonha. Pensar é ter no craneo uma larva, sonhar é ter na frente uma aureola.
 O homem é o oceano. A mulher é o lago. O oceano tem a perola, o lago tem poesia que deslumbra.
 O homem é a aguia que voa. A mulher é o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço, cantar é conquistar a alma.
 O homem tem um pharol – a consciência. A mulher tem uma estrela – a esperança. O pharol guia, a esperança salva.
 Enfim: – o homem está collocado onde termina a terra. A mulher onde começa o ceo.
 (“O Cruzeiro do Sul”, Cruzeiro do Sul, 05/09/1909)

As mulheres eram ironizadas por seus caprichos e frivolidades. É o que se vê na matéria da redação de jornal de Xapury:

Da redação

De observação em observação tenho verificado que, como ha pessoas, ha animaes e coisas fadadas a serem *infelizes*, *caiporas*, olho de secca-pimenteira e arriscarei mesmo *urucubacósos*.

Imaginem! Conheço uma Senhora, algo prendada, muito attenciosa e que tem o gostinho especial e ter a sua casa muito bem arrumadinha e enfeitada; quando encontra bibelot ou qualquer uma jarrinha, não lhe escapa, compra com as economias roubadas do bolso do esposo. Entre muitas coisas que tem adquirido, comprou de uma feita, a um vendedor ambulante, quatro cachorrinhos de gesso ou massa, obra prima de uma esculptura vagabunda, sendo que um casal dos callungas têm a bocca ameaçadoramente aberta, ameaçando céus e terra, mettidos dentro de uns sapatinhos de mulher, os outros guardam Cerberos, uma cesta com flôres e dos primeiros um ha, talvez o menos feroz, que sempre que ha limpeza nos moveis elle consegue advinhar o toque do espanador ou da mão distrahida da arrumadeira e *contrapuz*, chão com elle, dividindo-se em alguns pedaços. A pobre senhora fica entristecida por perder tal preciosidade e um amigo n'uma occasião em que estava presente, fez muitos elogios a minha paciência e habilidade e o resultado é que sempre que se quebra o maldito cachorro, tenho eu que pagar o pato, isto é, emendal-o, esperando dentro em pouco fazer o mesmo serviço e sempre no mesmo infeliz. Não sei de nós dois qual é o caipora, eu ou cachorro cabuloso?

(“Commercio do Acre”, Xapury, Coluna: Riscos & Rabiscos, 20/06/1915)

Ao analisar os discursos masculinos e femininos registrados nos jornais de 1910 a 1920, Miranda (1995) percebeu idéias diferentes sobre temas como feminismo, política e sufrágio. A versão masculina mostra-se intolerante aos avanços femininos e fazem duras críticas àquelas que defendem o sufrágio feminino. O jornal “O Cruzeiro do Sul” diz que há muitos homens que desprezam o seu direito de votar e que há mulheres que combatem arduamente por esse direito. Fala da campanha sufragista pelo mundo e suas conquistas. Cita uma mulher, Miss Fowler, que tem consumido seus 80 e tantos anos na luta em favor das reivindicações políticas do seu sexo.

“Não vão, porem suppôr as nossas leitoras que o extravagante traje da celebre feminista é fardamento obrigatório para todas as sufragistas...

Não, decerto; porque se assim fosse, não teria a causa tantas adeptas...

E fariam bem, porque, se fosse necessário optar entre a elegancia e graça femenis e o direito de votar nas eleições, as leitoras decerto prefeririam, a este direito, aquelle attributo, que é todo o encanto e sedução do seu sexo.”

(“O Cruzeiro do Sul”, Cruzeiro do Sul, 28/08/1909

Na maioria das vezes as lutas e reivindicações femininas eram vistas pelos redatores dos jornais como pilhéria. Não se levava a sério os direitos que as mulheres julgavam ter. As mais obstinadas eram perigosas e o conselho era dado aos homens, para que se precavessem.

Cuidado com as mulheres

Vimos há pouco um jornal do Pará, um telegrama de Londres communicando terem sido jogadas várias bombas de dynamite na residência de Lord Lloyd George, actual presidente do Conselho de Ministros da velha Albion.

Segundo investigação da policia inglesa as bombas foram jogadas por senhoras inglesas que estão se batendo pelo sufrágio.

Lord George é contrario as pretensões feministas.

Em outros tempos S. Ex^a receberia com toda certeza uma mensagem de desagravo, feita a pannelas, cabos de vassouras, espetos, latas, chaleiras, em fim, uma manifestação a trens de coisinha. Hoje porem a cousa mudou de figura. As mulheres não usam semelhantes armas, vão logo à dynamite.

O atentado foi assumido pela diretora do movimento político.

Apaixonados, cuidado com as vossas Dulcinéas. Um abraço mais apertado poderá determinar a explosão de uma bomba conduzida as ocultas.

A mulher actualmente é um verdadeiro perigo de saias.

Não brinquem com ella.

Sapontes

“O Acre”, Xapury, 16/03/1913)

Em tudo o que era dito a respeito das lutas e conquistas femininas, se usava a ironia ou excessivo senso de humor. O mais relevante diante do exercício do voto feminino era o mesário (homem) poder contemplar a figura feminina.

O parlamento dinamarquez concedeu o direito de votos às mulheres.
Que bom ser mesário... para receber o voto ou um protesto de eleitora gentil.
("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Varias, 15/08/1915)

O imaginário do tipo de mulher ideal criado pelo sistema patriarcal brasileiro revelava-se na literatura na forma erótica dos sonetos, dos romances, das quadras das novelas, como nos mostra Freyre (1977, p. 97):

[...] ora idealizada em extremo, ora exaltada pelas sugestões de seu corpo especializado para o amor físico. De seus pezinhos mimosos. De suas mãos delicadas. De sua cintura estreita. De seus seios salientes e redondos. De tudo que exprimisse ou acentuasse sua diferença física do homem; sua especialização em boneca de carne para ser amolegada pelo homem. Pela imaginação do poeta e pelas mãos do macho. [...] esse culto pela mulher, bem apurado, é, talvez, um culto narcisista do homem patriarcal, do sexo dominante, que se serve do oprimido – dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das coxas, dos seios, das ancas da mulher, como de alguma coisa de quente e doce que lhe amacie, lhe excite e lhe aumente a volutuosidade e o gozo. O homem patriarcal se roça pela mulher macia, frágil, fingindo adorá-la, mas na verdade para sentir-se mais sexo forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador.

Mesmo cantada em versos, por trás da exaltação à mulher, pode estar implícito um desejo de domínio.

Ilusão do Amor

Offerecido a Izabel Maia

Maio... mez das flores!... como é bello
ver-se no céu d'um limpido, surgir
a luz irradiante do sol dourando os montes!
(...)
Dezoito annos apenas. Sympathica, morena,
rosto encantador e expressivo... tanto encanto,
tanta graça...
A bocca, divinamente risonha, alvos dentes como a neve;
os lábios rosados, cabellos de ébano, crespos e sedosos.

(...)

As mãos, pequeninas e mimosas.
O pé é chinês e pisa com elegância
de quem sabe debellar corações.

(...)

Recordando o passado... a sombra d'estas
matas verdejantes, adormecerei para sonhar
as impressões da vida... ilusão de amor!

Dilettante.

Veneza, 14 de maio de 1908.
("Acreano", Empreza, 31/05/1908)

Logogripho

(Sobre um soneto de Violeta das Selvas)
Em retribuição à mana Eunice Motta

Sê boa, meiga e casta, eternamente
Sê, como as flôres são, candida, pura
Sê sempre, como as aves, inocente,
E conserva o olhar de doçura.

O' lyrio perfumdado, pyra ardente
Que minha'alma illumina, quando escura!
O' zéphiro suave do poente
Que nas dôres me embálas com ternura!

Foge ao mundo, perverso, viciado;
Foge da sociedade, mar immundo,
Onde tantas almas naufragado.

E vem, vem-te esconder, Entre Divino,
N'este affecto d'irmão, amor profundo,
Ethereo, suave e chrystallino!...

Andei... corri tudo
Brinquei a valer
Mas nunca esqueci
Teu nome, mulher.
João Motta

("A Alvorada", Villa Seabra, 31/01/1914)

Os versos vistos nos jornais que faziam referência às mulheres eram sempre sobre a mulher idealizada: a bela, a elegante, a graciosa, a simpática, a encantadora, a casta, a inocente, a inesquecível. Todas essas características serviam para que se esperasse delas um comportamento exemplar de acordo com as qualidades que lhes eram atribuídas, privando-as do direito de serem como eram e reforçando o domínio masculino sobre elas.

2.2 Educação

De acordo com Souza (2008), desde a sua primeira organização política e Administrativa em 1904, cada departamento do Acre recebia anualmente 200 contos de réis para serem investidos em obras públicas: prédios para a administração, pavimentação de ruas, escolas, tudo o que fosse necessário para o desenvolvimento do estado, porém esses recursos eram insuficientes. Escolas, por exemplo, não havia em número adequado em todas as cidades. Em 1915, na cidade de Xapuri havia 4 escolas e 102 alunos, como mostra a nota do “Commercio do Acre”:

Escolas	Meninos	Meninas
José de Alencar (Mixta)	10	20
Affonso Penna	21	
Euclydes da Cunha (Mixta)	13	18
Arcoverde	20	

(População escolar é de 117 alunos, mas capazes de freqüentar talvez o dobro)

(“Commercio do Acre”, Xapury, 05/09/1915)

É possível que por conta da precariedade do número de escolas e da qualidade do ensino, muitos jovens estudassem fora do Estado. Quem possuía condições de manter seus filhos estudando em outros Estados, os enviava para escolas em regime de internato ou se tivesse algum parente na cidade, em regime de semi- internato ou externato. Por isso, havia nos jornais propaganda de escolas em outras cidades como esta em Manaus.

Collegio “Leonor”

Directora

Leonor Belmont Vaz

Estabelecimento de ensino inscripto na Instrucção Publica

Dispondo de um corpo docente de primeira ordem, aceita alumnas internas, semi-internas e externas.

Estrada Epaminondas, 82 Manáos

(“Porto Acre”, Porto Acre, 09/11/1913)

Um exemplo disso é o jornal “Acreano” que dá notícia de uma jovem que estudando fora, estava tendo muito proveito nos estudos. Diz a nota que no país tinha excelentes estabelecimentos de ensino

[...] que tomam a seu cargo a instituição de creanças de qualquer dos sexos” (...) garantindo o futuro da família, da sociedade e muito especialmente da Pátria que é o prolongamento directo d’aquellas.

(“Acreano”, Empreza, 07/04/1910)

Miridan Falci (1997, p. 252), falando sobre as mulheres do sertão nordestino, afirma que em contraponto às mulheres que tiveram a oportunidade de estudar, muitas, embora tivessem nascido em famílias poderosas, cresceram e casaram, sem poder estudar, o que não acontecia com os rapazes da mesma classe social:

Podemos imaginar as apreensões por que passavam essas mulheres quando não puderam exprimir-se por escrito e tiveram de depender de outros para fazer solicitações, negociar ou lutar por seus bens e de seus filhos por ocasião de processos de inventário.

Presume-se a vulnerabilidade dessas mulheres que, com grandes limitações intelectuais e vivência restrita ao espaço doméstico, após a morte do marido ficavam sujeitas a toda sorte de golpes, como o descrito abaixo:

Um conto do vigário

Um advogado/firma induz a viúva a assinar escritura de doação em pagamento a um suposto débito do marido, e ela entregou TODOS os bens pertencentes ao espólio do seu marido – por quitação.

(“Acreano”, Empreza, 29/09/1908)

2.3 Trabalho

No magistério

No Brasil a “atividade docente” foi iniciada pelos jesuítas. Segundo Guacira Louro (1997), apenas posteriormente os homens se ocuparam do magistério, excluindo o elemento religioso. Porém, provavelmente por conta do “processo de urbanização e industrialização”, na segunda metade do século XIX, os homens foram “abandonando as salas de aulas” e as mulheres foram levadas às escolas normais, criadas desde meados do século, com o intuito de atender às denúncias do “abandono da educação nas províncias brasileiras”.

No Acre, a maior área de atuação profissional das mulheres na primeira metade do século XX foi na educação. Segundo Margarete Lopes (2006), ser professora, nesse período, foi a profissão possível de ser exercida pela mulher

na sociedade brasileira àquelas que quisessem ou precisassem sair do espaço doméstico. É o que se percebe nos jornais de várias cidades acreanas.

Curso noturno

(...) leciona a noite em sua residencia: - Portuguez, Francez, Inglez, Arithimetica, Geographia e Historia, mediante ajuste. Francez e Inglez pratico e theorico.
 ("Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 06/01/1907)

Por ato de 17 passado, do sr. Prefeito desse Departamento, a primeira escola mixta desta cidade, regida pela exm^a d. Antonia Mara Costa, foi denominada "Affonso Penna"; e a segunda, regida pela exm^a d. Etelvina Mourão Gato, foi denominada "José de Alencar".
 ("O Acre", Xapury, Coluna: Fatos e Notícias, 06/08/1907)

Inauguração de escola particular, dirigida pelos professores Jose Raymundo e D. Maria de Jesus. Ambos tem reconhecida competência. Muito será de esperar com os novos preceptores da nossa infancia.
 Collegio com o caráter de semi-internato,
 Collegio Acreano.
 ("Alto Acre", Xapury, 06/07/1913)

Aula Primaria

Rosa Fidanza Dutra, professora normalista, previne aos Srs. chefes de família que resolveu crear uma aula primaria, em sua residencia, á Rua 6 de Agosto nº 4, para a qual acceita desde já allunos de ambos os sexos.
 Mensalidade módica
 ("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Inedictoriaes, 20/02/1916)

Nos dois anúncios abaixo vale a pena destacar o ensino de prendas e trabalhos de agulha. Não se sabe exatamente em que consiste o ensino de prendas, mas talvez seja o mesmo que era ensinado numa academia para instrução de meninas no Rio de Janeiro em 1813, pois é dito no anúncio que é o mesmo sistema. Maria Beatriz Nizza da Silva (2007) registrou anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro*, onde a alfabetização de meninas era facultativo, mas o destaque era dado para a arte de coser, bordar, engomar, fazer renda, marcar e fazer meias, flores e enfeites. Tudo isso era ensinado na academia.

Collegio Nossa Senhora da Conceição Internato e Externato – Vila Rio Branco
 Dirigido pela habilissima D. Anna de Noronha Arantes Teixeira
 Neste estabelecimento ensinam-se portuguez, francez, geographia, arithmetica, historia patria e prendas.
 ("Acreano", Empreza, 24/11/1907)

Curso Primario

Maria de Jesus, diplomada pela Escola Normal do Ceará, professora de longa pratica no magistério publico e particular em diversos anos de instrução no Estado do Ceará e Maranhão,

recebe em sua residência á Rua: Coronel Brandão, matricula de creanças de ambos os sexos para ensino das matérias do curso primário, mediante a pensão mensal de 30 \$ 000, pagos adiantamente.

O ensino será ministrado por methodo intuitivo segundo o systema mais moderno adoptado o programma das escolas publicas do Rio de Janeiro e as aulas funcçãoarão de 8 ás 11 horas da manhã.

- Esta professora abrirá também um curso especial para alunas que queiram se dedicar ao estudo secundario de Portuguez, Francez, Geographia, Arithmetica, História, Desenho, Musica e Trabalhos de Agulha, mediante preço módico e previamente combinado.

("O Acre", Xapury, 25/05/1913)

Prado (2006), afirma que no início do século XX no Acre, as mulheres conseguiram atuar de forma mais rápida como professora, nas escolas, por ser um ofício propício às mulheres, pois a profissão era considerada como uma segunda mãe. Vê-se que tanto em suas residências como nas escolas, as mulheres eram as mais atuantes.

Em áreas diversas

Freyre (1977, p. 109) afirma que a vida brasileira no século XIX sentiu profundamente a ausência da mulher na política, no ensino, na literatura, na assistência social e noutras áreas de atividade. Só aos poucos saiu da intimidade do lar um tipo de mulher mais informada, na literatura, no canto, no piano, no francês e um pouco na ciência, “– *para substituir a mãe ignorante e quase sem outra repercussão sobre os filhos que a sentimental, da época de patriarcalismo ortodoxo.*” Um tipo de mulher menos subserviente e mais mundano, que teve o horizonte social ampliado pela variedade de contatos com a vida fora do espaço doméstico.

Já no início do século XX, influenciadas pelo filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, por concepções religiosas e pelo pensamento médico vitoriano, as elites políticas e intelectuais buscaram restabelecer o lugar das mulheres na sociedade, no mesmo momento em que o processo de urbanização e industrialização se iniciava e principiava para elas um novo espaço de atuação. Margareth Rago (1997, p. 588), afirma que no Brasil, com o crescente ingresso das mulheres no mercado de trabalho e ao setor público em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser largamente discutido. “*Para muitos médicos e higienistas, o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família*”. No Acre não era diferente, o pensamento que dominava e era difundido na imprensa era que a mulher tinha o sublime dom

da maternidade e deveria ter a abnegação para ser uma mãe devotada e uma excelente esposa.

Mãe e Esposa

A grande, elevada e importante função da mulher nas sociedades humanas não é ser boticaria, jornalista ou ser doutora: é ser mãe, e ser esposa.

(...) é uma ciência que requer longo e apurado estudo. Que tenha serenidade, paciência, suprema bondade, saiba os segredos da higiene e da clinica colinaria, compreensão e o gosto das artes decorativas, superiormente constituída.

Ramalho Ortigão

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 11/12/1909)

Em meados do século XIX a sociedade brasileira mostrava um quadro contraditório sobre a mulher. Sohiet (1989, p. 108-109) nos fala que:

De um lado aquele que promove a deificação da mulher, "veiculada no estereótipo de santidade da maternidade", enquanto o outro pólo produz "paradoxalmente" o ataque, a execração, a hostilidade, a visão da mulher como um ser "perigoso", "histérico", "amoral", e "potencialmente criminoso". Além disso, a solidão estaria reservada às mulheres que se aventurassem a uma instrução elevada [...].

Esse é o período em que as maiores cidades brasileiras entram no processo de urbanização. Assim, esperava-se que os papéis sociais da mulher correspondessem às mudanças que se sucederam até final do século XIX. Além disso, as camadas superiores da população que viviam nos grandes centros urbanos brasileiros, eram influenciadas pela cultura européia e desejavam um ensino de melhor qualidade, que naquele momento era bastante inconsistente tanto na rede particular, como na oficial. (RAGO, 2000).

Com as mulheres vivendo esse período de mudanças, a pergunta que se fazia era: como as mulheres passariam fora do lar durante todo o dia ou parcialmente e poderiam se ocupar com os filhos, maridos e a casa de forma satisfatória? Rago (1997) lembra que a preocupação da época era o que seriam das crianças, futuros cidadãos da pátria, se fossem abandonados nos anos mais importantes de sua formação moral? Essas questões levavam à demarcação de severos códigos morais para mulheres de todas as classes sociais, principalmente àquelas que iniciavam carreiras como médicas, advogadas e outras profissões e atividades. Mesmo as mulheres de boa condição social que conseguiam se formar, enfrentavam dificuldades para

entrar no mercado de trabalho. Rago (1997, p. 590) informa ainda: *“Tendo vencido o primeiro desafio – de se formarem como médicas, engenheiras, advogadas, entre outras profissões liberais –, as mulheres ainda tinham muitos obstáculos a superar para se firmarem profissionalmente”*. E cita o exemplo de Júlia Lopes de Almeida, que foi a primeira escritora brasileira a ser candidata na Academia Brasileira de Letras, e recusada em favor de seu desconhecido marido.

No Acre, em 1909, vê-se uma médica, mas acompanhada por “seu digno marido”, chegar para exercer a profissão e ser bastante festejada. Parece que o fato de ser uma profissão da elite e por estar tão bem acompanhada por seu marido e família, a faz merecedora de toda honra, como mostra a nota a seguir:

Dra. Anna Falcão

Chegou ao Acre, onde vem estacionar por algum tempo, a exma. Sra. dra. Anna Machado Falcão, profissional em sciencias medico cirúrgicas, em cujo departamento tem revelado a mais profunda competência. Residindo há muitos anos em Belém, onde gozava de merecido conceito profissional, aquilatando-se pela sua numerosa clientella, ora sentindo a sua ausência, teve de vir ao Acre, em abnegada e dedicada compreensão de seus deveres de esposa estremosa e virtuosa, acompanhando o seu digno marido, que se vê ligado a esta Terra por transações comerciais.

Acha-se a exma. Senhora residindo no seringal Aquidaban, com toda a sua exma. família, lugar onde está localizado o seu digno esposo, cirurgião dentista Emilio Falcão, nosso prezado amigo, a quem enviamos nossas saudações.

O Acreano, apresentando respeitosa saudações a exma. sra. dra. Anna M. Falcão e a toda a sua exma. família, saúda-a scientificando-lhe os seus votos de boa vinda.

(“Acreano”, Empreza, 03/05/1909)

Noutro dia, é publicada outra nota no jornal.

Esteve nesta cidade acompanhado de sua Exm. senhora, Doutora Anna Machado Falcão e suas diletas e estremecidas filhas o nosso distinto e prezado amigo Dr. Emilio Falcão.

Foi a primeira vez que veio a esta cidade uma profissional em medicina, senhora da mais nobre distinção, aliando a sua pureza de educação a mais funda e competente illustracção nas sciencias medicas, que professa e pratica com largo proveito para a sua clientella e em beneficio da humanidade sofredora.

(“Acreano”, Empreza, 15/07/1909)

O nome da mulher estava sempre ligado ao nome e à figura do marido. Como nas notas acima, quando se faz referência à profissional, se faz também ao marido e à família. Na sociedade patriarcal o homem tinha total domínio sobre a vida das mulheres, que só se extinguia quando este falecia. Falci (1997, p. 259) nos lembra que os maridos tinham *“poder marital”* sobre as

heranças de suas esposas, o que significava que elas não podiam dispor de seus bens, caso quisessem, e cabia a eles administrá-los. *“Só em 1916 foi permitido às mulheres casadas ter o mais elementar direito de controlar seus bens, longe do olhar de águia do cônjuge.”* O que significa dizer que muitas mulheres só tomavam pé dos negócios da família após a morte do marido. Freyre (1977, p. 95) em *“Sobrados e mucambos”* cita o exemplo de uma senhora que administrava uma fazenda no Estado do Mato Grosso, andava por toda a parte, a pé ou a cavalo, dando ordens aos seus empregados gerindo o engenho, os escravos, o gado e as plantações.

As senhoras de engenho, desse feitio amazônico, embora mais femininas de corpo, não foram raras. Várias famílias guardam a tradição de avós quase rainhas que administraram fazendas quase do tamanho de reinos. Viúvas que conservaram e às vezes desenvolveram grandes riquezas.

No Acre, havia mulheres que ao ficarem viúvas, tomavam à frente a administração dos seringais. Outras, segundo Wolff (1998, p. 80), *“(...) cuidavam da administração dos seringais que estavam em nome de seus maridos e pais mesmo durante a vida destes, em suas viagens (...), ou dividindo as tarefas dessa administração”*. Um exemplo de uma administradora de seringal, vê-se já em 1907, quando se deu uma contenda, que foi parar nos jornais, entre a sr^a Candida Sacramento, proprietária de um seringal em Xapuri e o sr. Julio Tupy, a quem ela afirmava ter concedido parte de suas terras para que ele a explorasse e lhe passasse as rendas do lucro que obtivesse.

No início de agosto o sr. Julio Tupy começou a colocar notas nos jornais, se dizendo proprietário de uma exploração de seringa e caucho num lugar denominado “Nova Empresa” e dizia que a sr^a Candida estava querendo tirá-lo de lá. Ele protesta contra uma cerca que queriam tirar da sua propriedade, para a divisão dos seringais da sr^a Candida e se julga prejudicado, pois a cerca entraria no centro da sua exploração, se diz em desacordo com o cercado e que fará valer os direitos dentro dos princípios da Lei. D^a Candida Sacramento responde em 18/08/1907 na cidade de Xapuri, o texto tem como título “Verdades”:

Pretendia continuar o silencio que até hoje tenho guardado sobre o que, entre mim e o sr. Julio Tupy, tem se passado desde ha muito, porem em face de pretendido protesto que fez este

rapaz nas columnas deste jornal em o n. 4, contra a demarcação que hora se faz no seringal “SaeCinsa” de minha exclusiva propriedade, declaro que nada tenho que ver; pois, desconheço completamente esse seringal “Nova Empresa”, de sua propriedade, bem como outro qualquer, porque desde 1904 que este sr. Trabalha em meu seringal “SaeCinsa”, onde lhe cedi collocação que me pediu, e isto por meio de um contracto feito e escripto de seu próprio punho, em que assignaram como testemunha os srs. Clynio Brandão e Antonio Garcia; contracto este que, garantia-lhe explorar toda a seringa ali existente me entregando no fim de cada anno as estradas de seringueira que trabalhassem, e no fim de trez annos, conforme praso determinado pelo referido contracto, me entregar, sem direito a indenização de espécie alguma, todas as benfeitorias que ali fizesse. Para tal fim, contractou o sr. Julio Tupy um matteiro, o qual chegou a abrir dez estradas se seringueiras, este mesmo auxiliado por mim, porque a este tempo estava o mesmo sr. Tupy a serviço da revolução acreana e, logo que ficou dispensado, foi obrigado a descer por se achar gravemente doente.

Do Pará ainda escreveu-me o sr. Tupy uma carta, pedindo-me a preferência no contracto de exploração. Havendo se retirado para tratar de sua saúde o sr. Tupy, fiquei a frente de seu pessoal, encaminhando-o e auxiliando-o com mercadoria que ate hoje não recebi, porque chegando aqui o sr. Tupy negociou o fabrico com outros, deixando de satisfazer aquelles que com sacrificio lhe havia servido, e, continuou a trabalhar nas dez estradas e outras tantas que encontrou abertas usufruindo o produto por dois annos. No terceiro anno por ter-lhe cobrado às rendas, rebellou-se contra minha pessoa, obrigando-me a proceder judicialmente. Quem diria que este pobre moço, a quem já considerei como a um filho, fosse tão mal intencionado... Sr. Julio Tupy peço-lhe para contestar-me com a presença do contracto que tem em seu poder, o qual em tempos de confiança, lhe entreguei quando o senhor chegou do Pará. Se assim não fizer, não poderão ser levados em consideração quaisquer palavras do senhor.”
 (“O Acre”, Xapury, 18/08/1907)

O que chama a atenção nesse acontecimento é como a história se prolonga. São cartas e mais cartas, de ambas as partes, publicadas no jornal. Parece que D^a Cândida tinha grande capacidade de administração ou tinha bons colaboradores, pois tomava medidas diversas na condução de seus negócios.

Rifa de um Seringal

A pedido de alguns donos de cautellas ficou transferida a sua extracção para o dia 30 de agosto.

Xapury, 5 de julho de 1908

Candida Sacramento.

(“Acreano”, Empresa, 05/07/1908)

Peço a todos que ainda não pagaram o obsequio de o fazer para não forçar-me a outra transferência.

Candida Sacramento.

(“Acreano”, Empresa, 09/08/1908)

As mulheres que administravam seringais enfrentavam vários tipos de problemas, como a de D^a Cecília Pimentel Leite:

Prevenção

O advogado de uma dona de seringal previne os arrendatários que não entreguem borracha de arrendamento dos seringais.

Avisa, que é ilegal a entrega dos arrendamentos a outra pessoa que não a proprietária.
Cecília Pimentel Leite.
("Acreano", Empreza, 16/09/1908)

Aviso dos arrendatários do seringal "Espalha", de propriedade de D. Firmina Leite, conforme escritura passada em cartório, que o público não poderão colocar fregueses nas estradas do seringal sem prévio consentimento dos arrendatários.
("Acreano", Empreza, 24/03/1910)

Aulas de piano

O piano no século XIX foi considerado por Edmond de Goncourt de forma exagerada como o *"haxixe das mulheres"* (2006, p. 487-8), e dizia respeito às moças e às casadas. O instrumento surge em 1815, depois que a harpa, o violão e o violoncelo foram considerados indecentes. Expande-se pela pequena burguesia e posteriormente democratiza-se, para após 1870, ser considerado vulgar. Porém, por mais *"amigo da alma"* que fosse e por mais prazer que suscitasse na sua execução (chegou a ser associado à prática da masturbação), a primazia da sua função social é clara: *"Tocar bem piano estabelece uma reputação juvenil, demonstra publicamente uma esmerada educação."* Esta virtude favorece a estratégia matrimonial, pois faz parte do imaginário masculino.

A cabeleira desfeita, a visagem incendiada pelas velas iluminando a partitura, os olhos perdidos no vazio, ela parece já a presa sonhadora oferecida aos desejos do homem. (2006, p. 489).

Diante da função social do piano, mesmo no Brasil, era fundamental que as mulheres da sociedade se interessassem pelo instrumento e que as famílias se empenhassem para que seus componentes femininos se dedicassem aos estudos. No Acre havia professora formada no Rio de Janeiro oferecendo o ensino.

Piano, Theoria e Solfejo

Maria Amélia de S. Magalhães
Professora de piano, theoria e solfejo, diplomada pelo Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro
Aceita-se alunos.
("O Departamento", Seabra, 15/11/1914)

Prado (2006, p. 100), falando sobre a urbanização de Rio Branco num período posterior ao início da formação das cidades, afirma que a literatura era a área que os homens mais atuavam e as mulheres eram pianistas. “*As moças educadas, das famílias abastadas, aprendiam a tocar piano.*” Era tão comum, que cada família tinha a sua pianista para animar os encontros e festas familiares.

Mary Del Priore (2006, p. 132) falando das festas no século XIX, afirma que em uma certa época do ano havia o Mês de Maria, quando as jovens das famílias rezavam e cantavam em seus oratórios particulares. Porém, não era somente um evento religioso. “*Era costume dos salões brasileiros essa mistura de devoção e distração, graças aos quais ressoavam, ao mesmo tempo, ladainhas e jaculatórias, quadrilhas, valsas e serenatas, preces e cochichos enamorados.*” No Acre, também havia a Festa de Maria, como mostra a nota abaixo. Não se sabe se o trabalho desempenhado pelas mulheres de Xapuri era fruto da fé, por serem herdeiras da tradição católica nordestina ou se era também uma forma de diversão.

Matriz de São Sebastião

Festa do Mez de Maria

Receita

Esmolas recebidas nas ruas 23 \$ 100

Ditas nas salvas 387 \$ 400

Renda do patrimonio da Matriz pela ocupação de algumas barracas:

Recebido de :

D. Maroca (pelo seu taboleiro) 10 \$

D. Mariana Praxedes 10 \$

(“Commercio do Acre”, Xapury, 11/06/1915)

Trabalho beneficente ou entretenimento, o empenho deveria ser grande, pois a igreja ainda não era hierarquicamente organizada e não havia padres que fizessem os serviços eclesiais continuamente. O que só veio a ocorrer em 1920. A arquidiocese de Manaus, desde a segunda metade do século XIX, enviava esporadicamente padres para os seringais, e posteriormente para as cidades, para realizarem os serviços religiosos (SOUZA, 2008). Todo esforço era feito para arrecadação de fundos para a instituição. Além da venda de produtos nas barracas, até esmolos eram coletadas na rua, talvez influência da

Ordem Religiosa Servos de Maria, vindas da Itália e estabelecida posteriormente em Xapuri.

2.4 A mulher e as letras

Norma Telles (1997), ao falar sobre o século XIX, afirma que apesar de ter sido uma época sombria para as classes trabalhadoras da Europa e para as mulheres, foi também o século onde surgiram os movimentos sociais, feministas e sufragistas. E foi nesse momento que surgiu a “Nova Mulher”, e essa mulher escrevia, a princípio, romances. Com o tempo começou a publicar seus escritos, tarefa difícil, pois como lhe era negada a educação, não existia familiaridade no trato com as palavras. Não sem esforço, a mulher conseguiu manifestar-se e expor sua criação. Algumas se destacaram, como Amélia de Freitas, filha de um importante desembargador das províncias do Maranhão e Ceará. Foi redatora de uma revista literária feminina entre 1902 e 1904, escreveu romances, contos, artigos e um importante trabalho sobre a infância: *“Instrução e educação da infância”*. Segundo Falci, foi a primeira mulher a concorrer a uma cadeira da Academia Brasileira de Letras (1997). Em meados do século XIX surgiu Nísia Floresta, uma *“exceção escandalosa”* (FREYRE, 1977) em meio a baronesas e viscondessas que mal sabiam escrever e as senhoras mais elegantes que apenas soletravam livros religiosos e novelas. Nísia escreveu *“Direitos das mulheres e injustiça dos homens”*, se relacionou e trocou correspondências com figuras de renome como o sociólogo Frances Augusto Comte. No final do século se destacou Narcisa Amália e Carmen Dolores e depois Júlia Lopes Almeida. Antes delas, com exceção de Nísia, só houve escritoras medíocres *“[...] ou simplórias, uma ou outra mulher afrancesada, algumas das quais colaboradoras do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.”* (Ibid, p. 109).

No Acre, em 1909, na cidade de Sena Madureira, Miriam da Silva, convidada pelos editores, assume a Secção Feminina no jornal o “O Estado do Acre”:

Secção Feminina

Bem compreendo a quanto me abalanço, aceitando a direção desta secção, destinada a vós e somente a vós, minhas gentilíssimas leitoras.

Ja vai longe o tempo em que moralistas, (...) davam ao Diabo todas as mulheres doutoras, escritoras e compositoras; mas ainda hoje existe quem, apegado ás tradições d'antanho, penso que a mulher se destina exclusivamente a familia.

Não sou daquellas adeptas do feminismo que querem a todo o transe competir com o homem até mesmo nas funções publicas, nos pleitos eleitoraes. A fragilidade e a delicadeza ingenuas do nosso sexo, excluem-nos naturalmente da luta com o sexo forte, dando ganho de causa a este. Entendo, porém, que a mulher tem uma alma sensível, que vibra, que freme, que estua; alma que tem azas para alar-se no mundo do pensamento; alma que não se fez para mero instrumento do homem, mas para se manifestar livremente pela palavra falada ou escrita.

Abre um concurso entre as leitoras e pergunta:

- Qual o dia mais feliz para a mulher?

Aguarda resposta

Miriam da Silva

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 06/11/1909)

Em resposta à pergunta: - Qual o dia mais feliz para a mulher? Várias mulheres se manifestaram:

O dia mais feliz para a mulher é aquelle em que ella beija pela vez primeira, o fruto abençoado de suas entranhas.

Florinda Pontes

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 13/11/1909)

O dia mais feliz da mulher é o do casamento.

Dinorá Rios

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 13/11/1909)

(...) esquecendo a fragilidade e pouco cultivo da minha intelligencia (...).

(...) em minha pouco valiosa opinião, julgo que o dia mais feliz para a mulher deve ser o dia que vê ligado seu destino ao do eleito do seu coração.

Glicinia

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 20/11/1909)

(...) será aquelle em que ella conseguir comprar a sua independencia. E esse dia, na ordem natural das coisas, é o da viuvez.

A mulher quando casa muda apenas de senhor, do poder do pai passa para o do marido – continuando a ser sempre uma escrava.

(...) a côr negra, em um longo véu de viúva, tem para mim, a miragem dos abismos...

Só a viúva é independente.

(...) é aquelle em que ella dá um não – seco e formidável ao mariola que lhe vai pedir a mão em casamento. A mulher sendo sempre preterida pelo homem, se sente crescer aos seus próprios olhos no dia em que despacha o importuno que lhe mendiga uma esmola de amor.

(...) é o dia em que oferta ao mundo o abençoado fruto de suas entranhas.

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 20/11/1909)

Mesmo que os textos femininos estivessem circunscritos ao viver doméstico e demonstrassem limitação e simplicidade nos pensamentos, era importante a participação feminina, pois era uma forma de desconstruir as barreiras intelectuais existentes e ocupar espaços na sociedade.

Outras mulheres, talvez por vergonha ou timidez, usavam o pseudônimo “Uma acreana”, mas também manifestavam suas idéias:

O amor é o desejo constante de ter sempre em contacto o objecto amado.
O amor não cega e tampouco fecha o nosso coração para o bem, a não confundirmos esse sentimento com outro qualquer.
O casamento é um ideal que só devem realizar os corações que são amantes e amigos ao mesmo tempo.
Uma Acreana
("O Estado do Acre", Sena Madureira, Coluna: Postaes, 11/03/1909)

Ahi vae a resposta aos teus postaes, que mimosos pelo bem torneado das phrases, são entretanto, falhos de realidade.
(...)
A amizade é sempre um sentimento brando; o amor corre a gamma entre o suave e o febril.
Uma Acreana.
("O Estado do Acre", Sena Madureira, Coluna: Postaes, 18/03/1909)

Visto que os periódicos acreanos do período eram patrocinados pelos seringalistas, chamados “*coronéis de barranco*”, imagina-se o quanto foi difícil o exercício da escrita para os homens (LOPES, 2006, p. 107). “*Sendo Assim, o que se poderia dizer das mulheres a quem não era aconselhado e nem permitido o acesso ao letramento?*” Por mais rara que fosse a participação da mulher nos jornais, ela existiu. Com uma vivência circunscrita a vida doméstica, não se poderia esperar que descrevessem sobre assuntos que fugissem a esta realidade. Assim, falava-se do amor, do bem amado, da amizade, do casamento e por mais simplória que fossem as palavras, era uma forma legítima de participação e de registro de suas idéias.

Segundo Lopes (2006, p. 117), são poucos os poemas de autoria feminina encontrados nos jornais do Acre no início do século e os que foram publicados são sobre assuntos que envolvem o espaço doméstico. Parece que o objetivo era incentivar a natureza feminina, como sendo maternal, frágil, submissa ao homem. Os editores dos jornais eram homens, talvez fosse de interesse deles que os textos publicados na imprensa contribuíssem para “[...] *manter os valores estabelecidos e o controle sobre o comportamento e corpo femininos.*” Em 1913, no periódico “O Acre” de Xapuri, foi publicado um poema de uma mulher, por nome Zalina, talvez um pseudônimo. Prado, afirma que pouca informação se tem de Zalina além de que escrevia poemas e textos sobre o cotidiano para o jornal “Correio do Povo”. O belo poema colhido no jornal “O Acre” chama-se “Recordações”.

Recordações

Quando o luar em noite constellada
Envolve a terra cheia de esplendores,
Relembro tristemente esses cantores
Que ouvi d'amor cantando uma alvorada.

E nessas noites, quando estou lembrada,
Unir quizerá, de minh'alma as dores
Ao terno canto desses trovadores
Que fez sorrir minh'alma arrebatada.

Inda uma vez ouvil-os... quem me dera!...
A protestarem tanto amor – chimera –
Enchendo o coração de tal encanto...

Os cantores que tanto assim cantaram
Os encantos do coração trocaram
Por tristes flores, cujo orvalho é pranto.

Xapury, 10-03-1913
Zalina
("O Acre", Xapury, 23/03/1913)

Alguns dias depois é publicada no mesmo jornal uma carta de Zuleida de Azevedo, que faz comentários aos versos de Zalina:

Missiva

Minha chara Zalina

NÃO calculas tu, a alegria que experimentei quando, ao folhear o segundo numero d' O Acre, em busca de alguma novidade, deparei com o soneto RECORDAÇÕES, no qual pintaste com uma delicada firmeza de tintas e verdadeira maestria, o quadro que te deixou impresso na imaginação o sonho que te arrebatou ás regiões ignotas e te fez sorrir a alma artisticamente saudosa de poesia.

Os quadros que me ferem a retina, minha doce amiga, são menos suggestivos do que aquelles que nos tocam a alma – Deslumbram, mas não inebriam. É por esse motivo que nós guardamos os segundos mais vivos em nossas almas.

Quem, minha querida amiga, esquecerá uma fala segredada á medo, no giro delicioso de uma valsa de Franz Lehar, um cicio que apenas se advinha, beijo alado á esvoaçar em torno das nossas cabeças a procura dos nossos lábios e que muitas vezes deixa em nossos corações a ardentia extranha de um raio que o tivesse ferido? E uma palavra que atravessa a nossa alma, como um espinho agudíssimo de gelo? Não. Ninguém o esquecerá jamais.

Eis o motivo que te fez decorar com tanta perfeição e belleza, o quadro que te impressionou – Duas ou três estrophes de uma canção maviosa que te feria o coração, captivando-o

Eu, minha chara amiga, não aprecio os bardos.

- São uns doidivaneas a quem tanto faz cantar a floração do amor, a chama divina que nos combure o ser e nos faz querer a vida, como ao seu desfolhar, deixando em nossas almas tristeza de um bem apenas entrevisto e que nos fugiu como um floco alvíssimo de cyrrus perpassando célere na concha azul de um céu de verão.

Antes, minha Zalina, o tempo em que as nossas almas, quaes irisantes borboletas, volitavam em derredor das flôres, ainda embebidas no deslumbramento que lhes causará a feéria da primavera.

Infelizmente, minha carinhosa amiga, nem as próprias borboletas escapam á fascinação de uma rosa escarlata que entreabre as pétalas aveludadas ás caricias da luz.

Canta, minha Zalina, canta a tua saudade de repassadas de doçura, mas não te deixes prender pelo feitiço dos bardos.

São uns sonhadores, e, como sonhadores, não amam a nós outras, mas, a um ideal que lhes vive nas almas de cantores, nascendo aos primeiros harpejos de uma sonata e morrendo ao expirarem as suas ultimas notas.

Não te fies nelles minha amiguinha, aceita o conselho da tua

Zuleida de Azevedo.

("O Acre", Xapury, 13/04/1913)

Zuleida parece não ter compreendido a inspiração poética da amiga, pois presa à realidade e após algumas digressões, aconselha a amiga a não se deixar encantar pelos poetas, pois esses não amam as mulheres comuns, mas sim, a uma mulher ideal, que na realidade não existe. Zalina responde no mesmo jornal a carta da amiga.

Missiva

A Simphatica Zuleida de Azevedo

...

Devo dizer-te, porém, que foste muita injusta para com os homens: eles não são em regra geral, tão volúveis como dizes, pelo menos os cantores a que me referi não são tanto assim. Sabes que todas as regras tem exceções.

Os corações dos homens são mais propensos a volubilidade, e tem mais facilidade em o ser, concorrendo muito para isso o fato de viajarem mais do que nós mulheres, que nos preocupaes com os negócios domésticos, saindo pouco e limitando-nos a convivência social.

Alguns ao deixarem a cidade, deixam um pedaço do seu coração, esquecendo a deidade querida e ao chegar ao primeiro ponto de partida já esqueceu todas as promessas e juras. Outros, amam a distancia traz a lembrança daquela que chora a sua ausência.

Devemos perdoar aos inconstantes e volúveis porque esses dons são da Natureza e aos seus caprichos ninguém pode fugir.

Quem sabe se nós mesmas, que temos os corações formados para o amor e a fidelidade, se viajássemos como os homens, freqüentando reuniões ouvindo novas juras que falassem a nossas almas; quem sabe não deixariam penetrar em nossos corações um raio de esquecimento!

Apesar dos nossos corações serem amorosos e fieis, somos fracas e muitas vezes não podemos ouvir lamentos sem ter compaixão do que se maldiz.

Zalina

("O Acre", Xapury, 27/04/1913)

Zalina parece ter consciência dos rígidos padrões que a sociedade tenta impor às mulheres e afirma que se não fosse assim, talvez as mulheres agissem da mesma forma que os homens, com a tal volubilidade citada por Zuleida.

2.5 A mulher sendo notícia

Embora alimentassem a pequena história, como afirma Perrot (1988), as mulheres estavam presentes nos jornais nos mais diversos tipos de notícias.

Loucura

A nota abaixo dá notícia da existência de uma mulher louca na área rural, local muito distante da cidade.

Existe no seringal "Rio Grande" de propriedade do sr. Miguel Nogueira de Queiroz, uma **mulher louca**, por nome Anna de tal.

("O Acre", Empreza, Coluna: Factos e Notícias, 14/07/1907)

Com que finalidade foi publicada essa notícia? Não teria essa mulher, família? Esperavam que alguém a fosse buscar?

Sabe-se que na Europa, desde o século XIX as famílias cuidavam dos "seus" loucos. Segundo Perrot, os loucos, imbecis e dementes eram privados de seus direitos de cidadania e podiam ser internados a pedido da família. Na França a lei estabelecia este direito. Perrot (2006, p. 280) ainda afirma: "*A lei de 1838 autoriza as famílias a internar não os perigosos, os indesejáveis ou os indisciplinados, mas sim os loucos.*" Em 80% dos casos, os que solicitavam a internação eram homens (um terço eram pais, maridos ou patrões). A reclusão das mulheres consideradas loucas aumentou rapidamente nesse período, de 9.930 em 1845-1849 para quase 20 mil em 1871.

Segundo Magali Engel (1997, p. 322), no Brasil, a partir de 1850 as transformações sociais vão se tornando mais profundas e definidas, impondo em concordância com os interesses dominantes "[...] a *formulação e a execução de novas estratégias de disciplinarização e de repressão de corpos e mentes sedimentados [...]*." Surgem novos padrões morais para os comportamentos sexuais e sociais. Junto a essas mudanças firmava-se o

processo de *medicalização da loucura*, convertendo-a em *doença mental*. A mulher nesse momento é considerada um ser dotado de características positivas e negativas, mas imprevisíveis, que nem os recursos científicos mais aprimorados poderiam prever. A mulher se transformava num ser moral e socialmente ameaçador, devendo ser submetida às normas que a fizesse cumprir com seu papel social de esposa e mãe. Ainda havia a crença de que o organismo da mulher era predisposto à doença mental. A menstruação, a gravidez e o parto seriam os aspectos essenciais no diagnóstico das doenças mentais. O conhecimento sobre a mulher diagnosticada como louca era orientado pelos aspectos plurais de sua sexualidade. A histeria foi associada ao corpo da mulher, especificamente ao útero e também incorporada ao mundo da loucura, isto é, assimilada às doenças mentais. Assim, a mulher que não cumprisse com seu papel de mãe ou esposa e demonstrasse seus sentimentos e desejos, poderia ser considerada histérica. Como propagava o psiquiatra francês Ulysse Trélat: *“Toda mulher é feita para sentir, e sentir é quase histeria”* (1997, p. 357).

Há muitos motivos que podem desencadear a loucura. Até hoje é um tema passível de muitos estudos. A exploração da mulher pelo homem, gerando toda sorte obrigações, pressões, angústias, infelicidades, são fatores preponderantes para essas manifestações. Freyre (1977, p. 94), falando sobre o século XIX, afirma que numa sociedade católica como a brasileira, muitas mulheres devem ter se livrado da loucura graças ao confessorário. Era uma forma de libertar-se da tirania do marido, do pai, do irmão, do avô sobre si e aliviar a consciência. Confessando-se elas tiravam de dentro de si o que de pior pudesse existir. *“Purgavam-se. Era uma limpeza para os nervos, e não apenas para as suas almas ansiosas do céu [...]”*

No Acre de 1907, não havia sequer hospital, quanto mais um local de internamento para os doentes mentais (NEVES, 2004). Assim, os desprovidos de “razão” viviam à margem da sociedade e provavelmente discriminados e desvalorizados, como a Anna da nota, que nem sobrenome recebeu. Acredito que deveria ser incômodo para uma sociedade tida como destemida e afeita ao trabalho, conviver com a ociosidade e os desvarios de uma louca.

Loucura à parte, existiram outros motivos para a internação de mulheres. Freyre (1977, p. 126), fala que alguns homens internavam suas mulheres num

claustro durante anos simplesmente para viverem à vontade em sua própria casa com uma amante. Não era preciso motivos graves para levá-las para um local “[...] onde ficam reclusas mulheres e moças, não precisamente de má vida, mas que deram algum grave motivo de descontentamento aos pais e maridos”. Outros recolhiam suas filhas em colégios, conventos ou estabelecimentos de correção a fim de evitar algum namoro indesejado pelos pais ou uniões dessas moças consideradas de linhagem nobre com aventureiros.

Parto

Segundo Perrot (2006, p. 152), no século XIX na França, o nascimento era um ato estritamente privado e feminino, do qual os homens eram excluídos, com exceção do médico. Porém, por questão de preço, de tradição e pudor, as parteiras ocupavam uma posição importante, mas que foi entrando em declínio ao longo do tempo. *“Dar à luz no hospital é sinal de pobreza, e principalmente de vergonha e solidão [...]”*. Para o hospital iam as mães solteiras antes de serem abandonadas. A situação foi mudando aos poucos e posteriormente, entre as duas guerras, a mudança ainda não havia se tornado consistente. Em Paris e em outros locais também evoluídos a preocupação era evitar os altos índices de natimortos da Europa. Mas, o problema persistia. *“Para a mãe e o filho, o nascimento continua a ser uma provação muitas vezes dramática.”*

No Brasil, no meio urbano, a insalubridade, o grande número de pessoas pobres e mal alimentadas, a inflação dos preços dos bens de subsistência e os surtos epidêmicos de doenças como febre amarela (1850) e cólera morbus (1855), aumentaram o índice de mortalidade materna e da população infantil. Nos escritos médicos do século XIX havia registros de óbito de crianças por uma doença específica, e que na verdade encobria outras doenças advindas da mãe. A maioria dessas mulheres abandonava seus filhos na roda dos enjeitados. *“Os índices de mortalidade dos expostos eram assustadores e os médicos e administradores não se cansavam de apontar as mulheres como principais responsáveis.”* (VENÂNCIO, 2006 p. 216).

A atenção à mulher que iria dar à luz se tornava um ato coletivo, devido à dramaticidade do momento. Um parto difícil movimentava mulheres de raças e condições sociais variadas em torno do sofrimento, que enchia de apreensão

toda a comunidade. O ato era envolto de significados. “*A participação de outras mulheres, a crença e a devoção religiosa, a exclusão de elementos supersticiosos e os recursos domésticos ou médicos revezavam-se para salvar mães e filhos.*” (PRIORE, 1993, p. 255). No passado a experiência do parto era vivida com dor e violência. A incerteza e o medo levavam as mulheres ao uso tanto de paliativos quanto da invocação do sagrado.

São Gonçalo tem rasgado
sola dura de sapato
somente por visitar
mulheres q'estão de parto²⁰

A mulher sempre contou com o trabalho das parteiras que existem desde a antigüidade, elas eram as curadoras do povo que conservavam um saber próprio que lhes era passado de mãe para filha de geração a geração (KRÄMER, 1991). As mulheres preferiam as parteiras aos médicos, pois se sentiam mais à vontade para mostrar seus genitais e confiavam nos recursos fitoterápicos usados por elas na hora do parto. Além do trabalho físico, somava-se também o apoio psicológico, em forma de palavras de conforto, ânimo e força. Maria Mary Ferreira (1997, p. 106) escrevendo sobre as parteiras tradicionais do Maranhão, afirma que as parteiras ainda são uma alternativa de cura para a população da área rural. Na maioria das vezes elas iniciam o trabalho quando a mulher engravida, acompanham toda a gestação, orientam o pré-natal, “*sacodem a barriga*”, colocando a criança no lugar, todo esse trabalho vai até oito dias depois do parto ou pode acontecer de só atender a mulher na hora do parto, quando são chamadas.

No Acre, no início do século XX, as parteiras eram a única referência de saúde. No exercício do seu trabalho chegavam aos lugares mais remotos, às vezes enfrentando dias de viagem de barco ou no lombo de animal, atravessando rio a nado, andando horas a pé, para amparar²¹ as crianças que estavam para nascer. A maioria das parteiras aprendeu a profissão por precisão²² por meio da mãe, avó ou parteiras antigas na comunidade. Elas

²⁰ Quadra popular no Nordeste do Brasil (PRIORE, 1993, p. 254).

²¹ Termo muito usado na região para designar o ato de auxiliar a mulher no momento de dar à luz.

²² Na linguagem local, por necessidade.

preservam as tradições culturais de concepção de vida de forma humanizada, de solidariedade, afeto e de respeito à mulher que está parindo e à vida que está nascendo. (Outras Palavras, 2000). O trabalho das parteiras era mesmo imprescindível, mas muitas vezes, impossível de ser realizado, pois não havia como atender a todas as mulheres, devido às dificuldades vividas por ambas. É claro que mesmo com toda sabedoria e dedicação, as parteiras tinham suas limitações, especialmente quando havia necessidade de procedimento cirúrgico. Muitas vezes para salvar a parturiente até os médicos recorriam à embriotomia, operação mutiladora realizada na época. Foi o que praticou o homem da história abaixo. No momento do parto a mulher estava sujeita a toda sorte de acontecimentos:

Operação estupenda

A embryotomia praticada por um seringueiro; a thezoura de Dubois substituída por um canivete No seringal “Catuaba” deste Departamento, logar Iquiry, residem Marcellino Pereira Brandão e sua mulher Alexandrina de tal. Iquiry é muito distante da margem onde se acha o barracão, residencia do gerente ou administrador do seringal.

Em o fim do mês de junho, alexandrina, apresentou syntomas de parto, como era natural prepararam-se os pobres seringueiros para o acto: cachaça, alfazema, alecrim, os cueiros etc. tudo em movimento.

Aconteceu, porém, que Alexandrina não pôde ter o parto naturalmente, pois a creança tendo atravessado ao nascer, somente um braço pôz de fora.

Marcellino vio-se *abarbado* com tal facto, esperou que a natureza obrasse e lhe tirasse do apuro em que estava, sem ao menos poder chamar um visinho qualquer.

Nessa emergencia vendo morta a sua companheira, lança mão de um canivete, e depois de bem amollal-o resolve-se a praticar a extracção da creança, dissecando-a, isto é, tirando aos pedaços etc. até que, com essa operação selvagem, conseguiu extrahil-a toda, e dando passagem a outro feto, pois Alexandrina, tinha duas creanças á nascer!

Extraordinário! Alexandrina e o recém-nascido (gmeo) estão de perfeita saude; e o *operador* Marcellino satisfeito por ter salvado a sua cara metade!

E é preciso dizer-se que Marcellino é homem boçal e gosta de beber cachaça.

O que dirão os Esculapios sobre esse acto de Marcellino?

Será ou não um caso de embryotomia, ainda que sem regras da arte, praticado com feliz exito por um seringueiro?

Respondam os entendidos.

(“O Acre”, Xapury, 18/08/1907)

Interessante observar que em nenhum momento se realça o sofrimento e a dor da mulher, mas sim, a coragem e valentia masculina. Não se registra a ausência da parteira, figura comum nos seringais, mas só de um vizinho. Tem-se a impressão de que a mulher era apenas o ser que faria falta, caso morresse, por não ter mais quem pudesse lavar, limpar e cumprir seu papel social. A expressão de ter salvado a “cara metade” parece pura ironia.

Álcool



Figura 7: “A bebedora” (1889) de Toulouse-Lautrec.
 Fonte: <http://www.artehistoria.jcyl.es/genios>

“Embriagar-se pode ser um prazer; mais freqüentemente revela uma dificuldade de viver.” (CORBIN, 2006, p. 579). Essa é a frase que impacta o início do texto “A permanência renovada do desejo alcoólico” onde Alain Corbin afirma que o alcoolismo e a figura do bebedor solitário surgem no século XIX, onde a classe dominante e médica reforçam o vínculo entre a tendência para a bebida e a imoralidade da classe operária. Ainda afirmam ser um vício pernicioso que desestrutura a família, incentiva a desordem social, atenta contra a grandiosidade da pátria e degenera a raça. Para pôr fim a esta doença se inicia a partir de 1873 uma campanha antialcoólica e para isso contam com a colaboração moralizadora da mulher. *“Cabe à operária converter o marido à temperança, assim como a burguesa redentora tem por missão trazer o esposo incrêdo ao caminho da ortodoxia.”* (2006, p. 580). A imagem do bebedor passa por uma transformação, de ruidoso e desordenado a bonachão e expansivo e, por fim, a taciturno e agressivo. Efetua-se então o desvio do panorama público para o privado. A lei persegue o bêbado público e ignora o alcoolismo encoberto. Muito já se tentou explicar os motivos do consumo solitário do álcool, mas poucas certezas foram tidas. A monotonia do trabalho, melhores

salários, maior tempo gasto com o lazer e a necessidade de “matar o tempo” foram algumas respostas encontradas.

No Brasil, desde o início do século XX o consumo de álcool passou a ser objeto de uma intensa intervenção reguladora por parte do Estado. Isso resultou em tratados internacionais, legislações específicas, procedimentos policiais, aumento excessivo do preço e do lucro comercial. *“Ao mesmo tempo, desenvolveu-se um imenso aparato de observação, intervenção e regulação dos hábitos cotidianos das populações.”* (CARNEIRO, 2005, p. 17). As drogas sempre foram os instrumentos mais eficazes para se alcançar prazer ou para aplacar a dor. Não só a dor física, mas a dor da alma. Sigmund Freud afirmava que a droga exercia um papel de suma importância na *“economia libidinal”* de todas as nações, ao ponto de lhe ser atribuído caráter divino. Muitas drogas são concebidas como deuses, como no caso do vinho, considerado como representante de Dionísio/Baco ou o próprio Cristo, cuja bebida significa, nos cultos, seu sangue. As drogas são consoladoras, anestésicas, estimulantes, produzem prazer e êxtase; o que as tornam instrumentos de sociabilidade em encontros festivos, tanto religiosos, quanto profanos. Mesmo com o interesse do governo em regular o uso do álcool, a população não deixava de consumir. Para comemorar ou para fugir da realidade o consumo e o excesso eram comuns, pois quando se fala em drogas e no caso em particular o álcool, não se pode deixar de falar do vício. Henrique Carneiro, citando o sociólogo Anthony Giddens diz que o vício é *“uma incapacidade de administrar o futuro”* (2005, p. 20). O vício é considerado por este autor como uma doença. Sendo assim, mais desamparados estavam as pessoas que viviam no início do século XX e faziam o uso excessivo do álcool, pois sem acesso a tratamentos e marginalizados pela sociedade, o fim era o da degradação.

No Acre, nas colunas policiais, se vê várias notas sobre pessoas alcoolizadas nas ruas e várias delas, são mulheres. É possível que o isolamento, a ociosidade na cidade em formação e o fácil acesso à bebida, levassem algumas ao exagero. A incompreensão com o ato e a recriminação sofrida, talvez gerasse a agressividade por parte dessas mulheres, que terminavam por afrontar a moral, como no caso abaixo:

Pelo simples fato de ter-se embriagado e afrontado a moral no dia primeiro deste, foi depositada por uma noite, a moleca Maria Bebiãna. Coitadinha!...

(“Acreano”, Empreza, Coluna: Echo da Policia, 24/03/1910)

É possível que muitas exagerassem na bebida e não fossem notícia, por beberem tranqüilamente em suas residências ou até mesmo no espaço público, mas sem provocar confusão. Não foi o caso abaixo:

A Semana

Por desordem foram presos:

Francisco Ribeiro do Nascimento e Francisco de Britto

Por embriaguez e desordens:

Maria Raymunda de Paula

(“Commercio do Acre”, Xapury, Coluna: Notas Policiaes, 13/02/1916)

O álcool está presente na vida privada de qualquer sociedade. Seu uso diário e contínuo provoca grandes desentendimentos. *“A embriaguez atíça as discórdias domésticas, exacerba os ciúmes do marido enganado, estimula a violência nascida de uma simples suspeita, provoca as brutalidades do esposo que a mulher recrimina por ter bebido.”* (2006, p. 584). Assim, as brigas após a bebida são comuns.

Em Xapuri dá-se um fato em que não está claro se houve consumo de bebida alcoólica, mas é provável, diante da fúria da mulher, que ao contrário do usual, que é a violência por parte do homem, foi ela quem aplicou um cruel castigo em seu companheiro.

Durante a semana que se findou foram recolhidos ao xadrez da Delegacia de Policia:

Policronio Lagos e Antonietta Marques, porque, depois da forte alteração entre ambos, applicou Antonietta ao pobre do Policronio *“chá de umbigo de boi”*.

(“Alto Acre”, Xapury, Coluna: Pela Policia, 23/11/1913)

O que está claro neste episódio, que antecedeu a prisão do casal, foi a surra que Antonietta aplicou no Policronio. O *“chá de umbigo de boi”* é um objeto de correção, sem querer usar de eufemismo e defini-lo como uma arma. O objeto é feito com o órgão genital do boi, que é colocado pra secar e depois de seco fica aproximadamente do tamanho de um palmo de comprimento ou um pouco menor. Depois é amarrado na ponta de um chicote. Fica como uma lixa. Quando é preparado dessa forma é chamado de *“umbigo de boi”*. Quando chicoteado nas costas da pessoa, para cada lapada o sangue escorre imediatamente.

De outros países

Os escritores locais viviam atentos ao que acontecia no mundo, transcrevendo histórias que lhes chamavam a atenção, como o da mulher que se divorciou nove vezes. A nota abaixo mostra que a chegada de uma cantora francesa no Acre suscitava curiosidade. Nota-se que o adjetivo que mais foi destacado na atriz não foi o talento, mas a beleza.

Madame Palmière

Acha-se entre nós a graciosa cantora franceza Madame Palmière que pretende dar alguns espectáculos nesta cidade.

Madame Palmière vem precedida de uma fama, que teremos prazer em constatar nestes dias e allia ao seu physico attrahente dotes artísticos, segundo muitos jornais nacionaes.

("Commercio do Acre", Xapury, 23/01/1916)

Madame Barba Azul ou Divorcio pela nona vez

Transcrevemos de um telegrama de Londres para Le Martin de Paris: Madame Polly Baker, americana, tem uma queda muito pronunciada pelo sexo forte. Seu amor, contudo, dura pouco tempo para com o mesmo individuo, ella própria o confessa; ama enormemente o changement. Com sessenta e cinco anos de idade, madame Baker já é casada pela undecima vez, e esta não será provavelmente a ultima, porque Ella tem horror a solidão.

Um curto telegrama de New-York nos diz simplesmente que o tribunal de Indiana acaba de accordar o divorcio de madame Baker, que se separa de seu undécimo marido. Diz ainda o telegrama que um dos maridos desta dama respeitável morreu naturalmente, um outro suicidou-se, e os outros nove, não tendo podido suportar o amor dessa mulher *passionnée*, requereram o divorcio.

Assim, supondo que madame Polly Baker se tenha casado aos vinte e um annos, teve Ella, em media, um novo marido de quatro em quatro annos.

("O Acre", Xapury, 18/08/1907)

2.6 A vida urbana

O século XX foi o século da urbanização. Foi a partir daí que grande parte da população mundial deixou as atividades agrícolas e passou a viver em núcleos urbanos de variados tipos. Foi um rompimento de muitos séculos de história da humanidade (BARROS, 2007). Foi necessário um tempo para as adaptações ao novo modo de vida. Como se comportar em lugares públicos, como se divertir, como se enfeitar, como vestir-se, como receber, como tratar as novas enfermidades e mazelas da vida. Tudo isso teve que ser aprendido.

2.6.1 A sociedade

Segundo Maria Ângela D’Incao (1997, p. 228) a vida urbana no início do século XIX praticamente não existia no Brasil. O estilo de vida da elite que dominava o país recebia influência da aristocracia portuguesa. A chamada família patriarcal, onde o pai era o detentor do poder e comandava a todos, vivia na casa-grande e predominava na senzala. No fim do século XIX e início do XX o Rio de Janeiro entra num processo de modernização e a idéia de “civilização” torna-se um bem a ser alcançado. A casa, agora mais enriquecida, começa a ser aberta não só para a família, mas para parentes e amigos, onde eram realizados jantares e festas. “[...] *as salas de jantar e os salões, lugar das máscaras sociais, impunham regras para bem-receber e bem-representar diante das visitas.*”

Abguar Bastos (1927, p. 69) em seu romance “Certos caminhos do mundo” fala da cidade de Rio Branco no início do século XX, na época tinha o nome de Empresa. Do outro lado do rio a região é chamada de Penápolis.

Zona essencialmente morigerada, rescende a jesuitismo e a burguesia. Os seus divertimentos não constroem ninguém. Às dez horas da noite toca a silêncio. Tudo em Penápolis é domestico, cerimonioso e familiar. Lá não há cabaré, nem jogatina, nem carraspanas, nem prostitutas.

Em Empresa, a elite da cidade vivia em Penápolis, lá “[...] *tudo é gente de sociedade.*” E essa sociedade se empenhava ao máximo em ser sofisticada. É o que se percebe pelo jantar organizado em homenagem a um coronel. A cerimônia teve bastante destaque, nota-se pela riqueza de detalhes do redator. E o empenho na sofisticação percebe-se pelo fato dos organizadores usarem até palavras francesas no cardápio. Sabe-se que a França sempre foi exemplo no quesito refinamento e como destaca Sandra Pesavento (2002, p. 29) referindo-se a Paris “[...] *que continua em pleno século XXI persistindo como uma realidade urbana emblemática, dotada de um charme especial.*” Gilberto Freyre (1977, p. 102) também escreveu sobre a influência francesa no Brasil, que no século XIX predominou nos trajes, nas modas, nas maneiras. “As nossas sinhasinhas e yayás já não querem ser tratadas senão por demoiselles,

mademoiselles e madames.” Esse requinte é que era buscado pela sociedade acreana de Empreza.

Jantar em comemoração a volta do cel. F. Simplicio F. da Costa diretor político do jornal.

Num quadro preto, ao fundo da sala, artisticamente escripto com muita pericia e habilidade, divisa-va-se profuso cardápio, a excitar o paladar dos convivas. Em cada uma das cabeceiras da mesa, bellamente desenhado, embora com proposital e artistica simplicidade, reproduzia-se em miniatura o cardápio do quadro preto. Não podemos conter o desejo de descrevel-o, em traços largos embora. Em fundo verde escuro com o centro branco, lia-se em tinta azul e letra bordados o seguinte, dentro de bordada moldura azul.

JANTAR INTIMO

Offerecido pela administração da Prefeitura do Alto Acre ao exmº sr. Coronel F.S T. da Costa
MENU

Hors d' ceuvre
Frios a Rio Branco
Canja de gallinha

Entrées
Bollinho de carne
Gallinha em ervilhas
Cabidela a Prefeito
Carneiro á jardineira
Arroz de forno a Xapury

Rotis
Peru afiambrado a cel. Simplicio
Leitão com batatas
Costelletas de leitão
Espargos com molho branco
Pirão de batatas

Desserts
Fructas crystalisadas á Anadia
Calda doce com fructas á Srta. Simplicio
Pudim á D. Noca
("Acreano", Empreza, 19/07/1908)

Também em Xapuri de 1907, a elite recebia e comemorava as datas, como na nota abaixo, do aniversário da esposa do redator-chefe do periódico “O Acre”: Como era característico na sociedade patriarcal, embora o aniversário fosse da mulher (que nem teve o nome registrado), o destaque maior foi dado ao seu esposo, aquele que detinha o poder familiar.

Festejou, ontem, o aniversário natalício de sua exmª esposa, o redator-chefe deste periódico, sr. Francisco Conde, oferecendo um almoço íntimo aos amigos que com ele se foram congratular. Correu na mais desejada amizade sendo levantado um único brinde a felicidade da aniversataria.

("O Acre", Xapury, 06/08/1907, Coluna: Fatos e Notícias)

Da mesma forma, em Empreza, a sr^a Francisca recebia nota no periódico e os adjetivos dirigidos a ela, tinha relação com seu esposo. Nota-se que nos votos de restabelecimento se usava até expressão em francês.

Acha-se ligeiramente acamada, depois do seu *délivrance*, a exma. Snra. D. Francisca Guimarães, virtuosa e respeitável esposa do nosso caro amigo, Sr. Jose R. da Silva Guimarães, zeloso e competente gerente do seringal "Porvir". A esta exma. sra. O Acreano almeja breve e radical restabelecimento.
("Acreano", Empreza, 24/03/1910)

Eram comuns quadrinhos de felicitações de aniversário às mulheres da sociedade e quando citadas, sempre são relacionadas ao parentesco com algum homem.

Fazem anos

A senhorita Esther Vasconcellos de Siqueira, cunhada do sr. Alfredo de Siqueira
("O Acre", Xapury, 06/08/1907, Coluna: Carnet)

Fazem anos

O sr. Francisco Nigro e a exma^a sra. D. Altemira Caminha, esposa do sr. Antonio R. Caminha
A senhorita Maria Paulina Barbosa, a exm^a d. Juliêta Alencar, esposa do sr. Coronel Antonio A. Alencar
("O Acre", Xapury, 14/07/1907, Coluna: Carnet)

Fazem anos a interessante Elcizedide Almeida Mello, filha do sr. José Affonso de Almeida.
("O Acre", Xapury, 28/07/1907, Coluna: Carnet)

Fazem anos

A pequena Lindaura, filha do sr. José Alves Maia.
A senhorita Elisa Tavares, filha do advogado major Deolindo Tavares.
A senhorita Esther de Vasconcellos, cunhada do sr. Alfredo Peres de Siqueira, festejou no dia 10 do corrente o seu aniversário natalício.
A' noite, no seringal "Samauma" ofereceu aos convidados e as pessoas que lhe foram cumprimentar, um lauto copo d'água onde foram erguidos diversos brindes a aniversariante e a família Peres, seguindo-se uma nimada *soirée* dansante que prolongou-se até a manhã do dia seguinte. Agradecemos o convite que nos foi dirigido e as muitas gentilezas que foram dispensadas ao nosso representante.
("O Acre", Xapury, Coluna: Carnet, 18/08/1907)

A exm^a sra. D. Marcellina Leite, extremosa esposa do sr. Luiz de Souza Leite.
("O Acre", Xapury, Coluna: Carnet, 07/09/1907)

As crianças das famílias com maior poder aquisitivo também recebiam mensagens e saudações:

Salve 15 de Novembro

A querida irmã

Pequenina

Almejando-te um futuro cheio de esperanças e de felicidades, as tuas irmãzinhas enviam-te nestas palavras, com seus respeitos, mil beijos, mil abraços venturosos pelo teu natal, que hoje comemoras, entre os jubilos e as doces alegrias dos nossos amorosos paes.

Assim, nos assignamos tuas irmãzinhas e amiguinhas, affectuosas.
Nenezinha, Joanita, Julinha e Lilita Martins
("Acreano", Empreza, 15/11/1908)

Completa hoje três anos de idade Jacy, a loura e meiga Jacy, esta adorável creancinha que é o encanto, o enlevo do lar do coronel A. Antunes de Alencar e d. Julieta Alencar.

Trovas a Jacy
Sob um ceo claro e suave
Tu vòas qual colibri
-É que no azul é um'ave
E sobre a terra és Jacy.

E's a princeza da graça
Do principado "Pery"
Onde a tua alma esvoaça
Meiga e formosa Jacy.
Componha-se um relicário
Das flôres do Xapury
Para o teu aniversário
Formosa e meiga Jacy.

Zaul Otterras

"Acreano", Empreza, 11/07/1909)

Os jornais eram usados como espaço para as pessoas de elevada condição social exibirem suas crias e suas harmoniosas famílias. As irmãzinhas que felicitam a pequenina e querida irmã e compartilham o júbilo de terem pais tão amorosos. A loura e meiga criança que é o encanto do lar do coronel. Todas recebem palavras num desejo plena felicidade.

Obituário

Mesmo com o avanço tecnológico da impressão no início do século, onde em países como Inglaterra e Estados Unidos os obituários contavam com imagens, poemas, preces; no Acre os avisos fúnebres eram concisos, contendo o nome da pessoa falecida, naturalidade, a causa morte e às vezes um breve relato dos acontecimentos que precederam o fato.

Óbitos

Cecília Telles de Queiroz, de trinta e sete anos, casada, tuberculose pulmonar, natural do Ceará.

Joaquina Maria da Conceição, trinta e sete anos, viúva, pneumonia, natural do Pará.
("O Acre", Xapury, 24/06/1907)

Maria Correa, trinta e quatro anos, solteira, congestão hepática, natural do Ceará.
("O Acre", Xapury, Coluna: Obtuário, 06/08/1907)

Sra. Maria Vicência Milão

A extincta contava 32 annos de idade, era natural do Ceará e deixa tres filhos na orphandade.
 ("Commercio do Acre", Xapury, 06/02/1916)

Após dolorosos padecimentos consequentes de um parto difficil, falleceu a 4 do corrente, em
 "S. Gabriel" a Exm^a Sr^a D. Maria Passos Souza, pranteada esposa de nosso bom amigo e
 assignante Capitão Theodoro Ferreira de Souza, commerciante ali estabelecido.

A desventurada senhora deixou nove filhos dos quaes o mais velho conta apenas 11 annos de
 idade e o mais novo alguns dias.

Ao nosso digno amigo e familiares, apresentamos nossas condolencias.

("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Fallecimentos, 13/02/1916)

D. Alzira Camara Bonfim

Vitimada por pertinaz febre que lhe sobreveio em consequencia de profundo abalo, produzido
 por violentissimas descargas electricas da athmosfera, succumbiu, na Foz do Jurupary, ao
 décimo nono dia de um parto ocorrido em linsongeiros e auspiciosas condições.

Ao se manifestarem os primeiros sintomas da doença foi chamado um médico que partiu afim
 de levar os socorros da ciência.

Não houve tempo ao chegar a Foz do Embira, o clinico teve conhecimento do fatal desenlace.

Deixou sete filhos orfãos. A mais velha com pouco mais de dez anos e a mais nova pouco mais
 de um mês.

("O Departamento", Seabra, 15/11/1914)

Maria Guedes do Amaral

A família agradece aos que prestaram auxilios nas horas que seguiram a morte de sua esposa,
 mãe e cunhada, aos que acompanharam ao enterro da extincta e aos que assistiram a missa
 pela alma da finada.

Ao Bispo pelos atos religiosos por ter acompanhado o cadáver da falecida até ao cemitério. Ao
 medico pelo esforço de salvar a extincta.

("Acreano", Empreza, 24/03/1910)

Nota-se que em todos os avisos fúnebres se identifica o estado civil da mulher.
 Subentende-se a importância do casamento para a sociedade local e assim era
 na região. Cristina Cancela (2008) ao discutir as práticas em torno do
 casamento a partir de trajetória de homens e mulheres pertencentes a
 diferentes segmentos sociais, em Belém do Pará, durante o período de
 expansão da economia da borracha, deixa claro a relevância do ato na
 sociedade da época. Era um momento de mudança de status e de uma nova
 sociabilidade, o início do exercício de novos papéis sociais, principalmente para
 as mulheres da elite. Outra observação que pode ser feita quanto aos avisos
 dos periódicos acreanos é a citação dos órfãos deixados pela mulher,
 reforçando com isso a importância da maternidade.

Maria Julia Marinho de Góes Hollanda

Do Diario do Estado de Fortaleza, 27 de agosto

"Senhora de itelligencia pouco commum, alliava seus dotes de espirito um coração angelico e
 uma rara piedade christã, que a impunham á estima e veneração de todos que tinham a fortuna
 de conhecer-lhe as virtudes peregrinas".

("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Fallecimentos, 07/11/1915)

Diferente dos avisos do Acre, este, publicado primeiramente em jornal do Ceará, vê-se elogios à finada o que dá um aspecto solene à nota e de importância da falecida. Cancela (2008, p. 6) menciona que em outros trabalhos foi demonstrado que nos casamentos entre as famílias pertencentes à elite, predominava as uniões legais e os arranjos conjugais feitos no intuito de juntar os interesses familiares aos dos noivos, o objetivo maior era manter e ampliar o patrimônio duas famílias e também manter a tradição e prestígio social e político. Assim, os enlaces eram eventos que envolviam não só os noivos, mas suas famílias e se transformava num ritual para demonstrar e divulgar a condição social das mesmas. Tanto que, quando era anunciado um casamento nas manchetes dos periódicos de Belém, o destaque era dado aos nomes das famílias e não dos noivos, como se vê abaixo:

Enlace Pereira-Sodré Gomes.
 ...O jovem casal Maria de Lourdes Pereira Gomes e Lauro Sodré Gomes, cujo consorcio se effectuou recentemente nessa capital. A noiva é neta do coronel Juvêncio Sarmento, influente político no Pinheiro e o noivo, filho do major José Olympio Gomes.

Nos periódicos do Acre não foi visto nenhum aviso como este. Talvez por ser uma sociedade jovem, sem famílias de tradição antiga. Havia homens de alto poder aquisitivo, os “coronéis de barranco”, mas sem a tradicionalidade de sociedades mais remotas. Foram encontradas poucas notas de aviso de casamentos.

Effectuou-se hontem á noite, em casa do nosso companheiro Dr. Bruno Barbosa, o enlace matrimonial de sua cunhada a gentil senhorita Ambrosina M. Falcão, filha do nosso amigo Dr. Emilio Falcão e sua esposa, com o nosso bom amigo José de Souza Leão, auxiliar da casa Viuva Guilherme Miranda. No proximo numero daremos noticia circunstanciada da cerimônia. (“Commercio do Acre”, Xapury, 18/06/1916)

Porém, uma chamou a atenção:

O Acreano cumprimentando aos jovens conjuges, apresenta-lhes ardentes votos por uma intermina e perenne lua de mel, a par de um futuro fagueiro e cheio de rosas. (“Acreano”, Empreza, 08/02/1910)

Percebe-se que a nota em nada denota a importância da tradição, pelo contrário, nota-se sarcasmo no cumprimento.

2.6.2 Lazer

Na segunda metade do século XIX surge a noção de lazer, como uma necessidade na vida do ser humano. Segundo Anne Fugier (2006, p. 232) o descanso e o contato com a natureza aparecem em contrapartida ao novo modo de vida urbano. *“Surge, em alternância com o tempo do trabalho, o tempo das férias, isto é, da natureza, das viagens, das diversões.”* Não é uma rejeição às obrigações, mas uma nova forma de organizar o tempo. Na Belle Époque do Rio de Janeiro o lazer foi, segundo Rosa Araújo (1993, p. 86), o último acontecimento importante na socialização da mulher. A crescente urbanização levou ao aprimoramento dos meios de transportes e à comunicação e a isso se juntou o avanço educacional, estimulando a mulher a ocupar o espaço público para divertir-se. Elas participavam dos jogos, feiras, romarias, eventos onde tinha música e dança. *“Nos setores populares, as festividades religiosas são também oportunidades de lazer e interação social que se estendem ao longo do ano, de acordo com o calendário católico.”* Era uma nova forma de diversão que surgia, agora fora de casa.

No Acre, embora se veja nos jornais muitos anúncios de casas noturnas, cassinos, teatros, cinemas, salões de festas e de dança, demonstrando uma vida noturna efervescente, as mulheres gozavam de uma liberdade limitada, principalmente aquelas casadas com homens de posses. *“[...] as mulheres tinham sua vida e comportamento controlados e somente saíam para compromissos sociais acompanhadas do marido ou de algum familiar de confiança.”* (LOPES, 2006, p. 104). A autora cita o exemplo da personagem Laura do romance *“Terra caída”* de José Potyguara (2007, p. 30). Esposa de dono de seringal no Acre, depois que foi morar lá, vivia entediada com a vida monótona que levava só dentro de casa, nem cuidar da casa cuidava, a entregava a duas empregadas. Mas tornava-se outra quando acompanhava o marido nas viagens que fazia a Belém, *“[...] ela passeava, fazia visitas, revendo velhas amizades dos tempos de solteira. Diariamente, estava nos cinemas. Quando o marido, alegando cansaço, não queria levá-la, ia em companhia da*

mãe ou de Luísa, sua irmã mais moça.” No Acre, pelos anúncios, se vê que já existia a comodidade de comer fora de casa, algo bastante novo para aquela sociedade.

Rotisserie Iracema

(...) além de possuir um serviço mais completo d’um restaurante (...).

Todas as noites tem magnífica orchestra, funciona o salão dançante, entrando a mocidade neste verdadeiro paraíso de Amôr.

(“O Estado do Acre”, Sena Madureira, 03/07/1910)

Café Cantante

Onde a população pode divertir-se. Aberto todo dia e toda a noite, onde há bebidas, de diversas qualidades e marcas, charutos, cigarros, comidas frias, etc.

(O Estado do Acre”, Sena Madureira, Coluna: Postaes, 11/03/1909)

Club Democrata

Realização de espetáculo mensal no teatro, duas comédias “Por causa de uma viúva” e “A gaiola de ouro”.

A sra. Lucinda Novaes foi com muita graça em ambas as peças, especialmente na ultima em que desenvolveu a sua aptidão para a comedia com o desembaraço de quem tem pisado outros palcos. E bem bonita.

(“Acreano”, Empresa, Coluna: Noticiario, 04/04/1909)

Theatro de Variedades

Cinema Rachel

Espectaculos Variados

A’s quartas, sábados, domingos e dias feriados

Funcções Moraes e instructivas

Projecções nitidas

Novidades constantes!

Filmes novos em todos os espectaculos!

(“Alto Acre”, Xapury, 23/11/1913)

Café dos Terríveis

Hoje a noite haverá baile ao som de boa musica e cerveja gelada, refrescos especiais e bebidas de todas as qualidades.

Horas divertidas, tempo breve,

Nos Terríveis os moços gozarão

Entre as espumas do champagne

E os volteios da valsa no salão

Hoje grande baile.

(“Acreano”, Empresa, Coluna: Secção Livre, 11/07/1909)

Pela propaganda que as casas noturnas faziam e pela chamada à diversão, percebe-se que já havia a mentalidade da importância da diversão. Abgvar Bastos (1927, p. 149) em seu romance do Acre descreve as festas na cidade de Empresa, aonde ia muita gente dos seringais para aumentar o consumo de fumo e cerveja. Fala da “*Carvalho & Filhos*” uma casa de tavolagem muito bem freqüentada onde havia jogos e bebidas. O consumo de cerveja deveria ser

bem intenso, pois havia até a fábrica da Cerveja – Lupial Princeza que funcionava em Xapuri desde 1910. As mulheres também participavam de festas, romarias e quermesses, como foi visto neste capítulo na parte relativa ao trabalho em áreas diversas. Embora fosse trabalho, também pode ser considerado como diversão, já que era uma atividade que fugia à rotina doméstica e uma forma de distração. Nos eventos teatrais, artistas locais e de fora, cantora acompanhada com orquestra apresentavam-se. Os espetáculos recebiam críticas e os artistas tinham seu desempenho avaliado.

Theatro Variedade Cynismo , Scepticismo e Crença

Em beneficio da actriz Lucinda Novaes e com concurso de conhecidos amadores desta cidade, foi representado, na noite de 14 o dramalhão de A. Cezar de Lacerda.

A casa esteve boa, contando-se com algumas com algumas creanças em choro e com um numero regular de cachorros que mesmo as pessoas mais bem educadas do Xapury costumam carregar para o teatro.

O desempenho esteve regular, salientando-se a beneficiada que sabia bem o seu papel e o desempenhou com consciência e o reputado amador sr. Cicero Motta que encarnou o typo de cynico da maneira mais vibrante.

O sr. Guimarães está affastado há muito do palco e não lhe foi proveitoso este affastamento; o sr. J. Telles não esteve muito bom mas também não esteve mau.

Os amadores do Xapury precisam tentar alguma cousa pela arte pura, abandonando de vez os dramalhões.

("Alto Acre", Xapury, 17/08/1913)

Sabemos que um grupo de estudiosos amadores pretende em breve iniciar nesta cidade uma serie de espectaculos, para o que vão ser contractadas duas actrizes e uma pianista, que se acha actualmente na Empreza.

(...)

Do grupo de moços, que teve a iniciativa tão digna de applausos, esperamos que traduza em factos a idea, que em tão boa hora tiveram, felicitando de antemão a sociedade xapuryense.

("Acreano", Empreza, 05/06/1910)

Theatro Xapury Club Grande e magnifico espetaculo

Annuncia-se para quinta-feira 17 do corrente, pela distincta cantora Palmieri, no Xapury Club para agradar ao gosto do publico menos acostumado aos trechos lyricos, será escolhido pela artista um repertorio de cançonetas em portuguez e italiano alegres.

O canto será acompanhado por uma grande orchestra de nove musicistas.

A pedido será repetida a Romanza de Santuzza da Cavallaria Rusticana.

O programa será composto das seguintes: Canção da Cega, Fado da Canção Triste, Fado do Desejo, Canção da Noite Serena e a Canção Napolitana Nuteate e Sentimento.

("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Inedictoriaes, 13/02/1916)

Theatro Xapury Club

Domingo passado, conforme fôra annuciado, realizava-se neste theatro o espectaculo de Mme. Palmieri, o qual não teve logar devido á violencia de uns srs. que, sem a menor noção de educação, invadiram á força e numa assuada revoltante a sala de representações, impedindo áquella artista de realisar o seu espectaculo.

Que se applauda ou vaie um artista admitte-se em qualquer parte do mundo; porem que se invada violentamente um recinto, cujas entradas são pagas, é coisa inominavel e que da uma tristissima daqueles que o fazem...

Nós, que presenciemos esta scena grosseirona, reprovamol-a, esperando que ella não mais se reproduza, a bem dos nossos creditos de **povo civilisado**, (grifo meu) que, aliás, não pode ser responsavel pelo proceder de individuos perniciosos...

O Sr. Capião Delegado de Policia, que se achava adoentado, enviou para ali o seu Escrivão, que se sentiu sem força, devido ao pequeno numero de praças existentes, para reagir contra aquella violencia.

No dia seguinte fôra chamados á policia e reprehendidos os cabeças da violencia.

("Commercio do Acre", Xapury, 27/02/1916)

Acontecimentos como o acima, era totalmente inadmissível numa sociedade que se denominava civilizada. Não se sabe o motivo pelo qual a pessoa adentrou um espetáculo público e pago, onde uma atriz estava em cena, para impedi-la de se apresentar. Talvez se fosse uma peça de teatro, poderia imaginar-se que fosse considerada imoral ou inadequada para aquela sociedade, mas a apresentação de uma cantora lírica, acompanhada de orquestra, onde até o repertório tinha sido divulgado. Qual teria sido o julgamento?

Embora existissem problemas de convivência, percebe-se pelos restaurantes, casas de baile, teatro, cinema, que a sociedade acreana valorizava a diversão. Prova disso é que por anos tentou organizar uma sociedade recreativa, mas sem sucesso. Finalmente foi criada na década de 1920 a Sociedade Recreativa Tentamen²³, que não surgiu com finalidade mercantil, mas para proporcionar lazer e reunir as famílias tradicionais da sociedade que se formava. As regras eram rigorosas: mulheres amigadas e menores de dezoito anos não entravam. Os homens tinham que ter boa condição social, serem sócios recomendados ou convidados para terem acesso. Durante meio século no porão do prédio funcionou uma sala de jogos. No carnaval eram organizados vários blocos com mulheres e homens e os bailes eram memoráveis. As escolas apresentavam peças de teatro e saraus nas dependências do espaço. (Outras Palavras, 2001). Ali, famílias tradicionais realizavam suas festas e bailes, reunindo donos de seringais, autoridades locais, funcionários públicos e comerciantes. Foi a primeira instituição recreativa de Rio Branco e durou até a década de 1960.

²³ Em latim, significa ensaio, experiência.



Figura 8: Sociedade Recreativa Tentamen²⁴
 Fonte: www.brasilturismo.blog.br

2.6.3 Anúncios

Em 1808 surgiu no Brasil o primeiro jornal, a “*Gazeta do Rio de Janeiro*” e nele o primeiro anúncio. Nessa época via-se nos jornais anúncios de aluguel, e compra e venda de casas, carruagens e escravos. Lá se oferecia produtos e serviços. Bem rapidamente os artigos e os serviços se multiplicaram. Eram ungüentos, pó faciais, roupas, livros, restaurantes, retratistas, relojoeiros, tipógrafos (BRANCO, 1990). No século XX foi inaugurada a era dos anúncios ilustrados, com desenhos e textos de poetas e artistas. Acreditava-se, já nessa época, que os anúncios eram instrumentos capazes de aumentar as vendas. (OBERLAENDER, 1984).

No Acre, os periódicos revelam um pouco do cotidiano da população pela grande quantidade de anúncios de toda sorte de produtos e serviços. Revela até um certo refinamento no consumo para a época, ao oferecer sedas e bebidas finas, amêndoas, nozes, ostras, salmão, arroz inglês, queijo suíço, chouriço português, presunto americano, aspargos alemães e patê de *foies gras*, como se vê abaixo.

Casa Esmeralda de Sebastião José & Irmão

Variado sortimento de roupas de casemira e alpaca, sedas finas, fazendas e miudezas, bordados, rendas e enfeites para vestidos; camisas de seda para homens e senhoras, camisas e ceroulas portuguesas, calçados para homens, senhoras e crianças; chapéus de chuva para todos os preços; bebidas finas de todas as qualidades.

²⁴ Depois da restauração na década de 1980 que manteve sua arquitetura original.

Sortimentos e conservas é o que há de melhor, assim como o de Louças de Granito.
 ("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 06/01/1907)

Atelier de costuras

Madame Ricaldoni, aceita a confecção de roupa para homens e senhoras e crianças. Avisa também que recebeu lindos figurinos. Encarrega-se de gomado, tudo por preços excessivamente commodos.

As encomendas são pagas no acto da entrega, sem excepção de pessoa alguma.

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 20/01/1907)

Costumes e Tailleurs, de cachimir e tussor para homens e sras. Encontra-se na Casa Bastos.

(O "Acre", Xapury, 25/05/1913)

Vendas: Seringais, casas

Serviços: Guarda-livros, alfaiate, advogados

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 03/02/1907)

Pharmacia Juruá

Tem em deposito grande sortimento de preparados nacionaes e estrangeiros da mais alta cotação popular, como sejam SAÚDE DA MULHER²⁵, Histogenol, Xarope da Guarda, Xarope do dr. Silva Lima, Emulsão de Scott²⁶, Elixir de Nogueira²⁷, Peitoral de Cambará, Solução de Coirre, Amargo Sulfuroso, Regulador da Madre Beirão, Oleo de fígado de bacalhao simples e creosotado, Cabeça de negro, Pilulas exanofeles, Vinho quinium Labarraque, Xarope de Larose, Lugolina

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 06/06/1909)

Madame Virginia Piris

Chegada de Manaos, convida as Exmas. Familias de Sena Madureira a visitarem seu atelier, onde encontrarão grande sortimentos de blusas, anaguas, cintos, rendas e outros artigos de moda.

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 01/04/1909)

Mademoiselle Helene

Avisa ao publico que tendo de descer brevemente, está liquidando o seu sortimento de roupas brancas para senhoras, vestidos, etc.

Preços reduzidos

("O Acre", Xapury, 16/03/1913)

Atenção! Atenção!

Raymunda de Azevedo Ricaldoni communica que mudou seu estabelecimento para a sua nova casa; onde se encontrará bebidas finas, refrescos, generos de estiva, miudezas e perfumarias. Águas mineraes, fazendas finissimas para vestidos de senhoras e creanças, enxovaes completos para baptizados e casamentos. Confecção pela ultima moda. Preços convencionados e razoaveis.

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 11/07/1909)

Gilberto Freyre afirma que a mulher patriarcal no Brasil, em especial a do sobrado, vivia bem descuidada dentro de casa, mas arrumava-se

²⁵ Ver anúncio na página 5 do Anexo.

²⁶ Ver anúncio na página 3 e 4 do Anexo.

²⁷ Ver anúncio na página 5 e 8 do anexo.

exageradamente para mostrar-se aos homens nas festas e na igreja. Dentre os muitos enfeites, as jóias eram uma das mais apreciadas. (1977). Em “Modos de homem & modas de mulher” diz também que as pessoas na Nova República excediam na ostentação de jóias. *“Rara a esposa de brasileiro rico do fim do século XIX e do começo do XX que não saísse de casa – às vezes simplesmente para fazer compras – sobrecarregada de jóias e perfumada da cabeça aos pés.”* (FREYRE, 1986, p. 139). No Acre, no tempo áureo da borracha, onde a riqueza podia cobrir alguns de muitas jóias, o uso parecia ser comum, pois há grande número de anúncios oferecendo jóias e serviços de ourives.

JOIAS

Grande e completo sortimento de anéis, brincos, pulseiras, voltas, trancelins, broches de ouro com pedras finas, relógios, medalhas, redomas para retratos, botões, figas e correntes para relógios, chaves, etc. Tudo de ouro e prata e pedras preciosas.

As jóias são do primeiro gosto e por preços baratíssimos mas á dinheiro! Vende para liquidar.
Joaquim Bivar.
("Acreano", Empreza, 11/06/1908)

Anuncia-se venda de grande sortimento de joias finas, chapéos do Chile e mercadorias grossas, nas melhores condições da praça.
("Acreano", Empreza, 08/02/1910)

Anuncia uma riquíssima Exposição de Joias em uma vitrine artística.
("Acreano", Empreza, 25/09/1910)

Generos do Ceara

Queijos do Ceara, vinhos de caju sem álcool, redes de todos os tamanhos e tecidos. Lingüiças, especial aguardente Cumby; tabaco da Parahyba, café, arroz, leite condensado, balas para rifle, bolachas finas e grossas, roupas feitas de panos grossos para homens e mais uma infinidade de outros generos que seria enfadonho enumerar.
("O Estado do Acre", Sena Madureira, 16/09/1909)
A Formosa Cearense vende despertadores de tal ruído, que acordará até um surdo mudo.
("O Estado do Acre", Sena Madureira, 11/03/1909)

Casa Felipe

Completo sortimento de fazendas, miudezas, roupas feitas, perfumarias, rendas, valencianas, fitas, bordados, calçados, estivas, ferragens, telas de arame, esteirinha
("O Estado do Acre", Sena Madureira, 11/03/1909)

Trocadero

Casa de primeira ordem no genero
O comprador encontrará desde toilette do noivado, até aos insignificantes petrechos de cosinha.
("O Estado do Acre", Sena Madureira, 18/03/1909)

Quitanda do Acre

Mantem variadissimo sortimento de frutas, queijos do Ceará, louças de barro, carvão e outras coisinhas, de necessidade caseira

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 18/03/1909)

Café Bejelé de Garcia e C

Este bem montado estabelecimento tem sempre todas as qualidades de bebidas, café, chocolate, leite, comidas frias, etc.

("Acreano", Empreza, 09/05/1910)

Loja Esmeralda

Anuncia completo sortimento de seccos e molhados, artigos finos em fazendas, calçados e roupas feitas para homens, capotas enfeitadas de seda para crianças, cortes de vestido e blusas para senhoras, vestidinhos para meninos e meninas, cortes de seda, cambraias e tecidos finos, meias fios e escossia para homens e senhoras e muitos outros artigos.

("Acreano", Empreza, 24/03/1910)

Fabrica de Cerveja – Lupial Princeza

Cerveja saborosa, estomacal e nutritiva,

é uma das melhores bebidas para este clima

Não contem acido

Em Xapuri desde 1910.

("Alto Acre", Xapury, 27/07/1913)

Grande sortimento de mercadorias nacionaes e estrangeiras

Cachaça especial, cervejas nacionaes e inglesa,

ginger-ale, kola, cidra, agua Appolinaris,

vinho verde e collares a 2\$000 a garrafa.

("Alto Acre", Xapury, 03/08/1913)

Hospedaria com comedoria

(café com pão e manteiga, almoço, jantar e dormida)

("Alto Acre", Xapury, 17/08/1913)

Fazendas e Miudezas

Grandes armazéns por atacado

Preços liquidos e fixos

A. Mourão & Ca.

Sortimento completo de fazendas nacionaes e estrangeiras

Brins, domesticos, mesclas, pannos trançados, chitas, cretones, riscados, morins, dris, gorgorões, gangas, setinetas, cambraias, tecidos de phantasia, meias, toalhas, redes, papel, lapis, canetas, colchas, cobertores, botões, cachimbos, requife, pentes, espelhos, roupas feitas, lenços, perfumarias, brinquedos e mil e um outros artigos do nosso ramo.

"Tudo a preço sem competência"

("O Departamento", Seabra, 15/11/1914)

Casa Alverga

Botequim, Bilhar, Barbearia e Pensão

Comunica aos viajantes que encontrarão hospedagem

e conforto por preços módicos.

("O Departamento", Seabra, 29/11/1914)

Bazar Paraense

(...) chegou sortimento em perfumarias, fazendas finas, roupas brancas, chapéus, calçados, leques, lenços, meias, artigos para crianças e outros artigos o que há de melhor para satisfazer ao bom gosto da elegante elite xapuryense.

("Commercio do Acre", Xapury, 12/12/1915)

Ultimas novidades em fazendas e miudezas, acaba de receber a Caza Kouri
Lindo sortimento de chapéus para senhoras e crianças, promettendo vender tudo barato
Na Caza Kouri, encontra-se sempre um grande stock de mercadorias grossas que venderá a preços baratissimos.

("Commercio do Acre", Xapury, 02/01/1916)

Papelaria America

Grande sortimento de livros em brancos: diário, razão, caixa, copiadores. Agulhas para gramophone e muitos outros artigos para escriptorio.

("Acreano", Empreza, 11/07/1909).

Estrophes da "A Mascote"

Eu sou a "Mascote"

Bella e coquette

Que sem errar

Posso afirmar,

Que por aqui

No Xapury

Sou sem rival

A principal

Bom chocolate e bellos pasteis,

Os finos doces, em mim tereis,

E no café agora em dia,

Tenho entre as mais a primasia.

("Commercio do Acre", Xapury, 12/09/1915)

Procurem Amendoas e Nozes na conhecida Fábrica Aurora

("Commercio do Acre", Xapury, 12/09/1915)

Exijam as deliciosas bolachas d' Agua, sal e soda, manipulada na Fábrica Aurora. São as melhores.

("Commercio do Acre", Xapury, 02/01/1916)

Preparados da Pharmacia Maravilha

De Machado & Comp.

Vinho Tonico de Machado

O vinho de Celidonia Machado – Preparado com os 3º quinos, celidonia e outras plantas da flora brasileira contra os chloroses, menstruações difficeis, colicas uterinas, etc.

("Acreano", Empreza, 11/07/1909)

As senhoras que amamentam devem usar o "vinho creosotado" do pharmaceutico João da silva Silveira.

("Alto Acre", Xapury, 20/07/1913)

Artigos para o Carnaval e cortes de sêda para senhoras em lindos padrões, encontra-se no
 “Bom Marché”
 (“Commercio do Acre”, Xapury, 06/02/1916)

No “Bon Marché” encontra-se azeite de dendê, licores, doces finos e geléas.
 Conservas finas e sobresalentes para motor de 8 H.P.
 (“Commercio do Acre”, Xapury, 13/02/1916)

Azeite de Dendê e vinho Verde e Collares, de primeira qualidade, vende-se em ½ garrafas, na
 “Casa Combate”.
 (“Commercio do Acre”, Xapury, 06/02/1916)

Papelaria America
 Tem lindo sortimento de cartões.
 O que há de mais chic em postaes!!
 (“Acreano”, Empreza, 24/03/1910)

Dr. Leone Menescal
 Médico e operador
 Residência: Seringal “Bagaço”
 (“Acreano”, Empreza, 25/12/1911)

Casa da Providencia
 Fazendas e Miudezas
 Roupas feitas para senhoras
 Possui completo sortimento de calçados
 (“Acreano”, Empreza, 25/12/1911)

Acrezan
 Maravilhosa descoberta contra as moléstias dos muares.
 (“Acreano”, Empreza, 04/02/1912)

Acrezan
 Específico contra o mal de cadeiras (mal dos quartos) dos eqüídeos
 (“Acreano”, Empreza, data ?)

Bombas
 Brocardo de Alencar
 Encarrega-se de montagens de bombas de qualquer systhema por modicos preços. Mediante a
 modica contribuição, encarrega-se da conservação, reparos e funcionamento de bombas já
 assentadas no perimetro urbano da cidade,
 [garante o perfeito funcionamento dos aparelhos].
 (“Alto Acre”, Xapury, 23/11/1913)

Dr. Domingues Carneiro – Médico
 Tratamento das molestias do Sangue, da tuberculose. Syphilis e molestias das vias urinarias;
 febres.
 Microscopia Clínica
 Exames do Sangue, escarros, urina, fezes, etc.
 Residencia: Empreza
 (“Acreano”, Empreza, 04/02/1912)

Dr. Paula Guimaraens
 Clínica Médica e Partos
 Tratamento radical do Paludismo e da Syphilis pela Hectina e injeções intravenosas de Salvarsan
 Consultas gerais aos pobres todos os dias em sua residência das 8 às 9h da manhã.
 ("Acreano", Empreza, 16/03/1912)
 Dentista

Trabalhos pelo metodo moderno com matiais de afamados habitantes
 Especialidade em chapas sem pressão, dentes a pivot, obturação a ouro
 Extração sem dor, preços razoáveis, atende a chamados.
 ("Alto Acre", Xapury, 03/08/1913)

P. Valle Pereira
 (Prothetico)
 Executa qualquer trabalho de mechanica dentaria, como sejam dentaduras de vulcanite, trabalhos de pontes (BRIDGE-WORK) pivot, corôas de ouro, etc., etc.
 Concertos de dentadura em 4 horas.
 ("Commercio do Acre", Xapury, 13/02/1916)

Dr. Paulo de Moraes
 Clinica medico-cirurgica
 Parto e moléstias das senhoras
 Injeções de 914
 Cura radical das chamadas feridas *bravas*.
 ("Commercio do Acre", Xapury, 13/02/1916)

Aviso
 Maria Paiva avisa ao publico e ao commercio, que não façam negocio com a casa de Thomaz Ferreira, nesta Villa Seabra pois a dita casa se acha garantindo a importancia de quatrocentos contos de réis em uma Nota Promissória já vencida e que a mesma pretende executar.
 ("O Departamento", Seabra, Coluna: Ineditoriaes, 29/11/1914)

Anúncios do "O Cruzeiro do Sul" de 1907-1911

Typografia: Impressão de obras, revistas, conhecimentos, facturas. Encadernação.

Procura-se por pessoas

Médico operador (Grátis aos pobres)

Cartão de visitas para senhoras e de participação de casamento e nascimento

Hotel, Botequim e Bilhares

Calçados; fazendas, o que há de "chic" em gostos

Oferta de trabalho na construção de estradas

Conserto e tingimento de chapeos

Leciona música e concerto de instrumentos musicaes

Armazém Guanabara:

Cerveja nacional e importada
 Conhaque, vermouth, whisky
 Champagne, aguardente, vinhos
 Carne frescal em lata
 Doces em calda
 Lingüiça do Ceará
 Arroz inglês
 Presuntos americanos
 Bacalhau da Noruega
 Leite condensado
 Chouriço português em lata
 Feijoada completa preparada
 Xarque em fardo
 (Preços reduzidíssimos)

Armazém Lima:

Queijo suíço, de prato, assucar, café, feijão
 Conservas finas: frutas em calda
 Espargos alemães, patê de foies gras,
 Carangueijo, lagosta, ostras, salmon
 Vassouras americanas e piassaba
 Louça de granito e copos de vidro em linda fantasia
 “Preço sem competência”

Para atender a chamados e a socorros urgentes está de permanência durante o dia e noite de hoje a farmácia “Brazil” do farmacêutico Octavio Mariz.
 (“Comercio do Acre”, Xapury, 12/12/1915)

Relojoeiro e Cronometrista
 Especialista em concertos de cronômetros e toda classe de relógios, caixas de música, máquina de escrever, fonógrafos, instrumentos de engenharia e óptica.
 (“O Estado do Acre”, Sena Madureira, 03/07/1910)

Serviços de carroças
 D. Pordeus Alencar, tendo algumas carroças bem aparelhadas e pessoal habilitado, encarrega-se de demolições de prédio, limpeza de terrenos urbanos, remoção de lixo de quintais, transporte de mercadorias e materiais, dentro do perímetro urbano desta cidade.
 (“Alto Acre”, Xapury, 22/06/1913)

Precisa-se de um cozinheiro
 A tratar nesta Redação
 (“Comercio do Acre”, Xapury, 13/02/1916)

EMPREGADOS

Precisa-se de dois empregados: um para ajudante de cargueiro e outro para serviços domésticos.
 (“Acreano”, Empreza, 09/02/1908)

Precisa-se de uma criada para uma família, na caza de Antonio Barateiro. Paga-se 200 \$ 000 de ordenado por mez.

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 09/10/1910)

Carroça

Vende-se uma completamente nova, a tratar com José Castanheira Diniz

("Commercio do Acre", Xapury, 27/02/1916)

O Jornal recebe a publicação da Revista Feminina da Empreza Fim Brasileira, publicada em São Paulo que traz "innumeras secções de utilidade pratica para as senhoras".

("Commercio do Acre", Xapury, 12/12/1915)

Protetora Familiar

(...) garante á pessoa beneficiada pelo sócio falecido, um pecúlio de (...).

A Protetora Familiar cresce e consolida-se cada vez mais, realizando o seu nobilissimo e moralizador objetivo que é fomentar o sentimento de economia, altruismo e amor á familia, tão necessarios para robustecer a moralidade dos cidadãos e a ordem social.

Tudo pela família

("O Estado do Acre", Sena Madureira, 06/11/1909)

Todos estes anúncios de produtos e serviços demonstram que a sociedade acreana estava em franca ebulição, vivendo no áureo tempo da borracha, onde a venda do produto deixava, não a todos, mas a um grupo privilegiado com recursos para adquirir qualquer produto ou serviços não só na região, como em qualquer outra parte do mundo. E se for falar em privilégio, o governo brasileiro também foi consideravelmente beneficiado com os impostos cobrados da produção de borracha.

Na verdade, o governo federal brasileiro, administrando o Acre de 1903 a 1911, obteve um lucro de Rs 55.446.015\$185 (Cinquenta e cinco milhões, quatrocentos e quarenta e seis mil, quinze Réis e cento e oitenta e cinco centavos) (SOUZA, p. 165).

2.6.4 Questões diversas

Cachorros

Até o século XIX o sentimento que se dedicava aos animais domésticos era pequeno, a mudança foi ocorrendo no decorrer do século. Mudou-se também "a sensibilidade ecológica em relação a eles no ambiente público. *"No último terço do século XIX, a noção de 'direitos dos animais' se projeta com uma força quase equivalente à dos 'direitos da criança'".* (2006, p. 178). Segundo Alain Corbin (2006, p. 482), foi nesse século que passou a ser

admitida a relação afetiva com o animal, porém em duas formas: na relação com a mulher, onde ela podia manifestar toda a sua ternura ou ser uma “[...] *abertura para a piedade que o discurso médico reconhece na mulher*”. Ou ainda no vínculo afetivo que o ancião podia ter em sua velhice extrema.



Figura 9: Quadro de Hélio Melo

Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

No início da ocupação acreana os cachorros eram usados apenas para guardar a casa e para caçada. Nos seringais a caça com cachorro era muito comum, pois proporcionava um auxílio valioso. O ex-seringueiro, pintor e escritor Hélio Melo (1996, p. 41), em seus livros conta vários “causos” de cachorros que não gostavam de caçada, esses eram considerados cachorros ruins. *“Quando está com preguiça só vai pra mata amarrado; quando é solto, às vezes, dá drible no caçador. Ele entra na mata como se estivesse procurando uma caça qualquer e, num descuido, pega o pique no caminho de casa.”* Outros mais fiéis, ainda acompanhavam seus donos mesmo contra a vontade e se esses matavam os animais por prazer e não por necessidade de alimentação, muitas vezes, eram os próprios cachorros que levavam uma surra de alguém, que segundo o autor, era protetora da floresta, a chamada “mãe da mata”.

Na cidade, parece que os cachorros ficaram sem função, ainda não recebiam os cuidados de seus donos e viviam soltos, largados nas ruas, perturbando a ordem pública, problema comum nas cidades em formação. A

situação é relatada pelo redator de um jornal em Xapuri. Havia um Código de Posturas do município que não era respeitado. Quem quisesse ter um cachorro deveria ter uma licença para tal e o animal deveria usar uma coleira com o número da inscrição que identificaria o dono.

Cães

“E’ proibido ter cães sem que o respectivo dono haja tirado a respectiva licença na Intendencia. O cão para qual haja licença, trará uma colleira numerada na repartição municipal competente.

A licença para ter cães é annual.

E’ proibido ter cães soltos nas vias públicas, ainda que munidos de colleiras de

(...) (falta uma parte da matéria)

A Bysancio de hoje, a Stambul dos jovens turcos e da Constituição, desterrou para longe a canzoada famelica e ululante que lhe infestava as ruas para onde passa a carruagem resplandecente de Califa.

O Xapury parece querer guardar a tradição extincta de Constantinopla.

Não se vae á igreja sem que pela nave, nos corredores, no recinto do altar, se veja uma bôa dúzia de cachorros, mollosos, mastins*, fraldiqueiros**, pirentos, resmungando, coçando-se, cheirando-se e esfregando-se nas pernas dos fieis.

No theatro pateiam os autores, ao estrondear dos applausos e pateiam os espectadores, nos momentos de maior attenção. Embarafustam-se sob as cadeiras, correm, uivam, ladram, engalpinham-se, pondo em perigo as pernas dos menos incautos.

Vae-se a uma festa de familia e si é um almoço tem-se sempre um lazaro ou dois (há cavalheiros que são escoltados por trez cães) debaixo da meza e si é um baile, quase se é obrigado a valsar com um cadella ou a dançar um tango com um cachorro.

E’ para muitos uma grande e reprovavel mania, para a maior parte um enorme incommodo. Enaltecem os cachorrolatras a classica virtude do cão, a fidelidade, sem se lembrarem de que são innumeros os defeitos do realmente amoroso irracional.

Os cães são, de ordinário, por mais bem cuidados que sejam, nauseabundos; tresandam de um modo peculiar, desagradabilissimo.

São indecentes em muitas attitudes e têm aquella maneira de se cumprimentar que toda a gente sabe...

Conduzem para casa e passam para as creanças a poeira infecta das ruas e as pulgas; estão sujeitos a molestias repugnantes como a *pira* e á perigosíssima, á horrível hydrofobia.

São barulhentos, urinam por toda parte, reforçillam-se em qualquer esterqueira, e os mais mansos... têm dentes.

Há noites em que atroam pelas ruas, em correrias desabaladas, desaçaimados***, torturando insonnes, despertando os que dormem, assustando os tímidos e assombrando os doentes e creanças.

A canzoada do Xapury tem patronos poderosos nas pessoas de cavalheiros razoaveis e estimaveis, com a cumplicidade do governo comum que tem revogado pelo desuso as posturas relativas.

E julgamos falar em nome e grande parte da população, pedindo ás autoridades a applicação das medidas necessárias, ao menos á diminuição dos cachorros vadios e sem dono.

(“Commercio do Acre”, Xapury, 11/06/1915)

O redator do Commercio do Acre parecia ter uma certa antipatia pelos pobres animais que não tendo o cuidado de seus donos, só lhes restavam vagar pela cidade se envolvendo nas mais variadas situações que desagradavam muitos. Como as medidas tomadas pelas autoridades não surtiam efeito satisfatório, em reiterados números, eram colocados nos jornais avisos para que os donos de cães fizessem seus cadastros e as autoridades tomassem as medidas cabíveis, caso isso não fosse feito.

Chamamos a atenção dos nossos leitores, especialmente daqueles que têm cães, para o edital nº 53 da Intendencia, publicado na secção competente.

Cabe-nos agradecer ao Sr. Coronel Intendente o ter atendido nossa reclamação anterior e incentivá-lo para levar a cabo as medidas prometidas no edital.

("Commercio do Acre", Xapury, 20/06/1915)

Edital Nº 53

De ordem do Snr. Coronel Intendente e de acordo com o estabelecido no CODIGO DE POSTURAS MUNICIPAIS, arts. 109 a 112 e seus paragraphos, faço publico que fica marcado o prazo de 8 dias, contados de hoje, para que os donos de cães soltos pela rua desta Cidade os façam matricular nesta repartição e cumpram as demais disposições referentes aos citados animais, o que não sendo cumprido dará lugar ás penas determinadas nos artigos e paragraphos supracitados que serão rigorosamente applicadas.

Secretaria da Intendencia Municipal de Xapury, 16 de junho de 1915.

Jose Sucupira – Secretario

("Commercio do Acre", Xapury, 20/06/1915)

Parece que a Intendencia tem se esquecido um pouco das medidas prometidas contra a cachorrada das ruas, havendo por ahi ainda innumeros cães vadios, sem colleira e sem açaime.

("Commercio do Acre", Xapury, 19/09/1915)

A cachorrada continua a campear infrene, pelas ruas da cidade, a despeito do Codigo de Postura e sem embargos da reforma para mais que sobre cachorros foi feita.

("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Varias, 12/12/1915)

Apesar de todo empenho dos redatores que insistiam para que os donos de cães obedecessem ao Código de Posturas e este fosse cobrado pelas autoridades, parece que nada acontecia. Os cães continuavam pelas ruas, os donos não cuidavam dos animais e as autoridades, embora cobrassem, não eram atendidas. Situação comum às cidades no início do seu processo de urbanização.

Doenças

No Brasil, no início do século XIX a maioria dos núcleos urbanos do interior se caracterizava por uma aparência descuidada, sendo impossível definir os limites entre zona rural e urbana. Frequentemente eram vistos vacas, cavalos e cabras pastando nas ruas das cidades, “[...] *onde não raro, o capim crescia nas praças e nas ruas.*” (COSTA, 2007, p. 243).

No Acre, não era diferente. Esta desorganização provocava problemas diversos. A ausência de uma administração eficiente e a falta de noções básicas de higiene levavam aos atos mais insanos, como o de enterrar uma vaca em plena rua e ainda deixar a pata de fora.

Enterraram, esta semana, uma vacca morta em plena rua Major Salinas; a cova era tão rasa que ficou de fora a mão... da finada.

Depois de muito mau cheiro e muita reclamação dos moradores, os fiscaes fizeram com que o dono da carniça a queimasse, o que não impediu de tresandar até hontem.

(“Commercio do Acre”, Xapury, Coluna: Varias, 12/09/1915)

Até mesmo no Rio de Janeiro, por volta de 1855, a ausência de salubridade pública e as péssimas condições higiênicas da população elevavam as taxas de mortalidade. Foi criada a Junta Central de Higiene, órgão do governo imperial responsável por cuidar das questões de saúde pública. A Câmara Municipal da Corte passou a discutir medidas que tinham por objetivo regulamentar a existência das habitações coletivas, que segundo avaliação dos especialistas era o que mais provocava doenças naquele momento. Segundo Sidney Chalhoub (2004, p. 30), a comissão de posturas da Câmara analisou um projeto para regulamentar as estalagens que recebiam grande número de pessoas. Dentre os artigos, deveria se ter atenção às condições de higiene. Os donos de estalagens deveriam manter suas propriedades limpas “[...] *‘o lixo, as águas sujas, e outras matérias imundas’ deveria ser despejados nos locais permitidos. Era proibido o depósito de lixo e ‘matérias fecais’ em covas feitas no quintal, ou em qualquer outra parte da casa.*” Para Chalhoub o resultado dessas operações é o processo de configuração dos pressupostos da Higiene como ideologia: ou seja, como um conjunto de princípios que destinavam o país ao “verdadeiro”, à “civilização”.



Figura 10: As moléstias em conferência²⁸
www.aprendebrasil.com.br

Diferente do Rio de Janeiro, onde os problemas com a falta de higiene nas casas (construídas muito próximas uma das outras, formando os chamados “cortiços”) comprometiam a saúde pública, no Acre, as casas eram construídas mais distantes uma das outras e embora não existisse sistema de esgoto, mas apenas fossas, localizadas próximas às casinhas²⁹ (construídas no quintal, mas distantes das casas), o problema que mais afligia a população, segundo os periódicos, eram as ações de particulares que por conta da própria ignorância e descaso da administração pública, poderia causar doenças na comunidade. Um exemplo é a nota abaixo, onde a falta de noções de higiene e cuidados com a alimentação, quase provoca um desastre, o envenenamento de várias pessoas.

Reclamações do Povo

Chegou-nos ao conhecimento que graças a intervenção de particulares, deixou a mór parte da população desta cidade de ser envenenada pelo consumo da carne de uma rez abatida com grave enfermidade e exposta, neste estado á venda.
 (“Commercio do Acre”, Xapury, 11/06/1915)

O caso foi levado às autoridades municipais e a carne foi inutilizada, mas cobram que isso não mais aconteça. Um acidente como este seria mesmo uma

²⁸ Charge do início do século XX. Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz.

²⁹ Termo usado para significar latrina ou dependência da casa com vaso ou escavação no solo para dejetos.

tragédia, devido às parcas condições de tratamento a vários casos graves e urgentes, pois não havia hospital que atendesse à população. Segundo Emília Viotti (2007, p. 244), no século XIX apenas as cidades mais importantes tinham assistência hospitalar, o que era em geral, dada pelas Santas Casas, “[...] instituições religiosas filantrópicas, de caráter paternalista, inspiradas na tradição de caridade cristã, típica do catolicismo.” Embora no século XX, o Acre vivia como no século anterior, qualquer doença era tratada pelo médico da prefeitura, como mostra a nota abaixo.

A Variola

Graças a eficazes providencias tomadas pela administração, esta quaze dominado o terrível flagelo da variola. O dr. Joaquim Rodrigues Ferreira, desvelado medico da Prefeitura, deu alta, visto estarem curados a 19 enfermos. OBS: 11 mulheres e 8 homens.

(“O Cruzeiro do Sul”, Cruzeiro do Sul, 27/10/1908)

A varíola chegou ao Brasil junto com os colonizadores e os navios que vinham da África. As primeiras referências da doença datam de 1563, por ocasião de uma epidemia que ocorreu na cidade de Salvador e seus arredores. A varíola fez muitas vítimas no Brasil. Durante o Período Colonial, a doença periodicamente atacava vilas e alastrava-se pelas fazendas. Contando apenas com curandeiros e pouquíssimos cirurgiões-barbeiros. Apenas no século XVIII se vislumbrou a solução para impedir o avanço da varíola.

Cuidados com a cidade

Diante de tanta insatisfação e queixas, a administração pública procurava agir, como mostra o relatório do intendente municipal.

A administração pública se mostra preocupada com melhoramentos na cidade: margem do rio, grande parte foi aterrada e limpa
aterro e limpeza de diversas ruas
compra de ferramentas e material para melhoramento das ruas: madeiras, tijolos para aterros e canalização
casas com placas denominativas e numerativas
iluminação pública
[relatório apresentado pelo Intendente Cel. Silvino Coelho de Souza ao Conselho Municipal de Xapury]
 (“Alto Acre”, Xapury, 28/12/1913)

Porém, parece que as ações não eram suficientes, por conta de tantas demandas numa cidade que se formava com tantas necessidades. É o que se percebe pelas reclamações que se faziam.

A Intendencia esta fazendo ouvido de mercador ás reiteradas reclamações das pessoas que têm que ir a Estação Radiotelegraphica, cujo caminho além de pessimo, isto, é, cheio de matto, tem verdadeiros igapós, onde, dizem os que por ali transitam, vão fazer uma pescaria... de landuá...

("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Varias, 13/02/1916)

Mas, quando a administração cumpria com o seu papel, era reconhecido pelos mais atentos.

Está muito adiantada a limpeza da praça Rio Branco, attendendo assim a Municipalidade a nossas constantes e justas reclamações.

("Commercio do Acre", Xapury, Coluna: Varias, 16/01/1916)

Os anos de 1905 a 1912 foram marcados por várias rebeliões, levantes e revoltas contra o governo federal. As verbas recebidas anualmente destinadas às obras públicas eram insuficientes. Cada Departamento recebia 200 contos de réis, que era um valor insignificante diante das somas de impostos cobrados do Acre na produção da borracha. *"O governo federal enriquecia enquanto o Acre empobrecia"*. (SOUZA, 2008, p. 166). Diante de tantas injustiças para com o Território, alguns políticos de outros estados decidiram apoiar o movimento pela autonomia do Acre. Em 1905 um deputado do Ceará apresentou um projeto de lei para transformar o Acre em Estado, mas foi derrotado pela maioria dos membros da Câmara Federal. Para calar o coro dos descontentes no Acre, em 1907 o governo brasileiro criou por meio de lei uma Comissão de Obras Federais no intuito de abrir estradas para ligar os Departamentos, desobstruir os rios a fim de facilitar o escoamento da produção da borracha, fazer obras atendendo às necessidades dos Departamentos e cooperar com a defesa militar do Território. Porém, o fato dos engenheiros não conhecerem a região e terem adquiridos equipamentos velhos que não funcionavam, acabou por levar o fracasso à comissão que levou três anos e não concluiu as obras. Em 1909 houve novas manifestações. Os autonomistas tentaram sensibilizar o Congresso Nacional e o Governo Federal, mas só conseguiram algumas reformas. Em 1910 o Departamento do Juruá, revoltado com o isolamento e com a má administração do governo federal fez um levante

e proclamou o Acre como Estado, mas o governo só durou cem dias, pois foi deposto pelo governo brasileiro, através do exército. Várias outras manifestações aconteceram, mas nada mudou. O acre só se transformou em Estado no ano de 1962.

Conflitos

Toda cidade possui a sua dinâmica. Seus movimentos são produzidos por disputa de poder, tensões, incompetência, improbidade. Como diz Braudel (1997, p. 439) “[...] *as cidades são como transformadores elétricos: aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens.*” Essa dinâmica produz toda sorte de acontecimentos. Como já foi visto com relação aos problemas causados pelos cães que vagavam pelas ruas da cidade causando transtornos à população, sem os seus donos; havia um código de posturas, que não era respeitado. A falta de atitudes necessárias à urbanidade provoca episódios como os dois casos abaixo:

A’ meia noite de 31 para primeiro, houve longas e sucessivas descargas de revolver e rifle nas ruas desta cidade.

Já que a polícia e a Municipalidade, a despeito dos regulamentos e posturas, não providenciaram, lembramos aos estúpidos que fizeram as descargas que moram numa cidade onde há senhoras e crianças e não na taba em que, pela sua incorrigível selvageria são dignos de habitar.

(“Commercio do Acre”, Xapury, Coluna: Varias, 02/01/1916)

Interessante observar que em toda a pesquisa, em nenhum outro momento se vê referência aos índios. Aqui sim. Implicitamente são referidos como selvagens e moradores de tabas. Usam as senhoras e crianças para apelarem aos “estúpidos” chamando-os à civilidade.

Outra situação chama a atenção pela brutalidade e total falta de preparo de policiais e autoridades. A falta de segurança imperava em Xapuri. A matéria tem como título:

Polícia que mata!
Mortos e feridos
Assassinatos revoltantes
Scenas de cafres
Situação horrível
Notícias de Xapury

Um grupo de homens percorria as ruas de Xapury fazendo serenata. O delegado Achilles Peret entendeu que não deveria consentir tal divertimento, chamou os rapazes que não atenderam e continuaram a divertir-se até a madrugada. Durante a noite o delegado preparou a munição. Na manhã do outro dia os rapazes sabendo das intenções da polícia se armaram, mas foram convencidos por uma senhora amiga a deixarem as armas em sua casa. Às 8 horas, quando passavam por um local chamado Bosque foram atacados pela força de polícia (comportando 8 soldados e um sargento), ferindo-os. Feriram mais três pessoas que se aproximaram e tentaram acudir para evitar o crime.

“Terminada a tarefa do morticínio a força correu em debandada para o quartel onde momentos depois, fallecia mysteriosamente o sargento que commandou a negregada escolta. Este remate inexplicável do epilogo da terrível tragedia de sangue e barbarismo ainda mais veio encher de surpresa o espirito publico. Ao que sabemos, em consequencia duma syncope cardiaca falleceu o sargento que comandou o trucidamento dos indefesos cidadãos. Tanto mais lamentável é essa scena de vandalismo, quanto é certo que ella podia se evitada pelo delegado de policia (...). E se não houver rigorosa apuração (...) os abusos de autoridades se reproduzirão tomando vulto e chegaremos ao ponto de perguntar: - Para quem apelar?” (“Acreano”, Xapury, ?/03/1912)

Parece que as leis não eram cumpridas e a impunidade predominava. Como é dita na matéria, uma história bárbara e misteriosa. A barbaridade por tantos assassinatos por motivo torpe e o mistério pela morte do sargento que comandou a desastrada operação. Depois deste acontecimento, presume-se a insegurança da população em continuar vivendo no local, sendo que as funestas ações partiram da própria autoridade. Segundo Souza (2008, p. 141), a polícia do Território foi formada para enfrentar criminosos que eram conduzidos dos seringais e que haviam cometido crimes horrendos. A polícia se julgava responsável pelo “*amansamento*” dos criminosos antes do julgamento judicial. “*Delegado mandava e desmandava numa cidade. Eram policiais que representavam os poderes dos coronéis de barranco.*” Talvez fosse o despreparo para lidar com uma situação tão simples como a de um grupo de jovens fazendo serenata pelas ruas, por mais que estivessem perturbando a ordem pública, em nada se justifica as ações tomadas.

Quanto às decisões judiciais, eram complicadas tanto para casos pequenos, quanto para os graves, pois desde a sua Primeira Organização Política em 1904 foi formado somente uma Comarca Judiciária e a sede

funcionava em Manaus. Em cada Departamento havia um juiz, mas a justiça era lenta e sem autonomia, pois em alguns casos, cabia apenas decisão de Manaus.

Guerra

Nos anos de 1915 a 1917 em Xapuri, informações sobre a Primeira Guerra Mundial chegavam dia a dia por meio do serviço telegráfico do Jornal “O Tempo”, de Manaus. E também notícias e opiniões de jornais como “Gazeta do Povo”, de São Paulo e a Revista parisiense JE SAIS TOUT eram transcritos nos jornais locais. Como informa a nota abaixo havia uma colônia italiana na cidade, onde alguns jovens foram convocados.

Em resposta ao radio que a colonia italiana, nesta cidade, dirigiu ao consul da Italia em Manaus, recebeu o Sr. Julio Venturelli o seguinte radio:

Manaus 25

Tropas italianas invadiram território austriaco mantendo posições optimas, destruindo fortificações Trentino julgadas inexpugnaveis. Estão visinhança fortificações Triste que breve cahirá poder italianos. Avise reservistas classes 1876 a 1895 partir urgentemente – Cremoni.

Diversos membros da colonia nesta cidade pertencem ás classes convocadas.

(“Commercio do Acre”, Xapury, 27/06/1915)

Pode-se imaginar a angústia das mães dos jovens convocados para a guerra, vivendo num local distante geograficamente dos centros urbanos brasileiros, aonde as notícias não chegavam. As informações que se tinha eram adquiridas através do telégrafo, enviadas pelos jornais de outros estados. Vale lembrar que os periódicos não eram editados todos os dias. Assim, as notícias eram esporádicas.

2.7 Tiradas

Frases que aparecem soltas nos diversos periódicos:

A' M.A.S.

E' feliz o homem que toma uma mulher por culto da divindade e idolatra-a com todo o afecto do coração.

J.E. Robsant

(“O Cruzeiro do Sul”, Cruzeiro do Sul, 18/06/1911)

Pensamento de uma sogra:

O homem é feito para aturar, e a mulher para ser aturada.

Duas mulheres que agradam uma á outra, têm grandes probabilidades de não agradarem a ninguém.

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 18/06/1911)

Entre mulheres:

- Se meu marido morresse eu ficaria doida.

- Doida?

- Doida, sim... para me casar outra vez.

Um viúvo que contrahe matrimonio por segunda vez, lamenta deante de sua esposa a morte da defunta.

- Ah! exclama a mulher:

- Juro-lhe que ninguém lamenta a morte da sua primeira esposa tanto como eu.

A mulher podia ser apreciada si nascesse sem língua.

Alfredo Gravato

("O Cruzeiro do Sul", Cruzeiro do Sul, 26/06/1911)

A maior desgraça que pode acontecer a um homem é ser incapaz de pensar; mas a mulher é ser incapaz de conceber.

Olavo Bilac

("Estado do Acre", Sena Madureira, 20/11/1909)

Quem pode governar uma mulher,
governará também uma nação.

Balzac

("Alto Acre", Xapury, 29/06/1913)

O homem verdadeiramente forte é aquele que
alcança uma vitória contra seus próprios instintos.

("Alto Acre", Xapury, 20/07/1913)

A natureza só concedeu á mulher uma arma defensiva: a dignidade.

Schopenhauer

("Alto Acre", Xapury, 07/12/1913)

Estas frases denotam o pensamento da época, ditas com bom humor ou seriedade, revelavam o que os redatores tinham como verdade. A mulher era idealizada como divina e ao mesmo tempo considerada a megera, se falasse. Destilava veneno por entre os dentes. Era difícil de ser governada e para fazer isso, só um homem com muita capacidade. Sua vida sem o exercício da maternidade seria algo tenebroso, pois sua maior missão era ser mãe. E o casamento era algo essencial para a mulher, sem ele, sua vida não teria sentido, como disse Mary Del Priore (2006, p. 18) parafraseando Fernando Pessoa: *"Casar era preciso, viver não era preciso"*. Já ao homem bastava ser capaz de pensar e domar os seus instintos. Percebe-se um nível de exigência bem mais incisivo à mulher do que ao homem.

As mulheres que foram para o Acre no final do século XIX e início do XX chegaram movidas por sonhos de uma vida sem tantas dificuldades e privações. Na floresta, criaram formas de conviver com uma natureza tão diferente e adversa. Nas cidades as vivências foram outras. Diferentes atividades, ocupações, serviços, relações, modos de ver e se expressar. Não foram sem conflitos essas vivências. Viveram experiências difíceis. Tratadas como objetos, tiveram que se impor até mesmo por questão de sobrevivência e para alcançar aquilo que foram buscar, simplesmente, uma vida melhor.

Capítulo 3 – Tensões e Violência

Presa à teia
 Vida cerzida
 Tece à risca
 O milenar bordado
 No desenrolar da meada
 Vazio no peito calado
 Mas quer tecer destino
 Inventar um novo ponto
 Fazer com ele caminhos

 Puxa a ponta de um fio
 Num trabalho inusitado
 Dona do desafio
 Desata os nós
 Os laços
 O ponto cruzado
 Desfaz a teia
 Desmancha o velho bordado
 E se descobre mulher
 Tecendo um sonho qualquer

 Robélia Fernandes³⁰

3.1 Homem/Mulher

“Roupa suja se lava em casa” essa era a máxima da sociedade burguesa no século XIX. Segundo Perrot (2006, p. 273-4), a valorização da auto-imagem e das aparências, o temor à exposição, o desejo de se mostrar uma figura respeitável, faziam com que os conflitos familiares fossem resolvidos no âmbito doméstico. As desavenças eram administradas com a

³⁰ Robélia Fernandes de Souza nasceu em Manaus em 1938, mas foi criada em Rio Branco. Graduada em Letras em 1975. Além das atividades docentes, escreve contos e poemas.

maior diplomacia possível. *“Pois sonha-se que os familiares apresentem uma imagem de entendimento mútuo, todos reunidos para uma foto de família, atestado perante outros e as gerações futuras da força e serenidade do clã.”*

Perrot (Ibid.) ainda afirma que o confronto físico era raro no interior da família burguesa que reprovava os embates corporais e optava por meios mais sutis na resolução de seus conflitos, porém não menos perversos. O uso do veneno foi a forma mais aterradora dessa violência oculta, que nesse período, encontra a produção de produtos tóxicos em franco desenvolvimento, como o arsênico. O envenenamento tornou-se então um crime que se escondia no seio das famílias. A sutileza com que era praticado confundia as análises da ciência e deixava dúvida na mente dos jurados. Embora fosse um ato condenável aumentava ano a ano, assustadoramente. *“Uma antiga tradição atribui esse crime às mulheres, dissimuladas por força e natureza, e enfurnadas nos serviços domésticos.”* (2006, p. 274). Assim, as mulheres relegadas ao espaço doméstico o usavam como vingança pela insatisfação da vida que levavam.

O mesmo comportamento não se via no meio operário e rural, onde a violência física era uma forma rápida e prática de ajuste de contas. Usar a violência contra a mulher fazia parte dos privilégios masculinos. *“Os espancamentos e maus-tratos correspondem ao motivo apresentado por 80% das mulheres que pedem a separação dos corpos.”* (2006, p. 277). Interessante notar que as mulheres que mais sofriam violência física não eram as pérfidas, mas as perdulárias ou as que como donas de casa não cumpriam com o seu dever. Essas apanhavam constantemente de seus maridos quando chegavam em casa do trabalho alcoolizados.

O acontecimento comum entre a classe mais empobrecida era o crime chamado passional, que na verdade era o exercício do sentimento de posse do homem pela mulher e geralmente cometido para vingar a honra ultrajada. Muitos casos são apenas de mulheres casadas ou solteiras que apresentavam resistência ao homem, por não quererem praticar relação sexual, arrumarem um amante, irem embora ou ainda reclamarem da infidelidade do companheiro ou porque são brutos, fracos ou cruéis. *“Essas mulheres estão reivindicando, com uma vitalidade e uma franqueza surpreendentes, seu direito à liberdade de escolha e movimento [...]”* (2006, p. 277). A mulher era a principal vítima dos mais variados tipos de violência dentro do âmbito familiar e fora também. A

violência se tornou uma forma de vingança privada e essa prática continuou a ser amplamente disseminada nas classes populares durante todo o século XIX. Na Europa processos penais do período demonstraram a pluralidade dos mecanismos de vingança, como o aumento das tensões relacionadas às dificuldades econômicas. *“Um vivo sentimento de frustração leva à inesperada queda de uma pedra, ao ateamento de um incêndio epidêmico, a rixas cruentas ou estranhos bruxedos.”* (2006, p. 279). Porém, ainda nesse período se constata que a população passa a recorrer cada vez mais à polícia, incorporando e até preferindo a justiça legal ao invés da violência privada. A queixa judicial passa gradualmente a ser adotada.

A passagem pelo Código Penal, o comparecimento perante o tribunal, correccional ou criminal, o encarceramento, antes vividos com indiferença e até com orgulho e fanfarronice, tornam-se desonras que até podem ser suficientes para a vingança. Testemunhas de uma individualização das concepções, tais recursos contribuem para reforçá-la e para incutir o aparato judiciário, outrora mais exterior, no cerne das práticas populares. (2006, p. 279).

O direito à vingança privada, de certa forma, admitido pelo júri da época, principalmente nos crimes chamados passionais (em especial os casos de adultério por parte das mulheres), passava a ser cada vez menos admitido pelos especialistas em criminologia do início do século XX que vêem nele um indício de primitivismo e até de insanidade mental.

No Brasil, no final do século XIX e início do XX quando o país passava pelo processo de modernização, as autoridades se esforçaram em impor hábitos civilizatórios à população. Segundo Rachel Soihet (1997, p. 362), a família era motivo de preocupação, principalmente nos segmentos populares, no que se referia aos bons costumes, respeito às leis e às regras e convenções. *“Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado [...]”*. Na nova sociedade que surgia, era premente a inserção das mulheres, porém nos padrões estabelecidos pela classe dirigente. A nova ordem que se estabelecia tinha o amparo da medicina social, que garantia que a mulher era biologicamente frágil, recatada, as faculdades emotivas predominavam sobre as intelectuais e o instinto sexual estava subordinado ao maternal. Já o homem tinha uma

natureza racional, dominadora, ativa e uma sexualidade irreprimível. As características conferidas às mulheres justificavam que se requeressem delas uma atitude de obediência e um comportamento que não comprometessem sua honra. Segundo Mary Del Priore (2006, p. 187), no século XIX a mulher era considerada com capacidade de reunir as melhores e as piores características. Essa duplicidade feminina se tornou “*um grande tema literário.*” Assim, a fidelidade feminina parecia ser a “grande” virtude que se exigia das mulheres, pois elas tinham uma forte tendência para a traição, como era mostrado em versos no jornal *República* de Santa Catarina, em 1892:

Deus criou o homem e ficou satisfeito
Então criou a mulher e sentiu-se
remordido na sua santa consciência
E então disse:
A mulher será vaidosa, inconstante e pérfida
Enganará o homem e o homem será infeliz
Então criou o cão.

Diante dessa inclinação à perfídia, a sexualidade feminina só poderia ser exercida depois do casamento e nunca fora dele. O médico italiano Cesare Lombroso, profissional conceituado na área criminológica do século XIX defendia

“[...] que as leis contra o adultério só deveriam atingir a mulher não predisposta pela natureza para esse tipo de comportamento. Aquelas dotadas de erotismo intenso e forte inteligência, seriam despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, e consideradas extremamente perigosas. Constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social. (1997, p. 363).

O Código Penal, a ação policial e judiciária eram os recursos usados pelo sistema em vigor e tinha por objetivo submeter, controlar e impor normas para as mulheres dos grupos populares. As ações impetradas não eram de instrução, mas sim de coerção e acrescentavam a isso os preconceitos referentes aos seus comportamentos, condições de classe e gênero. Assim, a violência estava sempre presente na vida dessas mulheres.

No Rio de Janeiro após a Proclamação da República já se via marcas da violência urbana, dentre os vários fatores que a desencadeava estavam as

relações interpessoais. *“Essa violência não poupou a esfera familiar, como atestam os índices de criminalidade registrados nos domicílios.”* (ARAÚJO, 1993, p. 135). Os índices eram variados e mais altos nas classes populares. Os conflitos conjugais provocaram homicídios, agressões físicas e suicídios. Os homicídios eram praticados especialmente por ciúme ou adultério. A polícia era sempre chamada a interpor. Para resolver a situação iniciou-se um urgente projeto de modernização para que se mostrasse um cartão de visita do progresso atingido por todo o país. Porém, este processo não aconteceu sem uma firme resistência das camadas populares, inclusive da ala feminina, que disputava por um lugar no espaço urbano. As formas de violência advindas da relação homem/mulher tinham suas especificidades. Pois, embora houvesse semelhanças entre as mulheres de classes sociais diferentes, as das camadas populares possuíam características próprias ligadas às suas condições de existência. Muitas não se encaixavam ao estereótipo de mulher submissa, recatada, delicada, frágil e ainda tinham maior liberdade de ação e de movimento, ao contrário das mulheres de camadas sociais mais altas.

No Acre, embora as mulheres também usufríssem de uma certa liberdade, pois se envolviam e trabalhavam nas festas e quermesses da igreja, e ainda como domésticas, cozinheiras, costureiras, comerciantes; havia a exigência de certos comportamentos, como de obediência ao homem. Em 1907 na cidade de Cruzeiro do Sul, desenrolou-se uma história com fim trágico, onde todo o conflito se deu pelo fato da jovem envolvida não se submeter às ordens daqueles que lhe tinham como superiores. O que mais chama a atenção nessa história é a intransigência e violência com que pessoas e autoridades agiram em relação à menina. A matéria do jornal tem como título “Origem de um crime – Como se faz um criminoso”

*O texto com fonte menor foi transcrito do jornal.

É a história de * Valentim Alves de Oliveira, o desgraçado a quem deram uma esposa que o detestava, para satisfação do capricho do favoritismo feminino dominante no Departamento, nessa época.

Uma jovem por nome Rosa vivia em companhia de um casal, (a mulher era chamada de “mestra”, que seria a responsável pela jovem), mas fugindo, foi presa noutra localidade.

“Rosa com seus 14 anos de idade, era uma leviana, uma grande namorada, sempre com dois ou três derriços; não lhe faltando concorrentes porque era uma bonita morena, de olhos negros tentadores.”

Rosa ficou grávida. Um rapaz, funcionário da Prefeitura é acusado pela “mestra”, de deflorador. Ele se diz inocente. Rosa também afirma que não foi ele o seu “desvirginador”, mesmo assim, ele é demitido e preso.

Arrumaram um “reparador de alheia falta” para casar com Rosa, que não o aceitou, mas mesmo assim foi obrigada por sua mestra a casar com um homem que tinha 4 vezes a sua idade. Rosa detestava o marido.

“[...] e para vingar-se da imposição que sofrera, começou a prevaricar, primeiramente com cautella, depois desbragadamente. Varias vezes abandonou a casa e para retel-a Valentim teve ordem do Prefeito de castigal-a e acorrental-a a um esteio.”

Um dia um soldado do exército quebrou-lhe a cadeia e levou-a consigo. O marido teve autorização do prefeito para armar-se de um rifle e procurar a mulher; a polícia, também pôs-se a campo. O soldado é preso e espancado e Rosa é posta novamente na corrente.

“Dá-se a intervenção de várias pessoas.”

Um tenente vai a casa, prende o marido, solta-a e leva a jovem à Prefeitura, “desgrinhada, lacrimosa, com a corrente ao pé.”

O prefeito censura o oficial, solta Valentim e obriga a mulher a acompanhar o marido “que lhe dera e Ella repudiava”. O marido leva-a a força para o seringal.

No seringal continuou o desventurado casal a sua lua de fel. Posteriormente, em depoimento, o marido diria que Rosa entregava-se a qualquer pessoa que a procurava, mas nunca a ele. Segundo o autor da matéria “Rosa, porem era insensível as exigências matrimoniais daquelle homem.”

Numa noite o marido busca a mulher e ela o repele. Ele insiste e ela manifesta-lhe todo o seu desprezo. O marido pega um rifle e mata-a.

“Ahi está como se faz um criminoso: o capricho de uma mulher e a fraqueza de uma autoridade foram as causas unicas desse infortunio, que começou em comedia e acabou tragicamente. E ainda há quem suspire pela volta dessa situação de violencias e favoritismo feminino!...”
 (“O Cruzeiro do Sul”, Cruzeiro do Sul, 06/01/1907)

Não causa estranhamento que Rosa fosse tratada como adulta, mesmo tendo apenas 14 anos. Essa era a prática comum no início do século XX . Martha Abreu (2007 p. 289) relata um caso ocorrido no Rio de Janeiro em 1904, onde uma menina de 15 anos foi deflorada por um homem. No julgamento do acusado, o advogado de defesa diz que a mulher (se referindo à menina) é um animal perverso quando vive num meio “*viciado*” e ainda a chama de “*menina perdida*” por ter sido deflorada, Martha explica:

O meio viciado, a devassidão dos costumes, os instintos perversos, a falta de honra e de educação, a inclinação à malícia e à liberalidade foram expressões que marcaram os julgamentos de médicos, juristas, membros do clero, literatos e jornalistas sobre as moças pobres, negras e brancas, principalmente ao longo dos últimos 150 anos de nossa história.

O termo “*menina perdida*” dá um sentido ambíguo e mostra o ínfimo limite entre o estado de ser criança ou ser mulher, diante do ato sexual antes do casamento. Já que a idade define a condição de menoridade da violentada, esta deveria ter assegurada a sua proteção, devido estar na fase anterior à idade adulta, num momento de transição da infância para a adolescência. As meninas ofendidas, quase sempre faziam parte dos setores empobrecidos, eram consideradas e tratadas como mulheres pela maior parte dos juristas e também por seus iguais.

Rosa, sem pai ou mãe, vivia com um casal e insatisfeita, pois fugiu da casa que vivia. Ao perder a virgindade, levou uma grande preocupação aos seus protetores. Claudia Fonseca (1997, p. 528) ao falar da mulher pobre do final do século XIX diz que havia uma ameaça comum a todas: a de se tornar uma “*mulher decaída*”. E isso acontecia com a moça ao perder a virgindade. A pureza sexual era imprescindível. Por isso a responsável por Rosa arrumou-lhe um esposo, pois uma mulher para ser honesta deveria casar, e para casar era preciso ser virgem. Segundo Fonseca “*O próprio Código Civil previa a nulidade do casamento quando constatada pelo marido a não-virgindade da noiva.*” (Ibid.). Assim, Rosa conseguindo casar, mesmo estando grávida, poderia se considerar uma mulher de muita sorte. Não foi o que aconteceu, Rosa rejeitou o marido e isso lhe trouxe conseqüências trágicas.

O redator do jornal é bastante rigoroso em seu texto quando diz que a menina era leviana e uma grande namoradeira, mesmo aos 14 anos e parece que quer reafirmar a leviandade de Rosa ao citar o depoimento do marido que disse que ela se entregava a todos, menos a ele. E é bastante tolerante com o esposo, pois diz que por Rosa não querer manter relação sexual com o marido é insensível às exigências dele. Para a sociedade da época o dever da mulher era sempre obedecer, porém nem todas estavam dispostas a cumprir este papel.

O estereótipo do marido dominador e da mulher submissa, próprio da família da classe dominante, não parece se aplicar *in totum* nas camadas subalternas. Muitas mulheres assumiam um comportamento negador de tal pressuposto. (SOIHET, 1997, p. 376-7)

Muitas reagiram a atitudes de prepotência e violência do sexo oposto e pagaram caro por isso, algumas com a própria vida. No caso de Rosa, a protagonista da história, houve vários agravos além da rejeição ao marido e da manifestação de desprezo por ele no final, provavelmente com palavras duras e ainda teve a traição, que como relata a matéria se deu com vários homens. E como era comum a infidelidade feminina ser punida com a morte, onde o homicida ainda se beneficiava com a argumentação de que se encontrava em estado de privação dos sentidos ao cometer o crime, quase sempre o assassino era absolvido no julgamento. *“Na prática, reconhecia-se ao homem o direito de dispor da vida da mulher.”* (SOIHET, 1997, p. 382). Rosa de Araújo (1993, p. 136), destaca que os crimes de adultério são legitimados no pensamento popular em nome da defesa da honra.

O *Correio da Manhã*, em 1907, comentando um crime, condena a mulher adúltera, que “desceu do seu elevado posto de mulher-esposa, tornando-se mulher-prostituta”. Justifica o crime pelo “desvario” do marido, desafrontado em sua honra viril.

Não é só a dificuldade de relacionamento que levava ao conflito e à violência. A ameaça do rompimento da hegemonia do poder masculino era fator que desencadeava o desentendimento. O marido reagia sem culpa ao ver abalado os valores em que acreditava. Daí, acontecia toda sorte de pressões, ofensas, agressões e violência.

Outro ponto que chama a atenção nesta história é o fato do prefeito dar autorização para o marido se armar e ir procurar a esposa, censurar o oficial que a soltou e autorizar o marido a levá-la para o seringal. Que poderes são esses, atribuídos ao prefeito? Parece que era comum em Cruzeiro do Sul. No mesmo mês que sucedeu a tragédia de Rosa, saiu uma nota no mesmo jornal que falava do costume da população de buscar a intervenção do prefeito para resolver contendas particulares.

Costume abusivo

O Prefeito Departamental tem suas atribuições marcadas no Decreto de 07 de abril de 1904, que organiza o Território do Acre, que não pode, sem ultrapassar os limites dessas atribuições, resolver a seu arbítrio, questões que pela sua natureza só podem ter solução legal por via judiciária.

O Prefeito não pode ordenar prisão. Ao Juiz de Paz compete processar e julgar, com recurso para o Juiz de Districto todas as causas cíveis.

(“O Cruzeiro do Sul”, Cruzeiro do Sul, 27/01/1907)

Mesmo existindo no departamento autoridade do poder judiciário, as pessoas já tinham adquirido o costume de buscar o prefeito para resolução de todos os tipos de problemas e ele se fazia de rogado, tomava as decisões que não lhe cabiam, promovendo toda sorte de problemas e injustiças.

3.2 Homem/mulher e agregados

No Rio de Janeiro do início do século XX havia mais homens do que mulheres (CHALHOUB, 2008, p. 213), o que afetava o relacionamento entre homens e mulheres, produzindo várias conseqüências como o surgimento de uma rede de solidariedade entre parentes, amigos, compadres, o que muitas vezes levava a interferências externas na vida do casal. Outro fato era a competição entre os homens, pelo fato de existirem menos mulheres. *“Todos estes fatos talvez indiquem uma menor durabilidade, e talvez até instabilidade, nas relações homem-mulher entre essas pessoas [...]”*.

No Acre esta competição era tão acirrada, que tornava as relações conflituosas, violentas e trágicas. Como mostra a história a seguir.

Tentativa de assassinato

Seringal "Victoria"

O amigo chega na barraca do outro, "onde tinha muita intimidade, por ser passagem para a sua barraca" trazendo uma garrafa de vermuth e outra de genebra, ofereceu ao amigo e a sua companheira para abrir o apetite. Enquanto a mulher terminava o almoço os dois beberam quase a garrafa toda. Após o almoço o visitante ficou pensativo e de repente se despediu e saiu, voltou minutos depois reclamando o resto do vermuth que deixara na garrafa. Se retirou novamente, quando Julia, a mulher, sentada em uma rede conversava com seu companheiro, ouviu um estampido de um tiro de rifle e logo em seguida viu tombar seu companheiro com um ferimento na frente direita e ela com um dedo cortado pelo estilhaço da garrafa que tinha na mão, espatifada pela bala. O atirador foi preso. O ferimento foi considerado grave. A causa do criminoso não foi identificada pelas divergências das testemunhas, mas o delegado está inclinado a julgar que a verdadeira causa é a esposa, que segundo informações, não goza de bom nome no seringal. A polícia prossegue as diligências.
(“Alto Acre”, Xapury, 23/11/1913)

Tentativa de assassinato

Seringal "Victoria"

Faleceu Antonio Mariano, com uma bala de rifle na cabeça por Modesto de Moraes. Continua o delegado apurando a responsabilidade de Modesto.
(“Alto Acre”, Xapury, 07/12/1913)

Nesse episódio, a motivação para o crime, foi provavelmente, o interesse do amigo em sua mulher, embora não houvesse evidências. Mas, mesmo as testemunhas divergindo de opinião, o julgamento caiu sobre a esposa, que como relata a matéria não gozava de boa reputação. O que teria feito para receber essa avaliação? O que tivesse feito, todos saberiam, pois não se encobre por muito tempo, atos tão reprováveis num seringal. O que parece haver, era uma discriminação à figura feminina. Analisou-se: Se houve algum delito que precedeu o crime, provavelmente, deveria ser da mulher.

Diante do fato de haver no Acre muito mais homens que mulheres, a mulher era, como já foi dito, considerada o.bjeto raro e de valor. O que acabava por favorecer a situações um tanto quanto inusitadas, como essa do homem que intentou vender a própria companheira.

O seringueiro ao realizar qualquer negocio, exige apenas uma cousa o pertence.

Lançado este em uma folha qualquer de papel, esta feita é garantida a transação. Não há necessidade de outro documento para a prova do seu direito. Compra de terras, borracha, mercadorias, tudo enfim, que lhe apetece, por esse meio.

Por causa de um pertence, um Juiz de Paz do Alto Ac-re já se viu abarbadado para resolver uma questão suscitada entre dois seringueiros. O caso referia-se a um contrato “sui generis”, que outrora era comum no Acre. – A venda de uma mulher.

Um deles tinha vendido a sua amazia ao companheiro, por uma pele de borracha e um pouco de sernamby³¹. Feita a transação, recebeu o vendedor a pele de borracha, ficando de receber a sernamby meses depois, passando ao compadre o competente pertence.

Ao receber o sernamby verificou que era de caucho e não de seringa como deveria ser e não aceitou o pagamento. O outro não concordando procurou o Juiz de Paz para que tomasse providências. O Juiz ao ver o pertence, declarou que ele estava legal e que o recurso era o comprador ser obrigado a pagar, ou então a mulher voltar a companhia do credor. Essa protestou que não voltava para a companhia de nenhum dos dois. Queria ver-se livre de ambos.

Então o escrivão sentenciou que o melhor era meter os dois no tronco e a mulher ir para onde quisesse, porque aquilo era uma imoralidade.

O Juiz concordou com seu auxiliar e para coroar a obra declarou que a mulher fica em sua companhia. E assim lá se foi de águas abaixo o pertence do seringueiro.

Zé do Barranco

(“O Acre” Xapury, Coluna: Riscados, 20/04/1913)

Não se sabe com que intenção o juiz ficou com a mulher. Se foi para livrá-la daquele constrangimento, se para protegê-la, se para lhe dar um trabalho e condição de viver independente da companhia do marido. O que fica claro é que para o redator, quem ficou no prejuízo foi o seringueiro que perdeu o “seu pertence”.

Neste outro caso a mulher continua a ser objeto de disputa. Aqui, porém, ela teve poder de decisão. Decidiu, arrependeu-se, voltou atrás, mas o desfecho não lhe foi favorável, pois o assassino seguiu a máxima popular “se não for minha, não será de mais ninguém”.

Durante muito tempo viveram em plena harmonia, Raymundo Ferreira Pinto com sua amasia Maria da Conceição, quando Manoel Alexandre da Silva, seringueiro do seringal “Mucuripe”, entrou a fazer a côrte a Maria da Conceição, conseguindo que ella abandonasse Raymundo, para viver com o seductor. Passado alguns dias, arrependida da sua ingratidão com Pinto, voltou para sua antiga morada, no seringal “Porto Manso”. Desgostoso pelo abandono de sua seduzida, jurou vingar-se e como soubesse que Conceição tinha ido em companhia de Raymundo a cidade, esperou-os de volta e oculto no mato, disparou um rifle contra Conceição, produzindo-lhe um ferimento no peito que foi considerado grave. A Policia ainda não pdeu lograr a captura do covarde criminoso que se evadiu. Conceição continua em estado grave e em tratamento.

(“Alto Acre”, Xapury, Coluna: Notas Policiaes, 07/12/1913)

³¹ Borracha de qualidade inferior obtida pela coagulação natural do leite da seringueira que não foi defumada a tempo. Tem pouca elasticidade e valor muito inferior ao da borracha feita por defumação. (POTYGUARA, 2007).

A honra da mulher é um conceito sexualmente determinado do qual o homem é que o torna legítimo, pois a honra é conferida pela ausência masculina, por meio da virgindade, ou pela presença, através do casamento. (SHOIHET, 1997, p. 390). Essa compreensão leva à mulher a uma desinformação do próprio corpo e à repressão de sua sexualidade. Daí, um somatório de sentimentos invade o universo feminino: culpa, vergonha, inferioridade, impureza. Sentimentos esses que são impulsionados e reforçados por meio de um conjunto de informações sobre o corpo que direcionam a ações reprimidas e punitivas, como, “não posso isso ou aquilo” e “se eu fizer isso, vai acontecer aquilo”. O comportamento sexual e social da mulher por meio dessas informações acaba procurando se enquadrar no sistema de dominação produzido pela família e pela sociedade. A vergonha, a insegurança, o medo, provocam ações que vão da esfera sexual para a social, como no caso a seguir onde Maria, sendo assediada e ameaçada pelo companheiro do marido, o assassinou a queima roupa.

Homicídio

Em defeza da honra

Apresentou-se á policia desta cidade, acompanhada por seu marido, Lino Correia Lima, a mulher Maria Correia Lima que declarou haver disparado um rifle em Cyrillo Ferreira no centro “Caipóra” do Seringal “Bôa Vista”.

Cyrillo morava na barraca do casal, amigo e companheiro do marido, aproveitava a sua ausência para fazer propostas a Maria que o repeliu.

Nesse dia Cyrillo armando-se de um revolver Browning, intimou Maria a ceder a seus instintos, sob pena de morte e Maria correndo ao quarto de dormir, apanhou o rifle, desfechando um tiro que varou o peito de seu perseguidor.

(Jornal Comercio do Acre, Xapury, 15/08/1915)

Em defeza da honra

A vitima era natural do Ceará, 25 anos, há 2 anos morando em companhia do casal (...). “Cyrillo dirigia galanteios a D. Maria , mais tarde fez novas declarações procurando desviar-a do caminho da honra, ao que D. Maria, num gesto altivo de mulher honesta respondeu-lhe, que, apenas seu marido chegasse o faria saber do ocorrido”.
(...)

A honra feminina era tão valorizada que algumas mulheres não hesitavam em eliminar àqueles que a perseguiam, ao serem constante e insistentemente abordadas de forma ostensiva numa tentativa de sedução. O ato extremo era a única alternativa, visto que pairava uma grande desconfiança da mulher que se deixava desfrutar pela força. *“Violentada a mulher, o seu*

processo de estigmatização é irreversível.” (p. 393). Os crimes praticados pela mulher em nome da defesa da honra correspondiam aos mesmos cometidos pelos homens, quando a mulher lhe era infiel. Por isso, havia por parte da classe jurídica uma certa condescendência com as mulheres que praticavam esses crimes, justificando o ato como praticado em “estado de irresponsabilidade penal por privação de sentidos e inteligência”. Muitas vezes eram até elogiadas pelo esforço na defesa contra seu algoz.

Dez dias após o crime saiu outra nota sobre no jornal. Maria encontrava-se presa.

O Dr. Juiz Municipal decretou a prisão preventiva de D. Maria, sendo a mesma recolhida a cadeia publica desta cidade, a disposição da referida autoridade.
(Jornal “Commercio do Acre”, Xapury, 22/08/1915)

Não se sabe o desfecho da história, mas acredita-se que a pena não deve ter sido tão rigorosa, pois afinal Maria agiu em defesa daquilo que era mais valioso para a mulher na sociedade da época: sua reputação.

3.3 Amigos e vizinhos

Nas duas histórias a seguir vemos homens interagindo com outras pessoas e saindo em defesa de suas amásias: a primeira foi uma tentativa de homicídio, na outra ele se concretizou.

Homem tenta assassinar outro homem, por este ter falado de sua amásia. Na luta corporal acabou por ser atingido por um tiro do seu próprio rifle. O homem tinha vinte e cinco anos, solteiro, natural do Ceará, fora aprendiz de marinheiro.
(“O Acre”, Xapury, 28/07/1907)

No seringal Novo Aripuamã um grupo de pessoas bebiam (conhaque e vinho) na barraca onde morava um casal. Um do grupo “teve uma pequena alteração” com a dona da casa. Esta armando de uma faca feriu-o levemente no ombro. Este tentou pegar a mulher, que se escondeu no quarto, seu companheiro pegou um rifle e se postando à porta – atirou no homem (já desarmado) que queria entrar no quarto, matando-o.
(“O Acre”, Xapury, Coluna: Factos e Notícias, 06/08/1907)

É provável que esses homens tivessem em suas companheiras um abrigo diante das dificuldades vividas na floresta, pois as defenderam com a ousadia

de um brabo³². O primeiro foi por um motivo fútil, apenas um comentário, embora não se saiba acerca do quê. O segundo um desentendimento e uma tentativa de agressão a sua mulher, porém este atirou no homem já desarmado. Cabe ressaltar também a coragem e valentia da mulher que primeiramente atingiu o seu opositor no ombro. Neste último caso envolto em mistério e poucas informações a culpa recai sobre a mulher.

Mais um assassinato!

No centro do seringal “Porvir” um homem de trinta e cinco anos, natural do Piauí assassinou com um tiro de rifle a outro de trinta e oito anos, casado, natural do Ceará. Segundo o inquérito o crime foi premeditado e recaem suspeitas de cumplicidade sobre a esposa. O assassino foi recolhido a cadeia e aguardava condução segura para ser transportado a sede do Departamento.

(“O Acre”, Xapury, Coluna: Factos e Notícias, 07/09/1907)

O periódico “O Acre” de 18/09/1907 dá notícia da “evasão de um preso assassino bárbaro e traiçoeiro” (se referindo ao caso acima), mas não refere nada a esposa do assassinado, onde recaíam suspeitas de cumplicidade.



Figura 11: Quadro de Hélio Melo.

Fonte: www.danilo-canibalvisual.blogspot.com

3.4 Família

³² Seringueiro recém-chegado do Nordeste e ainda não afeito aos hábitos e costumes da região.

No jornal “O Acre” de 18/08/1907, na coluna: Factos e Notícias narra-se a história do pai que assassinou o ex-pretendente da filha: O rapaz foi até a casa da jovem dizer que não iria mais casar com ela, ao ouvir da mãe da noiva que por ela o casamento já estava desmanchado, sentiu-se ofendido, insultou a todos e os ameaçou de morte, levando o dono da casa a assassiná-lo.

Essa história parece cercada de personagens em descontrole. O rapaz ao desfazer o compromisso e ser desprezado pela mãe da namorada, ofende e ameaça a todos. O pai ao ter a família ofendida e ser ameaçado, assassina o opositor. O que levaria a tamanho descontrole? Talvez o rapaz tenha ofendido a honra da namorada, o que seria inadmissível para um pai, sem que tomasse uma atitude. Era comum que as jovens que quisessem casar se entregassem ao namorado no intuito de assegurar o casamento, quem pensa que este é um comportamento peculiar à sociedade moderna, engana-se. Segundo Claudia Fonseca (1997, p. 529) essa era uma prática antiga.

“É provável que, como em muitas aldeias européias da época pré-industrial, relações sexuais comessem já durante o noivado. Bastava a moça acreditar na seriedade das intenções de seu pretendente para lhe entregar o dote de sua virgindade.”

“A virgindade era um cristal que não devia ser quebrado a toa”³³ diante dessa jóia tão preciosa o mais eficiente a fazer era os pais zelarem por ela, muitas vezes pelo afrouxamento da vigilância, acontecia o pior e depois disso, haver casamento era muito difícil.

Falando da família burguesa, Perrot (2006, p. 158) afirma que os pais não batiam muito em suas crianças, porém no campo e entre as classes populares urbanas do século XIX, a pancada era muito comum. As escolas foram aos poucos abrindo mão da palmatória e estudiosos começaram a propagar as “*pedagogias do corpo*”, onde se acreditava que se devia “*tocar mais a alma do que o corpo*”. Os que usavam do castigo físico acreditavam que a dureza da vida deveria se aprendida e a força rebelde amansada. A idéia de masculinidade é impregnada de força física. O pensamento é: “*Serás um homem, meu filho.*” Já Freyre (1977), afirma que tanto na casa grande dos

³³ Expressão usada por uma dona de casa das pesquisas da autora Cláudia Fonseca (1997, p. 550).

engenhos patriarcais quanto nos sobrados semi-patriarcais a mãe era a aliada do menino contra a disciplina excessiva do pai que às vezes aplicava castigos terríveis. Não se sabe se algumas ações são frutos de descontrole ou se a intenção é corrigir ou ensinar, mas o que se nota é que às vezes a violência exacerba. Daí, decorrem fatos como este, onde o pai deu uma surra de timbó³⁴ no filho de 10 anos. A criança tinha cicatrizes (marca de açoite) antigas e recentes, queimaduras, o corpo moído e equimosado e não podia sustentar de pé. A nota tinha por título “Pai desnaturado” e no final o redator faz um pedido:

Pede-se ao promotor que visite o Hospital de Caridade e ouça aquele “desgraçadinho”, martirizado pelo próprio pai.
(“O Estado do Acre”, Sena Madureira, 13/11/1909)

Vê-se que o jornal funcionava como um serviço de utilidade pública, diante da notícia da violência contra a criança, o redator pede que o promotor fosse ao seu encontro na tentativa de fazer justiça ou de livrar a criança daquela situação de martírio.

Considerações Finais

Analisar o cotidiano das mulheres no Acre, no início do século XX, por meio de periódicos, não é tarefa fácil. Os periódicos da época eram todos de cunho político, todos que escreviam, buscavam mostrar à região e ao restante do país que o Território do Acre poderia se tornar um Estado da Federação Brasileira. Queriam usufruir dos direitos políticos como qualquer cidadão da nação. Mas mesmo assim, os periódicos são uma preciosa fonte documental, pois expõem os discursos dos profissionais e ainda são, mesmo com limitações, abertos à participação da sociedade. Assim, podemos ter uma idéia do dia-a-dia da população: no que trabalhavam, como se divertiam, o que comiam, o que bebiam, de que adoeciam, de que morriam, o que compravam, o que vendiam, que dificuldades enfrentavam, os conflitos que viviam em suas relações pessoais e profissionais, a violência que sofriam e praticavam; a vida em todas as suas dimensões.

³⁴ Tipo de cipó, também chamado de cipó-de-sapo.

Enfrentar os inúmeros perigos da floresta não era para muitos. Foi isso o que fizeram homens e mulheres ao fugirem da grande seca que assolou o Nordeste em 1877 e se dirigirem para aquela inóspita região. Havia também o desejo de enriquecer extraindo o látex das seringueiras. Eram pessoas rudes, com pouco estudo, mas repletas de vigor e coragem. Com o declínio da produção da borracha, muitas dessas pessoas saíram da floresta e se estabeleceram em vários povoados, algumas vieram de outros estados e juntos formaram os núcleos urbanos. O sistema que vigorava, tanto nos seringais, quanto nesses núcleos urbanos era o patriarcal. Os homens dominavam e as mulheres se subordinavam. É claro que houve resistências, como já foi visto, mas não era a regra.

Nessa sociedade que se formou os homens escreviam e editavam os jornais. As mulheres também escreviam, mas muito pouco. Ao falar do sexo feminino os escritores revelavam não só o cotidiano das mulheres, mas as representações que faziam delas. A mulher era o mais sublime dos seres, mas o espaço a ser ocupado por elas deveria se restringir ao doméstico. Seu esforço deveria ser em tornar-se uma boa dona de casa, esposa e mãe. A harmonia do lar dependia dela e pra isso deveria sempre concordar com o homem. As conquistas feministas no mundo e a luta pelo sufrágio feminino não eram relevantes, elas deveriam se ocupar em manter a graça, a elegância, o encanto e a sedução, atributos que lhe eram naturais. Os poemas escritos nos jornais que faziam referência às mulheres eram sempre sobre a mulher idealizada: a bela, a graciosa, a encantadora, a casta, a inocente. Características que serviam para que se esperasse delas atitudes que estivessem de acordo com as qualidades que lhes eram conferidas, subtraindo o direito de serem autênticas. Acredito que havia uma distância considerável entre a idealização vinda do padrão da literatura e a realidade, pois uma mulher para viver naquela região inóspita, teria que ser no mínimo destemida.

Mesmo que não se esperasse muito das mulheres daquele período, elas ocuparam seus espaços, talvez de forma tímida, mas não ficaram reclusas em casa cuidando apenas das questões domésticas. Foram professoras e diretoras de escola. Atuaram como médicas, parteiras, professoras de piano, costureiras, cozinheiras, cantoras, atrizes. iam a festas, restaurantes, casas de dança, teatros, cinemas, cassinos. Bebiam e se embebedavam, espancavam

seus companheiros, fugiam de casa, eram presas, matavam para defender-se. Recebiam homenagens, escreviam para os jornais, demonstrando suas idéias. Viveram conflitos com maridos, pais, amigos. Foram virgens, cobiçadas, disputadas, vendidas, assassinadas. Também morreram de morte natural, deixando órfãos seus filhos. Assim, os jornais que registraram as diferentes facetas do cotidiano dessas mulheres, revelaram a importância do seu papel na constituição e desenvolvimento daquela sociedade.

O Acre tinha um movimento político muito forte que defendia árdua e constantemente a emancipação do Território e sua elevação a Estado da Federação e os jornais eram usados como instrumento na divulgação das idéias que defendiam. O que se pensava e era escrito, era em prol da emancipação. Os autonomistas defendiam que o melhor para o Acre era se tornar Estado e ser administrado pelos próprios acreanos. Isso porque os prefeitos que governavam os Departamentos, nomeados pelo Presidente da República, eram homens que não conheciam a região, não tinham interesse em promover um desenvolvimento efetivo e usavam o dinheiro público em benefício próprio. Todo esse descaso influenciou e fortificou os movimentos autonomistas. (SOUZA, 2008). Acredito que até mesmo a ausência da referência aos indígenas nos periódicos se dá pelo desejo de mostrar que aquela era uma sociedade civilizada, já que os índios dentre muitas características eram considerados primitivos e selvagens. Todos os esforços se concentravam em mostrar que ali viviam pessoas capazes e prontas para se integrar ao restante do país.

Assim, os hábitos e preferências da sociedade acreana beiravam o refinamento. O consumo de produtos importados era enorme; nos ateliês havia roupas em seda fina, costumes e tailleurs em *cachimir*³⁵ e *tussor*³⁶; nas lojas havia roupas de alpaca³⁷, chapéus do Chile, louças de granito, jóias de ouro, prata e pedras preciosas; o menu servido em algumas recepções era em francês; os teatros recebiam cantoras e atrizes francesas; o comportamento que se exigia nesses locais era ser o mais educado possível; os bailes contavam com a participação de orquestras magníficas; os votos de

³⁵ Cashmere (do inglês). Lã muito fina e macia, do pêlo da cabra do Himalaia.

³⁶ Palavra francesa. Tecido fino, de seda natural semelhante ao xantungue.

³⁷ Tecido feito da lã de animal do mesmo nome, da família dos camelídeos, encontrados frequentemente no Peru e Bolívia.

convalescência após a mulher ter tido seu bebê, era dado logo após o seu *délivrance*³⁸; os cinemas e teatros tinham funções morais e instrutivas, criticava-se firmemente quando nas apresentações teatrais havia choro de crianças e presença de cachorros. Em 1909, uma mulher foi convidada para assumir a seção feminina de um jornal em Sena Madureira, prova de que queriam a participação feminina.

Conclui-se que as mulheres no Acre existiram e resistiram. Em meio à grande floresta ou na formação das primeiras cidades, foram agentes históricos de adaptações, transformações e resistências. Dividiram-se em grupos sociais muito distintos; trabalharam, geraram filhos, educaram e produziram junto com os homens a riqueza daquele Estado que nascia. É verdade que houve conflitos, tensões, injustiças, atos bárbaros de pessoas e autoridades, e algumas dessas notícias saíam nos jornais, mas acredito que o objetivo maior dos redatores era mostrar quão civilizado e preparado para se juntar ao restante do país, como um igual, o Acre estava e as mulheres tiveram participação importante neste intento.

³⁸ Palavra francesa, que significa, parto.

Fontes Consultadas

ABREU, Martha. “Meninas perdidas”. In: PRIORE Del Mary (org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. “Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910-1937”. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda & D’INCAO, Maria Ângela (orgs.). A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARIÈS Philippe & DUBY Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

ANDRADE, Mário de. “A Dona Ausente”, Revista Atlântica, Lisboa: 1929.

BARROS, Glimesdes Rego. Nos confins do extremo oeste. A presença do Capitão Rego Barros no Alto Juruá. 1912-1915. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1986.

BASTOS, Abguar. Certos caminhos do mundo. (Romance do Acre). Rio de Janeiro: Hersen, 1927.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à Análise do Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

BRAUDEL, Fernand. “As cidades”. In: Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII – Vol. I: As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins fontes, 1997.

CABRAL, Alfredo Lustosa. Dez anos no Amazonas. (1897-1907). 2 ed. Brasília: Senado Federal, 1984 (1949).

CANCELA, Cristina Donza. “Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920). In: Cadernos Pagu nº 30. Campinas: 2008.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100016&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 13 mar. 2010.

CARNEIRO, Henrique. “Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo”. In: VENÂNCIO, Renato e CARNEIRO, Henrique (org.). Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.

CHARTIER, Roger. A história cultural – Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1998.

CHALHOUB, Sidney. A cidade febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

_____. Trabalho Lar e Botequim. 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. UNICAMP. 2008.

CORBIN, Alain. “O segredo do indivíduo”. In: ARIÈS Philippe & DUBY Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

_____. “Gritos e cochichos”. In: ARIÈS Philippe & DUBY Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

COSTA, Craveiro. A conquista do deserto ocidental. São Paulo: Nacional-Brasília: INL, 1973.

COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República. Momentos decisivos. São Paulo: UNESP. 1998.

COSTA, Heloisa Lara Campos da. As mulheres e o poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

D'INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente: o século XIX. Vol. 4. Porto Alegre: Afrontamento, 1991.

ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

ESTEVES, Martha de Abreu. Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA, Maria Mary & SANTOS, Marluze do Socorro Pastor. “Parteiras tradicionais: visibilidade e invisibilidade de um trabalho milenar”. In: ÁLVARES, Maria Luiza Miranda, SANTOS, Eunice ferreira dos & D'INCAO, Maria Ângela (orgs.). Mulher e modernidade na Amazônia. Tomo I. Belém: Editora Cejup, 1997.

FONSECA, Cláudia. “Ser mulher, mãe e pobre”. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977

_____. Modos de homem & modas de mulher. Rio de Janeiro: Record, 1986.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento de Censos. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico, VIII. Recenseamento Geral. 1970

KRÄMER, Heinrich e SPRENGER, Jakob. O martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. Motivos de Mulher na Amazônia. Produção de Escritoras Acreanas no Século XX. Acre: EDUFAC, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTIN-FUGIER, Anne. “Os ritos da vida privada burguesa”. In: ARIÈS Philippe & DUBY Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

MELO, Hélio. A experiência do caçador e os mistérios da caça. Rio Branco: Ed. Preview, 1996.

_____. O caucho, a seringueira e seus mistérios e história da Amazônia. Rio Branco: Ed. Preview, 1996.

MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro de. Palavra, imagem e poder. O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Marcus Vinícius. **Uma breve história acreana**. Rio Branco: 2004.
Disponível em: http://www.ac.gov.br/seiam/doc/acre_historia.pdf Acesso em: 13 jan. 2009.

OBERLAENDER, Ricardo. História da propaganda no Brasil. Rio de Janeiro: Shogun Ed. 1984.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. “Figuras e papéis”. In: ARIÈS Philippe & DUBY Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

_____. “Dramas e conflitos familiares”. In: ARIÈS Philippe & DUBY Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS. 2002.

POTYGUARA, José. Terra caída. 3 ed. São Paulo: Ed. Globo, 2007. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. 1986.

PRIORE, DEL Mary. Ao sul do corpo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

_____. História do amor no Brasil. São Paulo: Editora Contexto. 2006.

RAGO, Elisabeth Juliska. “A ruptura do mundo masculino na medicina: médicas brasileiras no século XIX. In: Cadernos Pagu nº 15. Campinas: 2000.
Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a09.pdf>
Acesso em: 13 mar. 2010.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. “Trabalho feminino e sexualidade”, In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMOS, Ricardo. “1500-1930 – Vídeo-clipe das nossas raízes.” In: BRANCO, Renato Castelo; MASTENSEN, Rodolfo Lima & REIS, Fernando (coord.). História da Propaganda no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz Ed. 1990.

RANCY, Cleusa Maria Damo. Raízes do Acre (1870-1912). Rio Branco:

REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringueiro e o seringal. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.

SILVA, Laélia Maria Rodrigues da. Acre: Prosa & Poesia. 1900-1990. Rio Branco: UFAC, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A primeira gazeta da Bahia: Idade d’ouro do Brasil. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

_____. A Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822): Cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência. Mulheres pobres e ordem urbana. 1890 – 1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. “Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano”, In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. História do Acre: novos temas, nova abordagem. 6ª ed. Rio Branco: Editor Carlos Alberto A. de Souza, 2008.

TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

TOCANTINS, Leandro. Formação histórica do Acre. Vol. I, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979a.

_____. Formação histórica do Acre. Vol. II, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979b.

VENÂNCIO, Renato Pinto. “Maternidade negada”. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

WOLFF, Cristina Scheibe Wolff. Mulheres da Floresta – uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

Revistas:

Outras Palavras. Rio Branco: Fundação Elias Mansour. 2000-2001.

Periódicos:

A Alvorada
Acreano
Alto Acre
Brazil Acreano
Commercio do Acre
O Acre
O Cruzeiro do Sul
O Departamento
O Estado do Acre
Porto Acre

ANEXOS

Acreano

Libertas que sera tamen

ANNO VI

Alto Acre — Empreza, 4 de Fevereiro de 1912

N.º 83

Opportunidade

Os adversários da autonomia acreana, e inimigos de argumentos para combater essa ideia vitoriosa, soccorrem-se dessa palavra ócu, traidora, mentirosa e falgem, laivos por um phenomeno de Daltonismo politico, que a população acreana creê na sinceridade com que se apregoam autonomistas opportunistas.

Publica cegos de entendimento, que se embriagam com a propria phrase e assim vão cada vez mais divorciados da opinião, já vizinhando o peço de delirancia publica, que é para o politico o supremo desastre!

Porque a população do Acre numerosa e culta e patriótica e progressista, também sabe ver e comparar, estabelecer premissas e concluir.

O que nos falta, dizem todos, para atingirmos a meta dessa nobre aspiração collectiva?

Pois esta população laboriosa e ordeira, não produz renda superior a dez mil contos de reis, em media, anualmente?

Pois não temos uma população numerosa, que podemos fixar entre oitenta e cem mil habitantes, tomando por base a exportação da gomma nos tres Departamentos?

Pois esta população em grande parte, em sua quasi totalidade, não veio de outros Estados, nos quaes os indivíduos que a compõem estavam em pleno gozo de seus direitos politicos?

Ou deve soffrer diminuição de capacidade jurídica o homem forte que affrontando a inclemencia do clima, abandona provisoriamente o seu lar e vai em remotas plagas construir outro ninho que o possa acolher com mais conforto?

Estará tão fundamentalmente alterado o caracter dos nossos adversarios que ideias tão claras, não lhes occorram? Poderão cret com sinceridade na ideia que apregoam? Não!

Eles bem sabem, elles bem conhecem a falsidade dos seus argumentos. Comunistas é que elles deviam se denominar, fatchistas do poder, é que elles realmente são.

O Acre, por todos os elementos que possui, não de hoje já entrar para o convívio dos Estados organizados da União Brasileira; nenhum o sobrepunha em civismo, poucos o vencem na produção das roças e se é verdade que a sua população está inferior a de todos seus irmãos, não é me nos verdade que o advento da liberdade ha de fatalmente trazer este e outros requisitos de que elle necessita, não para organizar-se definitivamente já, mas para progredir e crescer como po. de e tem direito.

Direito sim, dizemos bem, porque ao contrario do que apregoam os adversarios da autonomia, a nossa situação é intoleravel, não porque queremos sahir d'ella, mas porque não podemos n'ella permanecer!

A Constituição politica do Brazil está apinhada, desde que (é mister confessar-o) se levantou na Patria esta excrecencia que se chama Territorio; e se, por acaso, o partido a que pertencemos, tivesse, como apregoam os adversarios, e proposito de proclamar a autonomia desta região pelas armas e um governo impatriótico qui-

zasse aulicar em senão essa grandiosa tentativa, o mundo veria então com assombros, uma revolução legal e um governo lora de lei!

E os opportunistas sabem-o bem.

Aqui ou no Pará elles são do mesmo estofe e li á hegemonia que os mais arduos mantenedores do statu quo, adheriram pessoalmente ao movimento libertador do Jurú!

Mascaras abais!

Venham com desassombro dizer ao povo que o abraçamos, ou deixem de vez o fatalismo politico, com que têm supportado até agora a despreza do governo meo que os mantém novos chibres fahirizados pela estagnação de caracter, ou venham connosco trabalhar sinceramente pelo triumpho de uma causa verdadeiramente santa, a causa dos opprimidos.

Não é preciso para trilhar este caminho abraçar o rifle e desfilar o pandão rubro da revolta!

Para vencer nesta jornada que empreendemos hasta a sinceridade, a convicção, a tenacidade e a fé.

São estas as nossas armas e temos consciencia de que ellas nos bastam.

SOLIDARIEDADE DIGNA

TODA A JUSTIÇA UNIDA

Como era de esperar, o integro Juiz de Direito desta Comarca, dr. João Rodrigues do Lago, manifestou-se oficialmente contra os vandalismos do Jurú, mandando que na audiencia de 25 de corrente lhes se consignasse o seguinte:

Pelo Alvará do Juiz foi dito que somante agora tenho conhecimento exacto da barbara, atepida e insólita aggressão da que foi victima, em Senna Madureira, o doutor Gustavo Affonso Farnese, Juiz Secçãoal do Territorio, mandava que no protocolo fizesse consignada a sua revogação a semelhante acto de subversão, bem como o seu protesto de solidariedade com aquelle distincto magistrado, cujos precedentes de honradaz e imparcialidade lhe fazem acreditar que jamais tenha se desviado do caminho da honra e do dever na applicação imparcial da Lei nos casos que lhe forem affectos e mandava que ao officio se desse conhecimento do presente provimento áquelle honrado magistrado. Em seguida pelo doutor Juiz Substituto, que se achava presente nesta audiencia foi dito que de accordo com o que já tinha resolvido na sua audiencia se declarava solidario com o doutor Juiz de Direito, subrevertendo o presente termo. Em seguida pelo Escrivão e os advogados José Alves Maia e Paulino Medeiros e doutor João Adolpho Memória foi dito, assim como pelo doutor Arthur Rocha Ribeiro que ficasse consignado neste termo serem todos solidarios, fazendo suas as palavras proferidas pelo Maritissimo Juiz.

Não nos faltamos a satisfação de transcrever também o provimento que em sua 1.ª audiencia se consignou e acretado do seu cargo o distincto Juiz Substituto, dr. Sylvio Gentio de Lima, no qual pstante a sua independencia de magistrado.

Que language um voto de inteira solidariedade com os seus collegas de judicatura do Tribunal do Territorio, da Comarca do Alto Pará e da Justiça Federal deste Territorio, lamentando as tristes occorrencias que tem havido com relação aos ataques feitos aos representantes da Justiça, cujas vidas tem sido ferozmente ameaçadas.

Pelo doutor Juiz Substituto, dr. João Adolpho Memória foi dito que fizesse suas as palavras de inteira solidariedade com os membros da magistratura do Territorio, proferidas pelo illustre doutor Juiz Substituto.

Felizmente achou-se unida toda a Justiça deste Territorio, o que importa em garantia para os habitantes do Acre.

CORONEL A. A. ALENCAR

Chegou a esta cidade no dia 29 de corrente, no vapor «Nilo Peçanha» o nosso eminente chefe e amigo, coronel Antonio Antunes Alencar, que daqui se achava ausente ha quasi dois mezes.

Logo que circula a noticia da chegada de S. Ex.ª grande numero de amigos seus correu a visitá-lo, conservando-se a sua casa repleta de pessoas gradadas até altas horas da noite.

O «Acreano» apresenta ao invicto chefe autonomista a sua respeitosa visita.

ANTONIO VIEIRA DE SOUSA

Acompanhando a sua exm.ª esposa e a do nos. so digno correligionario dr. Francisco Nogueira, os quaes seguiram no «Aripuanã» para Belem, esteve nesta cidade no dia 29 de corrente, o nosso inchnito amigo e correligionario, cujo nome serve de titulo a esta noticia.

S. S., logo após a saída do «Aripuanã» voltou a Xapury em lancha de sua propriedade, tendo se donorado nesta cidade apenas algumas horas.

Accelie a prestissimo amigo as saudações do Acreano.

DR. ESPERIDIÃO DE QUEIROZ

Por todo o mez de Março proximo deve chegar a este Departamento o illustre dr. Esperidião de Queiroz Lima, que de regresso da Europa, chegou ao Pará no dia 31 de Dezembro ultimo.

O dr. Esperidião vem em propaganda do seu maravilhoso preparado «Acrean», para cujo anuncio chamamos a attenção dos nossos leitores.

Actualmente o «Acrean» está sendo posto em experimento na Ilha de Marajó, tendo o governo do Pará nomeado uma commissão medica para acompanhar essas experiencias, que terão dado resultados prodigiosos.

Felicitemos ao dr. Esperidião pelo exito que se alcançando a sua colosal descoberta e anciosos aguardamos a sua chegada.

DR. J. R. DO LAGO

Temou passagem no «Aripuanã» com destino a capital da Republica, o integro doutor Juiz de Direito da Comarca, J. R. do Lago.

O illustre magistrado foi acompanhado até a bordo por crecido numero de amigos seus, que lhe foram levar o testimonho da estima em que o têm.

Fizemos votos para que S. Ex.ª faça muito boa viagem.

DR. DOMINGUES CARNEIRO

Acha-se acamado desde hontem o nosso affetivo amigo dr. Domingues Carneiro, um dos elementos mais firmes do pujante Partido de que somos orgão na imprensa.

Fizemos votos pelo seu completo restabelecimento.

CORONEL LEITÃO CAELLA

Proseguia na fraccão a sua viagem para Marajó, de onde se transportará ao Pará, em visita á sua exm.ª familia, o Sr. coronel M. L. P. Leitão Caella, competente advogada nos nãdícios desta Comarca e nosso confrade de imprensa.

Agradecemos a S. S. a amavel despedida que pessoalmente nos trouxe e lhe desejamos feliz viagem.

COMMERCIO DO ACRE

Pallidez em officio proprio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redação e Officinas — Rua 6 de Agosto n. 10.
Diretores — RAIMUNDO FERNANDES
e RAIMUNDO THOMASSEN
Redatores e colaboradores — DIVERSOS

ASSIGNATURAS

ANON. 10000
SEMANAL 15000
MENSAL 15000

1) O "Comercio do Acre" é uma folha independente, de caracter commercial e que se dedica a defesa dos interesses do Acre e da região, acompanhando-se de tudo que tiver respeito ao progresso do Acre.

A Redação não se responsabiliza pelas opiniões dos leitores, que serão assumidas, assumindo cada um inteira responsabilidade pelo que disser, em linguagem conveniente e dentro das normas da boa educação.

NÃO HOSODAS ASSINANTES:

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Porto Alegre — Manoel Josephim Pereira

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

Em Rio Branco — Major Francisco Contralho

O tratamento do paludismo

Até hoje a quilua continua a ser o medicamento essencial do paludismo e a técnica de seu emprego, igualmente invariável, seja elle applicado em injeções, seja administrado internamente, ingerido em cápsulas ou bolus. Mas para remediar o acesso palustre faz-se mister empregar a quina em alta dose, cujos inconvenientes todos, que habilitam a Acre, conhecem: perturbações para o estomago, dores consecutivas às injeções, etc., e, o que é pior, casos ha, em que a medicação mostra-se impotente em debellar o mal.

Do "Jang" de Paris, n.º de 3 de Fevereiro extrahimos o seguinte:

—O Dr. Lertulle, acaba de ler á Academia de Medicina de Paris uma comunicação, em nome do Dr. M. P. Roux, de Madagascar, onde este expõe o feliz resultado que obteve da quina empregada sob outra forma que não a até hoje usada.

Trata-se do quinineo líquido, utilizado em suspensão coloidal, contendo apenas duas a tres miligramas de medicamento por centimetro cubico de liquido.

As pesquisas do autor e de muitos de seus collegas de Madagascar e da Réunion foram feitas nos 95 dias, durante tratados durante meses pelos processos habituais.

A maior parte destes tinham recebido injeções hypodermicas de quina, sem resultado. O acesso palustre que nelles resistira á medicação ordinária, foi detido depois de uma injeção de dois centimetros cubicos de quinineo coloidal, para os casos benignos; e de duas a quatro injeções, para os casos graves.

Nunco, seguido este methodo, foi necessario o emprego de mais de tres centigramas de quina.

As injeções são seguidas duma reacção proporcional á gráo de intoxicação do organismo, á tal ponto que em um individuo não impudido, não se dá reacção.

Como vemos os nossos leitores, trata-se de uma modificação benéfica no tratamento da moléstia que assola todo o Acre, em todas as estações e não respeitando idade nem sexo.

O numero de casos, bem crecido, em que, com o tratamento resultou, foi empregado o novo tratamento, comprovado por medicos diversos e em lugares diferentes, nos leva a crer que se trata realmente de uma evolução feliz na terapeutica do paludismo, que muito poderá beneficiar a população do Acre.

O Trophéo

Poi no Rio do dos Artigos, em Campo Ovorio, Rio Grande do Sul.

Após o um combate desigual, mas tremendo, entre um magro de marinheiros em terra e um exercito de canibais, cujo ferido e morto Saldaña da Gama.

Lanceou-o trancamente, pelas costas, Salvador de Senna, da alcaça o "Canibais", pularam fros dos sequeiros sanguiscentes de João Pradisco.

Um soldado, leito de sangue e de cachaça, ordenou do matador, arrestando, de modo deite, por uma perna, o cadaver do almirante, como guerra arrasta uma vexatidão.

Depois, á socorra de uma avaria á beira do arroyo Guarabyrinho, despojou-o das vestes e o cobriu de ramos secos.

Mas, antes de o fazer, cortou-lhe, com a orelha esquerda, e quebrou-lhe, á golpe de pedra, um dente da frente, chumbado a ouro.

Do respectivo exame enviavaria a que procederam os Drs. Sevalho Saldaña, Irzão do morto, e Carlos Leudares, consta a seguinte descreção:

... a augecia compulsa do paludismo do orculo esquerdo;

... a fractura de um incisivo su-

perior e esquerdo por traumatismo violento.

Assim adormeceu no ultimo sono esse homem extraordinario que esteve acima de sua época e deveria ter nascido ou entre os romanos de Cícero ou entre os lacedemonios de Lycurgo.

Não lha quierem dar os Indos Genesareth; deram-lhe o Golgotha. Foi talvez maior do que esse "el-sou legendario, orgulho dos Ingleses, que pagou com a vida a epopéa de Trafalgar.

Entrou na lucta como um herói e surgiu de morte como um santo.

Dr. Francisco Braz Pereira Gomes, presidente da Republica.

A titulo de Ingenua curiosidade e com a torva submissão que tanto o distingue, V. Exc. perguntou ao Sr. Senador Victorino Monteiro onde paira um dente chumbado a ouro, que se guarda como trophéo.

Quilua Cavalcanti,
(O O Federalista de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.)

A guerra europeia

D'O Tempo de Manaus n.º de 2, 3, 4 e 5 de Abril ultimo extrahimos os seguintes despachos telegraphicos:

PARIS, 1.—Quatro contra-ataques do exercito allemão ás posições francezas do bosque de Aroscourt, vinte kilometros a noroeste da cidade de Verdun, na Argonne Oriental, foram repellidos com grandes perdas para os allemães.

As tropas teutas tentaram, em seguida, novo assalto a Fortament, utilizando-se de jactos de vitriolo.

Em toda a região atacada em torno de Verdun, os soldados do Kaiser tem soffrido tremendo, reveses.

—Nas proximidades das nossas linhas, em Verdun, foram batidos, em verdadeira batalha aerea, cinco avioes allemães, pela esquadra franceza do campo entrenchado, cujos audazes-pilotos voltaram incólumes, sem excepção.

—Poi o commando governador militar desta cidade e campo entrenchado o general Dubail.

—A imprensa diz que a mudança dos ministros da guerra da Russia e do Japão e do governador militar de Paris obedecerá a resoluções tomadas nas conferencias do conselho de guerra dos aliados.

LOMBARDI, 1.—O Japão offereceu á Russia os vapores de guerra que tomara á usina, sendo acceto esse offerecimento.

Por esse motivo, serão entregues aos russos os couraçados "Taugo", "Sagami" e "Sany", antigos "Pollava", "Pernevit" e "Varlag".

—O Foreign Office tem constar a todas as potencias que nenhum vapor estrangeiro, assim como o respectivo carregamento, estava sujeito de captura, sob a escusa de se dirigir a um porto não comprehendido na declaração de bloqueio.

—Pediram demissão os ministros da guerra, respectivamente da Russia e do Japão, generaes Potilvaoff e Gerakof, sendo substituidos pelos generaes Bouchkovoff e Odjima, tambem respectivamente.

LOMBARDI, 2.—Os acores submarinos allemães desloca 1.500 toneladas e possuem duas tubos lança-torpedos, navegando com dez milhas de velocidade, quando submersos e tendo velocidade para trinta dias.

PARIS, 3.—Uma nota official de Berlim communica estar verificado que os aeroplanos que bombardearam a cidade russa de Portentury, na fronteira com a Persia, são allemães.

—Acredita-se, nesta capital, que a Hollanda intervirá ao lado dos aliados.

Caso se dê o cumprimento, os aliados terão necessidade de desviar tropas de sectores do Elza.

—O governo da Confederação da Suíça enviou ao Allemannha uma



Pallidez, fraqueza, do-
sanimo, devem-se á nu-
trição insufficiente. O
remedio supremo é a
Emulsão de Scott
de duplo effeito, por-
que é medicina
e alimento ao
mesmo tempo.
**Deve ser
de SCOTT.**

nota de protesto contra o insulto
bombardeamento da cidade belgica
de Portentury, por avioes allemães
na qual exige o immediato castigo
destes e o pagamento de uma inden-
tização pecuniaria pelas propriedades
suas danificadas.

—Informa de Madrid que o gover-
no hespanhol, depois de longa confe-
rencia entre o rei e o ministerio, re-
solu-se enviar uma nota á Allemannha,
protestando contra o torpedeamento
do paquete Ingles "Saxess".

—Parece que a nota do governo
hespanhol, devida a reconhecer os na-
vios mercantes o direito de se arma-
rem contra os submarinos.

—Consta que os allemães tentam
a favor da Hollanda.

LOMBARDI, 3.—Foram chamados ao
serviço em Hollanda, todos os oficia-
es de terra e mar, que se encontra-
vam licenciados.

—Já se deu, ali, a requisição de to-
dos os caminhos de ferro pelo minis-
terio da guerra.

—A grave situação da Hollanda,
onde reina intensa actividade militar,
credo-se que a agitação alli reinante
seja indice da entrada de mais um
belligerante na guerra.

—Reina intensa agitação popular
na Hollanda contra a Allemannha.

—Faltam em armas tremendo e vin-
te mil homens do exercito hollandes.

—O governo accede de consentir o
parlamento hollandes para de reser-
var o caso do torpedeamento do pa-
quete "Tubantia", por um submarino
allemão.

MANRIN, 3.—A imprensa hespan-
hola profuga o torpedeamento do pa-
quete Ingles "Saxess", no qual mor-
tearam o maestro hespanhol Graudous
e sua esposa.

ATLANTA, 3.—Ha graves desconfian-
ças nos proprios espiritos germa-
nophilos sobre a sinceridade da amizade
entre a Allemannha e a Grecia.

A imprensa sympathica á causa
teuta protesta contra a falta de um
deputado grego, generatista, tor cha-
mado de assassinista nos allemães.

—Reina grande agitação popular
por causa do ultimo ataque aereo dos
allemães a Salonica.

O povo de Salonica accorreu aos fu-
zeiras das victimas das bombas te-
descas, haurido gritos de
"Abaixo os allemães".

PARIS, 4.—O ministerio da guerra
avisa de esquivar um boletim annun-
ciando que se realizaram hontem, 3
de Abril, 400 encanecidos com-
bates em frente ás fortificações ex-
teriores da praça de Verdun, torpede-
ando o exercito allemão sempre atraves
de linhas francezas.

A lucta estere ralhada, sobretudo
deante dos torres de Douaumont e
Vaux, da serra de Verdun.

Trecho de Carta



Faça como eu: tome o remédio ideal para todas as doenças do útero, tome **A Saúde da Mulher** e ficará curada de seus infortúnios.

Doença da Mulher - Rio

Sabida de Rio Branco, não-homem, com destino a esta cidade a carta "Saúde da Mulher".

De Rio Branco onde é urgente, chegou na sexta-feira o Dr. Francisco Lopes.

Quando havia que não foi penitente imortalizado, a carta "Saúde da Mulher", chegou em Rio Branco, em 22 de maio, com o nome de uma carta para os portos da Itália, ali de cima.

Para maiores e grande deparativo do sangue "Saúde da Mulher" do farmacêutico chinês S. Y. Y. não é preciso ter um cartão a respeito do sexo.

Vida social

Casamentos:

Edição de ontem à noite, em casa do nosso compatriota Dr. Bruno Barbosa, o enlace matrimonial de sua filha, a gracinha Benedita Benedita M. Barbosa, filha do nosso amigo Dr. Rômulo Falcão e sua esposa, com o nosso amigo Sr. José de Santa Lúcia, filho da casa Vianna Garibay Miranda.

No próximo número iremos publicar a cerimônia da cerimônia.

Aniversários

No dia 3 passou o aniversário da Sra. D. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

Conspicua vida social de ontem à noite, em casa do nosso amigo Dr. Rômulo Falcão, o enlace matrimonial de sua filha, a gracinha Benedita Benedita M. Barbosa, filha do nosso amigo Dr. Rômulo Falcão e sua esposa, com o nosso amigo Sr. José de Santa Lúcia, filho da casa Vianna Garibay Miranda.

Passou o aniversário da Sra. D. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

Falecidos

Hoje o Dr. Francisco Lopes, filho do nosso amigo Sr. Bruno Barbosa, o enlace matrimonial de sua filha, a gracinha Benedita Benedita M. Barbosa, filha do nosso amigo Dr. Rômulo Falcão e sua esposa, com o nosso amigo Sr. José de Santa Lúcia, filho da casa Vianna Garibay Miranda.

No dia 19 o nosso amigo Sr. José de Santa Lúcia, filho da casa Vianna Garibay Miranda, o enlace matrimonial de sua filha, a gracinha Benedita Benedita M. Barbosa, filha do nosso amigo Dr. Rômulo Falcão e sua esposa, com o nosso amigo Sr. José de Santa Lúcia, filho da casa Vianna Garibay Miranda.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 20 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 21 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 22 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 23 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 24 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 25 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 26 o Sr. Carlos Augusto Machado, filho do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 21 — O distinto amigo Sr. Alfredo

Alfredo, farmacêutico em Porto Acre.

A gracinha Benedita Benedita M. Barbosa, filha do nosso amigo e amigo

amigo Capitão Moyses Benedita de Almeida,

gerente do "Balanço do Acre".

No dia 22 — A Sra. Ben. D. Maria de Souza

Benedita, esposa do nosso amigo Sr. José de

Santa Lúcia, filho da casa Vianna Garibay

Miranda.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 23 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 24 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 25 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 26 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 27 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 28 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 29 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 30 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 31 — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 1 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 2 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 3 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 4 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 5 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 6 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 7 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 8 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 9 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

No dia 10 de Julho — O Sr. Carlos Augusto Machado, filho do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

A nossa amiga Sr. Maria de Souza Lima, esposa do

nosso amigo Sr. Francisco de Souza Lima, negociante em "Pernambuco" no alto Acre.

Acre na administração a que o fundo

Partido Construtor emprestava luzes

e do qual S. S. era presidente?

Diga o sr. Rodrigo de Carvalho o

que foi feito de dois mil quatrocentos

e setenta e cinco contos de reais

recebidos do Governo Federal na admi-

nistração construtora para o quiceto

das despesas desta Prefeitura?

Diga ainda o sr. Rodrigo de Car-

valho porque aquela administração

usou cogitos da iluminação da cidade

que, como S. S. diz e eu confirmo, era

iluminada a kerosene?

Ora, sr. Rodrigo, sabe-se do

seguinte: o sr. A. e o sr. Monteiro

deixaram aqui chegar até que chegou

agido, pautou sempre os seus actos

por intencionalidade; não era

frequentador de clubes de jogos como

os S. S. e não se metia na vida da

cidade, não participava e o das agi-

ções da Prefeitura, não se metia em

assuntos que couberam ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

ao sr. A. e ao sr. A. e ao sr. A. e

Elixir de Nogueira

Emprego em

casos das seguintes do-

leas:

Doenças da

mulher.

Doenças da

mulher.

Doenças da

mulher.

Doenças da

mulher.

Doenças da

mulher.

Doenças da

mulher.

Brazil Aceno

Araujo Martins & C.^a

Successores de PEREIRA DE ARAUJO & COMP.

9---Boulevard da Republica---9

EXTRAORDINARIO ARMAZEN DE FERRAGENS

O campeão da barateza e excellencia dos artigos

VENIDAS POR GROSSO! VENIDAS A RETALHO!

Todos os artigos são de superior qualidade

Seu preço não excessivamente baixo

O zelo e condições com que faremos a nossa importação collocam-nos na posição de concorrentes a nossa frequência

VANTAGENS INCOMPARAVEL

Uma compra feita no nosso estabelecimento desperta sempre uma GRATIA LEMBRANCA porque compramos de

BOM POR POUCO DINHEIRO

Além da multidão de artigos que fazem o commercio de um armazem de ferragens completo e perfeito, dispomos, como especialidade, dos seguintes: Carroto de colcho, loiça esmaltada, balas, arcos de fogo, cimento Cacha, cal virgem, ferramentas Collins e outras, ruberoid para cobrir habitações, cordalhas, fornos de ferro e de cobre, tintas e óleos para pintura, coltes de ferro, utensílios para todas as profissões, vasilhames, oleos para lubrificação, apetrechos de iluminação, machados para gelar (golam por completo, em 2 minutos, 1 litro de qualquer liquido), canos, idêus, bombas para engenho, fogões portugueses e americanos, desulfurantes de todas as classes.

9, Boulevard da Republica, 9

DEFRENTE DO SERVAÇO DE FERRO

Caixa no Correio, 127 Codigo Ribeiro e ABC, 4.^a e 5.^a ed.

Endereço telegraphico—AGRAMOS

PARA' BELÉM

CASA FELIPPE

Esta conhecida casa acaba de receber pelos vapores ultimamente entrados neste porto, grande e completo sortimento de fazendas, miudezas, roupas feitas, calçados, longas, estivas e ferragens. Recebem também especial sortimento de TAPETES, ESTEIRINHAS e TELAS de arame, que vende pelos preços mais resumidos da praça, não temendo nenhuma competencia

à RUA PURÚS

CASA GUARANY

—DE— Miguel Azulay

Recebemos pelo vapor CABRAL o grande sortimento de fazendas, miudezas, armariño, roupas feitas e estivas em quantidade.

Todos a CASA GUARANY

RUA PURÚS, canto da Rua Yaco

SENNA MADUREIRA

Bazar do Purús

DE Antonio Miguel & Comp.

tem completo sortimento de fazendas, roupas feitas, armariño, fumarias e chapcos etc. Bebidas nacionais e estrangeiras, estivas, longas e ferragens de todas as qualidades

VENIDAS A DINHEIRO

RUA AMAZONAS EM FRENTE A IOREIA MATRIZ

PHARMACIA ALTO-PURÚS

JOÃO MARINHO CORREA

Dr. Carqueira Dito

CONSULTAS

De 9 de 10, da manhã

Atendem recitas a qualquer hora da noite

RUA YACO-S. MADUREIRA

Dr. Carlos Ribeiro

CONSULTAS

De 1 de 2, da manhã

Dr. Carlos Vazolla

CONSULTAS

De 1 de 2, da manhã

De 4 de 5, da tarde

Completo sortimento de drogas, productos químicos, e especialidades de pharmacia

CONSTRUYAN—Das 10 de 11 da manhã

Atendem recitas com promptidão e assaio

A Casa Arana Stelgmann & C., antiga Casa Jesse,

previne aos seus estimados frequentes que recebem ultimamente um completo e variadissimo sortimento de fazenda, armariño, longas, vidros, bebidas e estivas.

FREQUENTE SEM COMPETENCIA!

RUA PURÚS, CANTO DA RUA YACO
Senna Madureira

O ACRE

Nepary, 29 de Abril de 1913.

Elixir de Nogueira



Vende-se em todas as boas farmácias

Unico que cura a syphilis.

RESTAURANTE ITALIANO

De V. CASTELLARI RUA 6 DE AGOSTO

Este estabelecimento dispõe de pessoal habilitado para um serviço de primeira ordem, acha-se nas condições de bem servir ao publico e aos sr.s viajantes.

Cosinha italiana franqueada ao publico
SORTIMENTO ESPECIAL DE BEBIDAS
FINAS DAS MELHORES PROCEDENCIAS
Escurra-se de serviços completos para
banquetes, bailes, etc.

Cidade de Napary-Acre



Cirurgião-Dentista

M. CASTELLO BRANCO

Formado pela Faculdade de Medicina e Odontologia do Rio de Janeiro

Estabelecido com Gabinete Dentario em Pernambuco, Recife, ha 16 annos na rua da Imperatriz n. 10, com longa pratica nos principaes Gabinetes Americanos do Rio e actualmente nesta localidade, offerece seus serviços profissionais.

Coloca dentes pulpos syntheticos mais modernos, com chapas de vulcanite, ouro e suas chapas Bridge-Work.
Coloca pivots com espiro de ouro e platina.
Coloca cordões articulares de ouro.

Realiza dentes de ouro.
Ostura outros pillos, pontalinas e dentes numerus.
Extrahe dentes em raiz, sem dor, com anesthesia.
Corrige anomalias do aparelho dentario, trata de gulas dentarias, abcessos alveolares, gengivites, periodontites, pyorrhea alveolar, stomatites e de todas as moléstias proprias da mucosa bucal.

Trabalha para a fabricacao de sua protese, de aparelhos, instrumentos e materialia especializados dos mais renomados fabricadores Americanos e Europeus.

Consultas: - De 8 ás 11 e de 1 ás 5, Rua 24 de Janeiro NAPARY

A CASA "J. O. BASTOS"

Depois da grande reforma porque passou dispõe sempre de um variado sortimento de mercaderias, para vender a PREÇOS FIXOS e os mais reduzidos da praça, constante dos seguintes artigos:

Estivas, For agn's, Passadas, Mudas e Forquias, das melhores fabricas estrangeiras. Artigos confeccionados para homens e senhoras. Enfeites modernos para cabelllos. Bobarques de seda e GRANDE SORTIMENTO de Calçados Americanos e Europeus, para homens, senhoras e crianças.

Chapeos de massa e de palha, para homem, o que ha de mais est. Garante-se seriedade nos negocios e que a casa mais barateira desta cidade.

VISITEM A CASA J. O. Bastos, N. 29 BOUTONNARD

constante sortimento de artigos novos e de bom gosto. Por preços modicos.

APROVEITEM AS GRANDES VANTAGENS QUE OFFERECE A CASA BASTOS A' RUA 6 DE AGOSTO

Clinica Medico-Chirurgica
DR. ALF. RIBEIRO SACRAMENTO
Especialidade em Doenças da Pele e das Mucosas
Residência: Rua "Ses-Cinza" 200, NAPARY

Dr. Arthur Rocha
Médico
Residência: Empressa

A COLONIA PORTUGUESA
Tendo recebido carta do Hon. Sr. Dr. Antonio José de Almeida, pedindo a estatística dos portugueses residentes nesta região, a fim de satisfazer a pedido que em nome da Colonia lhe foi feito, para conseguir a criação de um Vico-Consulado, com sede nesta cidade, para a todos os cidadãos portugueses que virão com a sua patria nativa e enviarem seus nomes, com a profissão e residência para a "Colonia Humil", rua 17 de Novembro, a fim de se poder organizar a estatística pedida.

Napary, 28 de Março de 1913.
F. J. Faria.

AVISO
Retirando-me temporariamente desta cidade, aviso aqueles com quem tenho relações comerciais, que deixo como meu bastante procurador a Sr. João de Barros Pires, domiciliado no proprietário da casa. Omece. N. Capital da Republica para onde vou, podem dispor com liberdade, aquellos que quiserem-me com a sua amizade.

Napary, 8 de Abril de 1913.
P. J. de Cassiano Silva.
Branquinho Almeida.

AO COMMERCO
Os signatarios da presente declaratoria ao Commercio deste Departamento e das pracs de Para e Manaus, que constituiram uma sociedade mercantil que girava sob a razão social de Oliveira & Soares, conforme contracto firmado em 25 de Março p. p. e archivado no Registro desta Comarca.

Napary, 5 de Abril de 1913.
Francisco d'Oliveira.
Edmundo Soares.

As Comarcas e as Publicas
O abito assignado pode ao publico em geral e ao commercio de Napary, que quisa se julgar seu credor apresente as contas o mais tardar 15 dias datado de hoje, a fim de serem verificadas e pagas immediatamente.

Napary, Abril de 1913.
Gabriel Kandelberg.

AO COMMERCO
Nesta cidade assignados, declaratoria que nesta data comparecem ao Hon. Alvaro José Mendes, nas mercadorias existentes no seu estabelecimento a rua 17 de Novembro, pela importancia de 15000000, livres e dezcentavagos de toda e qualquer responsabilidade.

Napary, 7 de Abril de 1913.
Alfredo José Mendes.

DECLARACAO
Os abaixo assignados declaratoria que em virtude do fallecimento do socio Victorino Ferreira Maia, desolveram a sociedade que girava neste Departamento sob a razão social de Oliveira, Soares & C., cabendo-lhe os bens e os termos da escriptura do respectivo contracto social, ficando o Activo e Passivo da firma ora extinta a cargo dos socios sobreviventes.

Napary, 5 de Abril de 1913.
João de O. Oliveira.
Edmundo Soares.

CAUCHAL VIRGEN
Precisa-se de alguns caucheiros que saibam trabalhar com perfeição. Informações na Praia de Sapateiro e nesta redacção.

IMPRESSO NA "TYPOGRAPHIA DO CORREIO DO ACRE"

MUTUA PREDIAL

SOCIEDADE BENEFICENTE AMAZONENSE

Authorizada a funcionar por Decreto n. 1033 de 26 de Novembro de 1912 e registrada no Registro Especial de Tributos e Documentos sob o n. 2 de ordem 42

Melante pagadora contribuições de 20000, 25000, 40000 e 50000 de acordo com o preço maximo de accumulção de 20 na 30 annos a partir de 1912, 1913 e 2000000, pagos em duas prestações, a MUTUA PREDIAL, organizada sob o regime de mutualidade, facilita a todos os seus socios a aquisição de predios de rubro de 1000000 e 2000000, ou de valor superior, conforme accedida previo.

A occupação dos predios é determinada por meio de sorteios annuaes, quando o socio não preferir occupar immediatamente solidifica a sociedade uma ou mais construções anticipadas, mediante ventosilhões convençionados do capital, empregado a juros de 1% ao mez.

Como qualquer socio não pode pagar mais de 1000000 em 10 annos por uma construçao de 1000000 ou 2000000, cabe-lhe o direito de receber nas construções anticipadas o accedente daquellas importancias, menos os juros pagos.

O caracter beneficente da MUTUA PREDIAL, tem o seu maior relevo no subsidio ao sauparo a Família do socio fallecido, sempre que ella fique na impossibilidade de satisfazer as obrigações sociais, como tambem na distribuçao dos seus lucros hipotecarios annuaes por todos os seus socios, menos 10%, que são distribuidos em partes iguais a Santa Casa de Misericordia e Asylo de Menoridade desta capital.

Almas mais: - O socio que for contemplado em sorteo e não possuir terreno ou não poder adquirir de terceiros, pôde solicitar a sociedade que lhe forneça, e esta o fará, pelo mesmo preço, autorizando o socio o seu justo valor pelo modo que ficar convençionado.

Cumpramos, pois, a attenção dos sr.s Chefes de Família que ainda não fizeram as suas inscripções para os sorteios indicativos que a MUTUA PREDIAL offerece, accres de sua verdade consignada nos Estatutos.

UMA VEZ O BOM DO PAGER, ao predio, jamais poderá perdê-lo, desde que deixe de satisfazer as obrigações estabelecidas.

Distribuem-se Estatutos e dáp-se quâquer informações a respeito na

SEDE SOCIAL -- Rua Gallinas Mendez, 23 -- MANAUS

BANQUEIRO E AGENTE NESTA CIDADE: -- J. O. BASTOS, Joaquim d'Oliveira Bivar.

ADVOGADO
DR. ALBERTO CACELLA
PROCURADOR
Temporariamente: Rua 10 de Maio, n. 100, Napary, 17 de Novembro de 1913.
Residência: Rua 10 de Maio, n. 100, Napary.

LOURENÇO MOREIRA LIMA
Advogado
Rua Coronel Brandão
NAPARY

VICENTE BLOCHINI
CHAVEIRO - LUGAR
Encarregado de que quer serviço de chaveiro, que accedem com a chave para a casa de Napary.
- Colheitas, amovíveis e imóveis -
Residência: - Rua 10 de Maio, n. 100, Napary, 17 de Novembro de 1913.
Residência: - Rua 24 de Janeiro, n. 10, Napary, 17 de Novembro de 1913.

ADVOGADO
Luiz Navarro C. de Moraes
Advogado
Rua Coronel Brandão
NAPARY

Francisco Condo
ADVOGADO
Praça Barão do Rio Branco
NAPARY

13 de Fevereiro de 1916.

COMMERCE DO ACRE

Farmacia MarizDE
OCTAVIO MARIZ

Sortimento constante de medicamentos nacionais e estrangeiros, a preços sem competencia.

Rua 6 de Agosto

XAPURY

ALFAIATARIA CENTRALDE
Jorge S. Chagoury

Completo e variado sortimento de casemiras finas, linhos branco e de cor, kaki nacional e estrangeiro, mesola e fustões para colete.

Especialidade em roupas sob medida — Grande stock de roupas feitas a preços reduzidos.

Rua 17 de Novembro, Nº 15.

XAPURY

ALERTA!...

Trata a pobreza do sangue, a fraqueza, a anêmia, que será forte para a luta!

Usa a FERROLINA o melhor vinho ferrugineoso conhecido para combater a debilidade

Contem ferro, soda, kola, arsenico, extracto do carne, etc.

Experimentos que versis!

Vende-se na Pharmacia e Drogeria do Povo

Officina Mechanica á VaporDE
Ignacio L. Passarinho

Contando com um pessoal habilitadissimo, offerece os serviços profissionais ao respeitavel publico. Especialidade em serviços de torneiro-mechanico. Concerta-se lanchas e motores de qualquer especie, assim como faz-se camizas de aço, ponta de eixos torneados a vapor, buxas de madeira, machadinhos para seringa e todo serviço tendente a arte.

Preços sem competencia

RUA 6 DE AGOSTO, N. 5

XAPURY

Maravilhosa descoberta

— DO —

Sára - Cura

DE

Antonio Tavares do Pinho

Em embalagem especial, contendo o necessario para curativos completos, é o melhor remédio até hoje descoberto para cura radical das feridas de qualquer caracter, chronicas ou recentes, frieiras, empigens, golpes, queimaduras e mais infecções da epiderme de origem parasitaria.

Numerosos atestados de doentes curados e distinctos medicos, justificam ser o SARA-CURA o melhor remédio e sem igual para qualquer ferida.

Vende-se na Pará e Manãos nas melhores Pharmacias

Vende-se nesta cidade na
"Drogeria do Povo".**OFFICINA A VAPOR DE FERREIRO, SERRALHEIRO E ESTINGUADOR.**
FUNDIÇÃO, TORNEIRO E MECANICADE
PIRES DA COSTA & COMP.

Largo do Palacio n.º 20

Endereço telegraphico: AMANDIO Caixa Postal: 480

PARÁ

Tem sempre em deposito grande sortimento de ferro e aço em vergalhões, chuzas e cantoneiras; metal e cobre em chapas e vergalhões, ferro e metal para fundição, carvão para forjas e coko; e carroços.

Fazem aos melhores preços todos a especialidade de gradeamentos, todos, marquizes e todas as obras concernente a sua arte.

Compram aos melhores preços COBRE e METAL velho.

Tosse, catarrho pulmonar,

desapparece em pouco tempo com o uso do Xarope de alcatrão composto preparado pelo pharmaceutico

Lauro Moreira.

As enfermidades recentes ou chronicas que atacam a via respiratoria são combatidas efficazmente com o emprego deste poderoso medicamento.

A venda na Pharmacia e Drogeria do Povo.

**Brevemente! Reabertura
Da "CASA POPULAR"
DE DANTAS SOBRINHO**

Rua Coronel Brandão, canto do Bosque Municipal

Mercaria, Botequim, Bilhares e esplendido serviço de banhos, a preços reduzidos.

ACRE - XAPURY

CASA TUFICDE
TUFIE C. DERZI

Grande sortimento de Fazendas, Miudezas, Medicamentos, Perfumarias, Calçados, Ferragens, Louças, Vidros, Secos e Molhados

Rua 17 de Novembro N. 4

Clinica Cirurgica DentariaDE
Dr. Nahum Vieira

Estabelecido com GABINETE DENTARIO em Rio de Janeiro, Ceará e Pará com longa pratica nos principaes Gabinetes Americanos do Rio e actualmente, nesta localidade, offerece seus serviços profissionais.

Coloca dentes, pontas e alfileres e mais restaurações, extração de dentes, extração de dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

Coloca dentes com o uso da "Dr. Williams".

FABRICA AURORA

— DE —

Antonio Dias de Oliveira

PADARIA, BISCOUTARIA E CONFEITARIA.

Chocolates e Biscoitos alimentícios

FABRICA DE GELLO E TORREFACAO DE CAFE

FABRICA DOS CIGARROS AURORA

Commissões, Consignações e Conta propria

Grande variedade de marcas de vinho para mesa, sobremesa, licor, Binarutos, etc.

Excelente salão de bilhar e bo-
tequim

Peruadora de iluminação publica e particular,
dispondo de pessoal habilitado para instal-
lações electricas.

End. Telef. "AURORA"

Rua 6 de Agosto N. 17

XAPURY - DEPARTAMENTO DO ALTO ACRE.

BAZAR PARAENSE

— DE —

SABALLA KOURI & IRMÃO

Neste grande estabelecimento encontra-se
sempre completo sortimento de Fazen-
das, Miudezas, Ferragens, Estivas, Medi-
camentos e artigos de Livraria.

Variado sortimento de calçados para homens,
senhoras e crianças.

Constante sortimento de perfumaria-
rias das melhores fabricantes.

MICRODOSIMOS NOVAS E A PREÇOS REDUZIDOS

Rua 17 de Novembro N.
RIO ACRE XAPURY

O BARATEIRO

DE

CHECRI ASGAR & IRMÃO

Grande e lindo sortimento de fazendas finissi-
mas, roupas de casa e miudezas

Perfumarias de primeira qualidade fabricadas em
e das principais fabricas da Europa.

Calçado nacional e estrangeiro do primeiro modelo RURAL

ESTIVAS, FERRAGENS E MEDICAMENTOS

Vendas somente a DINHEIRO

RUA 6 DE AGOSTO XAPURY

CASA TUFIC

— DE —

TUFIC A. DERZI

Grande sortimento de Fazendas, Miudezas,
Medicamentos, Perfumarias, Calçados,
Ferragens, Louças, Vidros, Seccos o
Molhados

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE.

Rua 17 de Novembro N. 4
Xapury Rio Acre

CASA KOURI

DE

F. M. Kouri & Comp.

Grande e variado Stock de fazendas e miude-
zas, perfumarias finas, calçados para homens,
senhoras e crianças, ferragens, louças e me-
dicamentos.

SEMPRE GRANDE DEPOSITO DE BEBIDAS E ESTIVAS.

PREÇOS SEM COMPETENCIA TODOS A CASA KOURI

RUA 17 DE NOVEMBRO N. XAPURY - RIO ACRE

Pharmacia Internacional

DE

J. Peret & Comp.

SEMPRE GRANDE STOCK DE DROGAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS.
Atendimento a qualquer hora do dia e da noite
CONSULTORIO MEDICO PERMANENTE.

INTERMUNICIA ALTO ACRE